

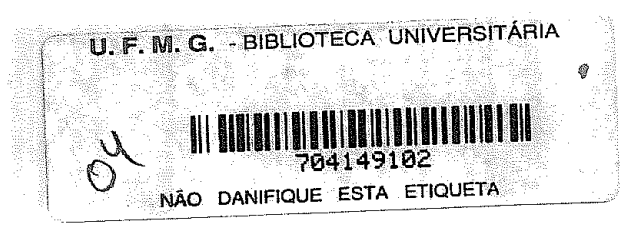
T
401.9
M672u

Marildes Marinho Miranda

OS USOS SOCIAIS DA ESCRITA
NO COTIDIANO DE CAMADAS POPULARES

AC 28660

INV 05



Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Magda Becker Soares

Co-orientadora: Profa. Dra. Tânia Dauster

FAE/UFMG
Belo Horizonte
1991

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO / UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DA 159a. (Centésima quinquagésima nona) APRESENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO NO COLEGIADO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA FAE/UFMG.

Aos doze dias do mês de setembro de mil novecentos e noventa e um, realizou-se na sala no. 307 do prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, mais uma reunião para apresentação da defesa de dissertação: "Os usos sociais da escrita no cotidiano de camadas populares", da aluna **MARILDES MARINHO MIRANDA**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Magda Becker Soares - Orientadora, Tânia Dauster Magalhães e Silva - Co-Orientadora, Maria das Graças de Castro Sena e Léa Pinheiro Paixão. Os trabalhos iniciaram-se às quatorze horas e trinta e cinco minutos, com a síntese da dissertação feita pela mestrande. Em seguida os senhores membros da banca fizeram uma arguição pública à candidata. Após o relato da orientadora, a banca foi unânime em aprovar a dissertação de **MARILDES MARINHO MIRANDA** que passa a Mestre em Educação, devendo encaminhar à Secretaria do Curso a versão final em 05 (cinco) exemplares. Nada mais havendo a tratar, eu, Neuza Maria de Paula, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Educação, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada será por mim assinada e pelos membros da banca examinadora. Belo Horizonte, 12 de setembro de 1991.

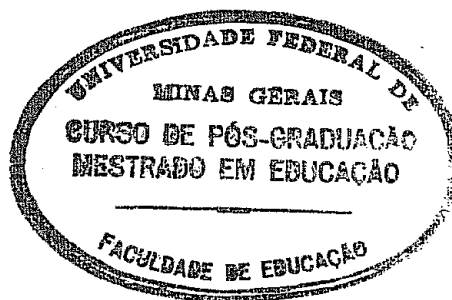
Magda Becker Soares
MAGDA BECKER SOARES - Orientadora

Tânia Dauster Magalhães e Silva
TÂNIA DAUSTER MAGALHÃES E SILVA - Co-Orientadora

Maria das Graças de Castro Sena
MARIA DAS GRAÇAS DE CASTRO SENA

Léa Pinheiro Paixão
LEA PINHEIRO PAIXÃO

Neuza M. de Paula
NEUZA MARIA DE PAULA
Secretária do Programa de Pós-Graduação em Educação
FAE/UFMG



Neuza M. de Paula
Neuza Maria de Paula
Secretária do Curso de Pós Graduação
em Educação - FAE/UFMG

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

APRESENTAÇÃO

CONSTRUINDO O OBJETO

	Página
Linguagem: Delimitando uma perspectiva	1
Classes Populares: o ventríloquo de múltiplas fontes	13
O Cotidiano: por uma sociologia do "banal" e do "monótono"	24
Diário de Campo: um manuscrito "estranho" e "desbotado"	33
Um Retrato em branco e preto	48
Aflitos, Atrevidos, Marmiteiros e Vicentinos .	48
Barracos, Cortiços e Prédios: a moradia como índice de poder	57
Vila-Savassi: relações clientelísticas?	68
Ricos e Pobres: um espelhamento de teorias e espaços de aprendizagens	71

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO / UFMG

A ESCRITA NO COTIDIANO: UMA TRILHA ENTRE MÚLTIPLOS
CAMINHOS INTERPRETATIVOS

	Página
Letramento e Classificações Sociais	83
Um Olhar Microscópico em Categorias Polissê- micas: analfabeto, semi-analfabeto, alfabeti- zado, estudado	83
Analfabetos de Livros e Estudados da Vida	93
Da Gramática da Língua à Gramática do Compor- tamento	105
(I) letrados da Palavra: escrita/oralidade ...	109
O Quê, Como e Para Quê Ler e Escrever?	114
Família e Vizinhaça	129
Estantes, Caixotes e Colchões	150
Pelas Portas do Sagrado	154
Ciclo Bíblico	158
Catequese	169
Grupo de Jovens	172
Biscateiros? Lápis e Livros?	176
Nesse Cenário, Com Quem se Partilha a Cena? ..	182
CONCLUSÃO	188
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	200
ANEXOS	208

RESUMO

Esta dissertação tem como proposta básica uma análise dos significados da escrita para segmentos sociais economicamente desfavorecidos. Uma abordagem de caráter etnográfico, numa vila - zona periférica de Belo Horizonte - permitiu situar a escrita no contexto dos valores, das normas, da produção simbólica dos moradores dessa vila. Uma constatação relevante foi a de que a escrita participa do conjunto de valores desses sujeitos, ao lado de outros, a exemplo da religiosidade, do trabalho, da comunicabilidade, da família. Dadas as suas especificidades, ler e escrever constituem atividades mediadoras na construção de um projeto de pessoa que esses indivíduos se propõem alcançar. Ou seja, a escrita permeia espaços e teorias de aprendizagem e de vivência das relações interpessoais. Além de ultrapassarem as funções informativa e comunicativa, as peculiaridades dos usos da escrita, nesse universo social, permitem refazer algumas representações construídas por um senso comum de um discurso acadêmico; entre elas a da predominância de um uso estritamente pragmático da escrita e do seu papel enquanto mecanismo de ascensão social para as classes trabalhadoras. Outra

Local
Arquivo
2003
cento

Projeto
1983

vertente representativa desses moradores aponta para as classificações criadas a partir do letramento. Nesse limite, foi possível ampliar uma polissemia dos termos "oficiais" - analfabeto, semi-analfabeto, alfabetizado, estudado. Enfim, a quantidade de materiais escritos que circulam nessa Vila, somada às variadas funções e usos que deles se fazem, permitem afirmar que as representações sobre o letramento, por parte desses sujeitos, apresentam especificidade e lógica própria, quando comparadas às representações de um discurso dominante.

ABSTRACT

The basic proposal of this dissertation is to analyse the meanings of writing for economically unfavored social segments. By means of an ethnographical approach it was possible to identify writing within the context of values, rules, and symbolic production of a small village in the outskirts of Belo Horizonte. A relevant finding was that writing integrates the subjects' set of values, together with religion, work, communication and family. Given their peculiarities, reading and writing represent activities which mediate the construction of an idealized type of person these individuals desire to become. In other words, writing permeates dimensions and theories of learning and life experiences in the realm of interpersonal relations. Reaching beyond their informative and communicative purposes, the peculiarities of writing usages, within this social universe, allow us to relativize some of the representations construed by common sense from an academic discourse, among which the prevalence of a strictly pragmatic use of writing, and its role as a means of social ascension for the working class. Another representative characteristic of these indi-

lysemy of "official" terms, such as illiterate, semi-illiterate, learned. Summing up, the amount of written material available in this village, combined with its many roles and usages, allows us to state that the views these individuals hold about literacy present a specificity and logic of their own, when compared to the representations of a dominant discourse.

À minha mãe, matriz primeira dessas visões.

Ao Guilherme e Vinícius, endereço imediato para meus desejos de renascimento e transformação.

Ao João Bosco, pelo carinho com que partilhou todo o trajeto.

AGRADECIMENTO

A imagem que tenho é a de que, durante a realização deste trabalho, estive dentro de um barco onde havia uma tripulação constante e outra que se revezou, segundo condições e conveniências particulares. Na verdade, todos os amigos e companheiros do dia-a-dia se envolveram de alguma maneira nessa viagem. Não seria possível enumerá-los, mas agradeço, com carinho, a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para o término desta dissertação.

À Magda, não somente pela orientação competente, mas também pelas formas inéditas e eficazes com que me fez crescer.

À Tânia Dauster, pela paciência, carinho e competência com que não deixou que o barco naufragasse em mares desconhecidos do trabalho de campo.

Aos moradores da Vila São Vicente, que permitiram este trabalho, me acolhendo e me mostrando novos sentimentos e novas formas de viver.

Aos amigos e companheiros do mestrado que, ao possibilitarem um trabalho coletivo, me levaram a uma utilização de um ponto de vista discursivo, muitas vezes, no

plural: Leiva, Lalu, Lia, Dute, Brisa, Cristina, Ana e Suzana.

Ao professor Carlos Rodrigues Brandão, cujas idéias e sugestões se mantêm nesta versão final.

Ao professor Carlos Jamil Cury, pelas sugestões e estímulo.

À professora Alice Inês de Oliveira, minha "madrinha", pelo carinho, sugestões e incentivo.

Ao Euclides Redin, pelo apoio decisivo quando optei por este mestrado.

Aos companheiros e amigos, que não me deixaram morrer na praia, colaborando na concepção final deste texto: José Maria Paiva, Carlos Henrique, Marita, Leiva, Sérgio, Sílvio, William, Lucinha e Marco.

À Ivone, à Márcia e Valdir, amigos constantes, que me socorreram em momentos difíceis.

À FAPEMIG, por ter financiado parte desta pesquisa.

*Um homem é, primeiro, o pranto, o sal,
o mal, o fel, o sol, o mar - o homem.
Só depois surge a sua infância-texto,
explicação das aves que o comem.
Só depois antes aparece ao homem.
(Paulo Mendes Campos, Infância)*

APRESENTAÇÃO

A apresentação deste trabalho poderia ter uma forma a que eu chamaria de mais íntima, mais afetiva ou pessoal. Esta opção conduziria a um "flash back" da minha trajetória na escola, na família, enfim, por múltiplos espaços e relações aos quais seria possível atribuir os filtros de leitura da realidade por que passou a construção deste discurso.

Ao optar por não percorrer esse caminho, não devo deixar de tributar a ele o marco inicial de referência das análises aqui propostas: buscar a compreensão de segmentos sociais discriminados política e socialmente. Em síntese, prefiro dar um salto histórico, em relação aos fatos explicativos, para a demarcação desse ponto de partida e, ao mesmo tempo, abandonar um tom discursivo mais intimista, para tecer, então, algumas considerações e implicações teóricas.

Na primeira parte - capítulo segundo - faço uma síntese dos variados usos do termo "camadas populares" e das tendências geradoras de percepções sobre a cultura dessas camadas. Ainda nessa parte, me proponho a olhar para a produção simbólica das várias camadas sociais como um

processo dialógico ou de relação "circular". Deixar transparecer o ponto de vista do outro, estabelecer um canal de comunicação com os grupos até então silenciados por um discurso dominante, "dar voz ao povo" ou "falar pelo povo" transformaram-se em *slogans* que escondem por detrás contradições e impasses os quais, embora não nos levem a desistir de um projeto de ir ao encontro da alteridade, de desejar uma sintonia comunicativa, não nos cegam em relação a essas contradições.

BOURDIEU (1990), de forma provocadora, apontou os campos de produção dos discursos sobre o "povo". Há três campos discursivos básicos que lidam com esse universo semântico: o político, o religioso e o literário ou artístico, estando esses três campos ordenados segundo seu poder e força de utilização da palavra "povo".

O campo político é, segundo esse autor, *onde se pode jogar com todas as ambigüidades da palavra povo.* (p. 181). No campo literário ou artístico encontra-se a força mínima, onde o popular significa desvalorização e desqualificação do produtor. Intermediário a esses dois campos está o religioso, que, embora tenha que buscar uma concepção de religião espiritualizada, purificada, não pode furtar-se às exigências externas, comerciais, de oferecer uma religião que atenda aos interesses de uma clientela leiga. (p. 182)

O que chama mais a atenção, pelo significado dirigido a nós, intelectuais e outros porta-vozes que se julgam no direito de falar pelo povo, é a determinação do discurso produzido, segundo os interesses específicos do campo

cultural de onde se fala e da posição ocupada pela pessoa que fala no interior desse campo. Por isso haverá sempre os detentores legítimos para definir o que é "popular negativo", o "vulgar", o "positivo", o "genuíno", o "revolucionário". Assim é que os representantes das elites religiosas estão aptos, porque autorizados, a dizer o que é magia, superstição, heresia, e a mostrar os caminhos para uma purificação.

A trajetória daqueles que falam é, também, determinante do conteúdo e da forma discursiva. Se o indivíduo é de origem "humilde" certamente poderá se achar com mais direito e maior conhecimento para falar dos assuntos do povo. Esse direito de maior proximidade com o povo é assinalado por BOURDIEU, nos partidos políticos progressistas e nos sindicatos operários, que primam por afirmar a *eficácia simbólica* do obreirismo. (p. 154)

Entretanto, não se percebe, segundo a perspectiva desse mesmo autor, a possibilidade do corte que há entre o povo e aqueles que se tornam representantes dele.

Essas considerações têm, entre outras, a intenção de explicar e relevar o esforço que investimos para fugir ao etnocentrismo ou ao populismo, os quais constituem fantasmas da produção discursiva de intelectuais e/ou de políticos que percebem essas contradições. O etnocentrismo tem a característica de nos fazer operar com um olhar unidimensional, não demandando esforço por se colocar no lugar do outro, sob o ponto de vista do outro. O populismo, que pode manifestar-se numa forma de relativismo, é o mesmo olhar etnocêntrico às

essas. Substitui-se o olhar do pesquisador pelo olhar "omnipotente" do pesquisado.

O capítulo primeiro - Linguagem: delimitando uma perspectiva - analisa algumas posturas e visões marcadas por etnocentrismo construído segundo contextos diferenciados, em relação à linguagem oral e escrita. Neste capítulo é levantada a hipótese de que, possivelmente, haverá outros discursos, outros comportamentos e valores em relação à escrita, produzidos em espaços sociais diferentes do nosso.

▷ O cotidiano e a etnografia - abordados no terceiro e quarto capítulos, respectivamente, - são articulações estratégicas de abordagem da problemática apresentada para a investigação. No momento em que me propus a interrogar sobre os significados da escrita para grupos sociais desprivilegiados, no seu dia-a-dia, uma perspectiva de inspiração etnográfica do cotidiano das pessoas foi a mais adequada a essa proposta.

Construir um objeto cujo cerne é a relação de sujeitos sociais com um conhecimento - no caso a escrita - desenvolveu numa fotografia desses sujeitos, no capítulo quinto da primeira parte. Tecendo um pouco da história dos moradores do local onde se realizou a pesquisa, focalizei preferencialmente a construção social de um projeto de pessoa, a partir de uma interpretação de valores do grupo. Já neste capítulo é possível situar a escrita participando do conjunto de valores, da articulação desse projeto que eles se propõem estruturar, no dia-a-dia.

▷ O quê, como e para quê lêem e escrevem os moradores

da Vila onde se fez a investigação constitui o interesse central desta dissertação, focalizado na segunda parte. Dois eixos maiores nortearam a abordagem dessa temática: as categorias com as quais os sujeitos se classificam, num campo semântico do letramento, e os materiais escritos que circulam no dia-a-dia desses moradores, articulados aos espaços e usos dos mesmos.

Esses eixos de análise foram representações que, de forma mais adequada, permitiram um enfoque microscópico de referências dos dois universos simbólicos em questão - do pesquisador e do pesquisado. No primeiro caso, as categorias de analfabeto, alfabetizado, semi-analfabeto, estudado são recorrentes aos dois universos, em termos de significante. Contudo, os significados apresentam diferenças que lhes dão, no conjunto, um caráter de singularidade.

No segundo caso, os materiais só ganharam vitalidade e significado próprio quando articulados aos variados espaços e formas de leitura e de escrita, no cotidiano daqueles indivíduos.

A última parte apresenta uma síntese de aspectos recorrentes sobre o letramento dos sujeitos envolvidos na pesquisa; sugere recortes para investigações futuras no campo dos usos sociais da escrita e dialoga com um interlocutor deste texto - o professor - fazendo projeções possíveis dos resultados, no universo escolar.

Construindo o objeto

"...a terra é mesmo redonda desde os primórdios, e ninguém a está vendo chata; todo mundo finge estar acreditando na chatice geral apenas por cansaço e também por preguiça de contestar o que foi decretado.

(J.J. Veiga. Quando a terra era redonda.)

Podemos sempre desafiar o esquema e negar o referente fabricado para a nossa percepção. A exemplo de Magritte, podemos dizer que "ceci continue de ne pas être une pipe, isto continua não sendo um cachimbo":

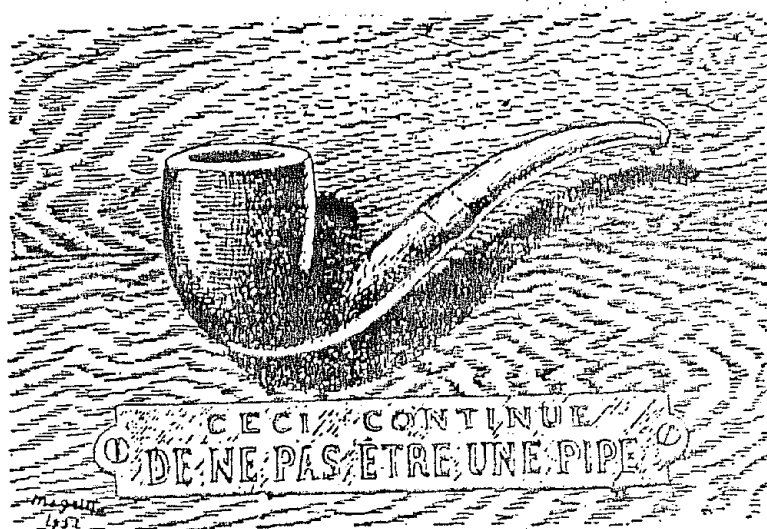


FIG. n.º 8: R. Magritte — La trahison des images (1952)
("A traição das imagens")

Linguagem: delimitando uma perspectiva

Os tártaros vieram do norte
Em crinados potros pequenos;
Aniquilaram os exércitos
Que o Filho do Céu mandou para castigar a impiedade,
Ergueram pirâmides de fogo e cortaram gargantas,
Matarem o perverso e o justo,
Matarem o escravo acorrentado que vigia a porta,
Usaram e esqueceram as mulheres
E seguiram para o sul,
Inocentes como animais de presa,
Cruéis como facas.
Na aurora dúbia
O pai de meu pai salvou os livros.
Aqui estão na torre onde jazo,
Recordando os dias que foram de outros,
Os alheios e antigos.

Em meus olhos não há dias. As prateleiras
Estão muito altas e não as alcançam meus anos.
Léguas de pó e sonho cercam a torre.
Por que enganar-me?
A verdade é que nunca soube ler,
Mas me consolo pensando
Que o imaginado e o passado já são o mesmo
Para um homem que foi
E que contempla o que foi a cidade
E agora volta a ser o deserto.
Que me impede sonhar que alguma vez
Decifrei a sabedoria
E desenhei com aplicada mão os símbolos?
Meu nome é Hsiang. Sou o que custodia os livros,
Que talvez sejam os últimos,
Porque nada sabemos do Império
E do Filho do Céu.
Aí estão nas altas estantes,
A um tempo próximos e distantes,
Secretos e visíveis como os astros.
Aí estão os jardins, os templos:

(BORGES)

A linguagem é uma problemática recorrente na fala de políticos e educadores, quaisquer que sejam as suas concepções teóricas e ideológicas a respeito de educação. Não há disciplina, na área das ciências humanas, que não aborde a linguagem enquanto objeto de estudo: A Psicologia, a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, e, mais especificamente, a Linguística que vem, neste século, cada vez mais se afirmando nas suas abordagens dos fenômenos da linguagem.

Ultrapassando os limites da mera função de transmitir informações, as habilidades de linguagem são elementos constitutivos da trajetória de socialização dos indivíduos nas sociedades contemporâneas.

Quando falamos, falamos para sermos "ouvidos", res-
postados, e para convencer aqueles com quem nos comunicamos.
Saber o momento exato de falar, o que falar e em que termos falar é uma aprendizagem na história de socialização individual. Estamos, repetidas vezes, sendo obrigados a lidar com situações conflituosas geradas pelos atos de linguagem. Como a situação de interação verbal em que uma criança vacila em

...sar o termo favela para designar o local onde mora, pelo ato de um adulto tê-la corrigido, quando anteriormente o usara: quando mudei pra favela... Favela? Favela não. (Luciana, F, 11)¹.

Se cruzarmos as abordagens sobre a linguagem propostas por BOURDIEU (1983) e BERGER & LUCKMAN (1977), poderemos equalizar o alcance social e político desse conhecimento. Para esses dois últimos, a linguagem constitui

o mais importante instrumento de socialização (...) a sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização. Esta interiorização ocorre juntamente com a linguagem. (p. 179).

Para Bourdieu a linguagem é *um instrumento de poder*. A produção lingüística é estruturada a partir da *relação de força simbólica entre os dois locutores*. (p. 160-161). Nesse sentido, as relações professor-aluno, numa sala de aula, concretizam o nível distinto de autoridade, de poder da produção discursiva, naquele espaço. O professor é, predominantemente, aquele que autoriza o *quê*, como, quando e quem pode falar. Há, sempre, condições específicas-sociais, pessoais, históricas - que fazem com que indivíduos ou grupos sociais mobilizem no outro a possibilidade de recepção.

*Linguagem
e Poder*

As expressões da fala "nativa" estarão sempre grifadas, neste trabalho. A referência a falas será feita da seguinte forma: M para os do sexo masculino e F para os do sexo feminino; idade. O sexo e a idade são explicitados por constituírem fatores determinantes da produção discursiva.

Do ponto de vista social, quem tem maior poder de impor uma recepção, ou mesmo de fazer valer a sua linguagem, são os grupos mais fortes econômica e socialmente.

Assim, socializar-se, construir uma identidade, interiorizar uma realidade social é também ter consciência de uma correlação de forças que determina posições, papéis e possibilidades discursivas particulares.

No contexto escolar podemos apontar elementos extralinguísticos como determinantes de concepções tidas como de linguagem. Atribui-se à língua funções, mecanismos de distinções que, na verdade, se situam no plano das condições de produção discursiva.

SOARES (1986), ao discutir a hipótese da "deficiência lingüística", numa perspectiva sociocultural, afirma que o preconceito em relação aos dialetos de grupos de baixo prestígio social

são atitudes sociais, culturalmente aprendidas, pois se baseiam em valores sociais e culturais, não em conhecimentos lingüísticos. Na verdade, são julgamentos sobre os falantes, não sobre a fala. (p. 41)

No plano da história de aquisição da escrita, o processo discriminatório não é diferente. Não é gratuito que os analfabetos de uma sociedade estratificada sejam também os que menos têm voz diante das instituições sociais. Fruto da consciência dessa discriminação é o fato de que o analfabeto, tanto do ponto de vista oficial, das instituições, quanto do ponto de vista dele mesmo, é confundido com pobre, ignorante, roceiro, favelado, maconheiro.

No âmbito mais amplo de uma política educacional, empreendem-se cruzadas para "erradicar" os analfabetos e, não raramente, se vê nos movimentos sociais de base, (sindicatos, associações de bairro, etc.) a manipulação do poder em nome de um maior saber adquirido por parte daqueles que frequentaram escolas. Ou seja, nesses casos, acredita-se que quanto maior o grau de escolarização maior e melhor será a visão e compreensão da realidade.

O poder atribuído à escrita revela-se em três comportamentos.

Um primeiro comportamento é o domínio ou não das habilidades de ler e escrever, como apontado nos parágrafos anteriores.

Um segundo nível é determinado por uma concepção de escrita, construída social e historicamente pelas elites, de forma a excluir quaisquer outras concepções. Existiria, então, uma gramática padrão, repositária das regras de uma língua escrita culta, e que toda a sociedade deve dominar. Decorrem daí as concepções de ensino calcadas na aprendizagem de uma gramática normativa da língua escrita, assim como a resistência a mudanças na língua e a necessidade de policiar o "bom uso", a "correção gramatical", para que a língua não se corrompa. Assim também não se permitem marcas de classe e de cultura que podem aparecer nos textos de indivíduos oriundos de "baixas" camadas sociais. A representação corrente, na literatura e no discurso institucional (propostas de ensino, livros didáticos, discurso de especialista), é de que a escrita é intrinsecamente boa e melhor do

ue a linguagem oral. A oralidade, enquanto produção social cultural, é considerada "inferior" à escrita. Embora essa concepção tenha sido contestada pela Linguística e pela antropologia, é possível apontar comportamentos e falas que admitem a oralidade como uma fase primitiva do desenvolvimento que, numa etapa posterior, deve ser superada. A prática de produção de textos escritos na escola tem apontado uma insistência e uma preocupação, às vezes impropriedade, em "limpar" desses textos qualquer marca da oralidade, inclusive daqueles textos que permitiriam a presença dessa marca.

Completando esses dois comportamentos anteriores, surge, um terceiro que é o de negar a linguagem escrita, não por ela mesma, mas em função dos seus usuários. Repete-se o mesmo mecanismo apontado por SOARES (1986), quando se refere ao preconceito em relação aos dialetos de grupos de baixo prestígio social. Aqui, o preconceito recai sobre o "escritor". O que é escrito pelos "pobres" não é bom, não é correto e não é digno de ser lido, de ser acreditado e respeitado.

Nos congressos, cursos e simpósios, perseguem-se fórmulas mágicas de despertar o gosto, o prazer pelo ler e escrever. Soma-se a isso, por outro lado, o fetiche do livro, que não se admite ser manuseado por qualquer um e nem de qualquer jeito. Há todo um ritual para o uso do livro, uma aura recobre esse objeto; há uma "natural" objeção a que indivíduos que não costumam utilizá-lo o façam: em escolas

licas, é comum encontrarem-se trancados a cadeado os
ários que guardam os livros.

Se temos, por um lado essa fala dominante sobre o
r da escrita, que se quer fala de todos, como falaria o
o, dominado, por si mesmo? É possível vislumbrar formas
espaços para se "ouvir" as concepções desse outro silen-
o? Foi a partir dessas interrogações que comecei a
rvrar usos e materiais escritos que se referiam a espaços
ais extra-escolares e que apresentavam concepções e
cterísticas diferentes das grandes representações e
ctativas produzidas nos espaços socialmente privilegia-

Um volume maior de material escrito está presente no
rior de segmentos sociais dominantes, mas pude observar
adas situações de circulação de material escrito junto a
os populares, seja para registrar uma prece, para anún-
comerciais, para acompanhar os resultados dos jogos do
ro, ou até mesmo para pedir esmolas. Observei situações
leitura as mais diversas, tanto do ponto de vista de
rial, quanto das formas de ler e das funções atribuídas
sa atividade.

Por acreditar, então, que a linguagem - e mais espe-
camente, neste trabalho, a língua escrita - constitui
rtante instrumento de socialização e de poder, é que
investigação se inscreve nessa trilha das funções so-
s da escrita. As atuais estratégias, metodologias e
eções de ensino-aprendizagem da escrita são, por exce-
ia, fruto de uma história social das atitudes,

comportamentos e crenças que se arquitetam sobre esse conhecimento. Daí a importância de buscar formas de relativizar, refazer ou mesmo construir outras atitudes, outras concepções, comportamentos e crenças.

A investigação do problema da representação social da língua escrita pretendeu, então, percorrer um dos múltiplos caminhos que o tema linguagem-cultura-classe social pode suscitar. GNERRE (1985) atenta para o fato de que é necessário

refletir tanto sobre as atitudes, as expectativas e as crenças que outros grupos étnicos, outras classes sociais ou outros grupos de idade podem ter sobre a escrita, como sobre as atitudes e as crenças sobre a escrita compartilhadas dentro da própria tradição escrita, elaborada por minorias letradas ligadas ao poder político e econômico. (p. 34).

SOARES (1988) chama a atenção para o fato de que os estudos sobre a *função social da escrita* são ainda quase inexistentes; na literatura internacional, embora recentes, são já numerosos. (p. 4)

A autora faz uma síntese retrospectiva da produção teórica sobre a alfabetização, apontando para uma tendência estrutural da produção. São os estudos que

buscam identificar as diferenças estruturais entre as gramáticas da fala e a gramática da escrita, diferenças morfológicas, sintáticas e, sobretudo, as diferenças entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico. (p. 4)

Numa segunda tendência estão os estudos de natureza funcional, que têm sido menos frequentes. A palavra

funcional pode-se atribuir dois sentidos. Num primeiro sentido, as funções da língua significam seu "uso", seu "papel", no interior de uma sociedade, objeto de estudos de natureza interdisciplinar - Antropologia, Sociolinguística, Linguística, Psicologia - que perseguem ou as conseqüências psicológicas da aquisição da escrita ou as práticas sociais e os valores atribuídos à escrita em diferentes culturas ou grupos sociais.

Para a autora é importante a contribuição que estudos nessa perspectiva das funções sociais da escrita podem trazer. As concepções que as crianças pertencentes às camadas populares têm sobre esse objeto de conhecimento, certamente interferem no seu processo de alfabetização.

Outro entendimento da palavra função remete à finalidade dos usos da língua, no que se refere à enunciação e ao contexto interacional que a desencadeia. Enquanto uma abordagem estrutural focaliza os dialetos nos seus aspectos fonológicos, lexicos, morfológicos, sintáticos, uma perspectiva funcional da língua escrita focaliza os registros enquanto um *sistema sociossemântico*, descrevendo a *distribuição social de modos de significação*. (p. 4) Haverá, então, uma distribuição social de modos de significação. A hipótese da autora é a de que

{ há uma diferença de classe na relação entre uso da língua e as expectativas prévias a respeito do interlocutor e do contexto. Essa hipótese é sustentada por dados de uma pesquisa em que crianças de níveis socioeconômicos diferentes atribuem funções diferentes aos usos da língua, na escola.

Este trabalho situa-se no âmbito das funções sociais da linguagem procurando visualizar a língua do ponto de vista das práticas de uso, no contexto das "camadas populares". A palavra função é tomada aqui no seu sentido de "valor" e "papel" social que segmentos sociais específicos engendram em torno da língua escrita, no seu ambiente de cultura. Há uma relação entre aprendizagem e as práticas sociais, os usos e papéis da escrita, mas não aprendizagem no sentido escolar de práticas específicas de alfabetização. É uma aprendizagem que se dá no cotidiano de práticas culturais múltiplas². Há de se supor, entretanto, como aponta SOARES (1988) que as concepções e usos sociais por parte das crianças interferem na aprendizagem escolar da leitura e da escrita.

² Para essa perspectiva de pesquisa tem sido utilizado o termo letramento, *literacy* em inglês. Letramento se relaciona com outros termos afins, tais como alfabetização e escrita, ao mesmo tempo que deles se distingue. Letramento e alfabetização referem-se ao processo de aquisição da escrita; enquanto esta pertence ao âmbito de um produto socio-cultural. O que distingue a alfabetização do letramento é que, ela se coloca como um conjunto de habilidades para a leitura e a escrita, ou, em outros termos, as práticas de linguagem escrita. Em geral, essa aprendizagem ocorre dentro da escola e focaliza a trajetória individual. O letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da escrita. (TFOUNI, 1985). Além de referir-se ao espaço social, coletivo, volta-se, também, para questões relacionadas à ausência da escrita, ou seja, o analfabetismo dentro de uma cultura grafocêntrica, as práticas psicossociais de uma sociedade ágrafa, entre outras. Entretanto, não se pode perder de vista a íntima relação que esses termos mantêm entre si, quando, por exemplo, a alfabetização adquire um caráter social que está presente no cerne de questões de uma sociedade letrada. Há quem traduza o termo *literacy* para alfabetismo. v. GRAFF (1990).

Não é fácil, contudo, a tarefa de captar o papel e o uso da escrita, a partir do olhar do outro, principalmente os meios dinâmicos, onde a escrita é o instrumento de trabalho e determinante da posição numa hierarquia institucional: o graduado, o mestre, o doutor, o pós-doutor. Propus-me, então, desenvolver um olhar de alteridade, da diferença, colocando uma lente de aumento em situações menores de inserção da escrita num universo social, que não tem tradição escrita e que participa de uma sociedade dominada por grupos letrados que impõem aos indivíduos toda uma demanda grafocêntrica típica de um centro urbano.

Persigo, pois, aqui, o significado enquanto construção social que se manifesta nos gestos, nos objetos, nas atitudes, nos comportamentos e na fala.

Em decorrência da proposta de buscar o significado, as representações, do ponto de vista do outro, é que optei por uma metodologia, que propiciasse apreender o cotidiano e as relações sociais que engendram esses significados. Resulta desse pressuposto a inspiração etnográfica de caminho percorrido na investigação e na interlocução de análise antropológica.

// oljwa

populares: o ventriloquo de múltiplas fontes.

Assim, nossa ciência, governada, hoje como ontem, pelo desejo de estreitar, de chegar cada vez mais perto da realidade, chegou a este ponto sem retorno, a saber: para ganhar a experiência ou a vida, ela deve renunciar à sua própria língua, furtar-se da autoridade de onde se enuncia um discurso, para ouvir, deixar falar aquele que não fala, não por falta de língua, mas porque se trata de uma língua que não ouvimos mais, de uma língua que reduzimos ao silêncio." (BOLLEME (1988). VOZES

SILENCIADAS

Diz-se de, ou aquele que sabe falar sem abrir a boca e mudando de tal modo a voz que esta parece sair de uma outra fonte. (Definição de Ventriloquo, Dicionário Aurelio)

A intenção de trabalhar num grupo de camadas populares se justifica por um interesse recorrente de uma tendência na educação, que pretende conhecer segmentos sociais com expressiva exclusão do processo de escolarização. A busca de um conhecimento mais específico e de bases empíricas procura desmitificar intuições e pressupostos com que se opera ao se falar desses segmentos, que são também conhecidos como: os pobres, os desprivilegiados, a classe baixa, o povo, povão, etc.

Realizar pesquisas envolvendo camadas populares para desmistificar pressupostos

As expressões "classes populares" ou "camadas populares" têm sido utilizadas nos últimos anos - a partir da década de 70 - na tentativa de solução da dificuldade de se estabelecerem fronteiras mais claras entre as classes, em função de sua posição na estrutura produtiva. Contudo, elas não resolvem essa dificuldade, pelo contrário, apontam para uma pluralidade de diferenças e semelhanças próprias desses grupos.

DURHAM (1986), a exemplo daqueles que buscam uma compreensão e definição das classes sociais numa linha menos ortodoxa e menos estrutural, alerta para uma heterogeneidade

das camadas populares, do ponto de vista de sua inserção no trabalho:

Operários, trabalhadores por conta própria e biscateiros, empregadas domésticas e pequenos funcionários públicos, empregados de empresas de serviços as mais diversas, trabalhadores domiciliares por tarefa e toda a imensa gama de empregos de baixa prestígio e parca remuneração. (p. 84).

clases populares:
heterogeneidade
e
homogeneidade

Ao lado dessa heterogeneidade, contudo, ainda continuando o pensamento dessa autora, percebe-se uma homogeneidade do ponto de vista de uma uniformização do consumo devido ao nível da remuneração e um partilhamento de problemas comuns no que se refere à saúde, educação, habitação e acesso ao mercado de trabalho. Essa uniformização levaria a uma semelhança também nas formas de sociabilidade, nos modos de consumo, de lazer e de percepção da sociedade.

OLIVEN (1980) refere-se a essa tendência, no pensamento intelectual brasileiro, de uma crescente homogeneização cultural nos setores urbanos da sociedade brasileira. No entanto, ele chama a atenção para o fato de que esse processo afeta diferentes classes sociais e de modos diferentes. Ocorreriam aí dois processos simultâneos e complementares, segundo o autor: em primeiro lugar, a acumulação capitalista industrial que sustenta a urbanização no Brasil tende a produzir uma uniformidade em todas as classes sociais, naquelas áreas mais próximas a atividades econômicas e interesses instrumentais e/ou mais fortemente sujeitas a influências ideológicas; em segundo lugar, a intensificação dessa mesma acumulação capitalista produz uma diferenciação

das classes sociais em termos econômicos e naquelas áreas nas quais as classes baixas podem oferecer mais efetivamente resistência à difusão de orientações culturais padronizadas. Esse autor caracteriza as duas situações apresentando dados de uma pesquisa em Porto Alegre, que sugerem uma semelhança, entre diversas classes, nas concepções sobre trabalho, educação questões políticas genéricas, e uma diferença de atitudes e orientações em questões relacionadas

"à família, religião, e vida associativa e em aspectos que têm consequências e significados diversos de acordo com a posição social (tais como questões políticas específicas). (p.35)

O que se reforça, nas análises dos diversos teóricos, a exemplo dos anteriores, é uma ambigüidade no termo "classes populares", já que o processo de acumulação urbano-industrial cria, ao mesmo tempo, semelhanças e diferenças entre os diversos setores da sociedade. A diferença que parece marcar uma dicotomia representada no próprio universo pesquisado - entre ricos e pobres - remete a uma situação comum de explorado e expropriado, que se vê concretizada nos rendimentos e nas formas de consumo, mais do que nas condições de trabalho *stricto sensu* (MACEDO, 1986).

Ruth CARDOSO, citada por MACEDO (1986), lembra que:

a expressão classes populares se refere em geral à presença de setores sociais que empobrecem com o modelo de desenvolvimento em curso e que são excluídos das decisões políticas. O seu uso é quase metafórico, pois sintetiza a idéia de grandes contingentes (massas) de baixa renda que, apesar de inde-

fosos, guardam a capacidade de distinguir suas necessidades básicas e irromper de tempos em tempos, reclamando maior igualdade. (p. 22)

A periferia das grandes metrópoles, segundo a autora, são os pontos privilegiados de emergência para estudo desses grupos, no que se refere ao sistema de valores, às representações construídas nesses universos sociais.

Neste sentido, ou seja, tendo-se como princípio o processo dinâmico de urbanização capitalista, não há como se definir o que são as "classes populares", mas o que estão sendo, como estão se constituindo no enfrentamento das situações do dia-a-dia. Dessa forma,

o esforço de rigor do analista desloca-se do campo de delimitação das fronteiras entre classes, frações, categorias sociais, para o campo da compreensão específica da prática dos setores sociais em movimento. (SADER, PAOLI, 1986, p. 59)

Daí também que a apreensão e compreensão desse movimento constitutivo só podem ocorrer dentro do social, mas de um social que se refere às relações no dia-a-dia desses sujeitos, portanto, no seu cotidiano. É nesse espaço de relações que se torna possível apreender o ponto de vista do outro e nos seus próprios termos, já que se pretende trabalhar com especificidades de pensamento e de visões de mundo.

Este trabalho insere-se, pois, nessa trilha da descrição de percepções, dos significados e das especificidades de um objeto cultural constituído num espaço de relações sociais próprias. A escrita é capturada como um símbolo e valor que, por sua vez, revela e mapeia outros valores do

*clans populares
ho sistema
de valores
e repre-
sentações
da reali-
dade de Viúva
9/10*

*signifi-
cadas da
escrita*

grupo investigado, principalmente se considerarmos que a linguagem, aqui a escrita, constitui instrumento de aprendizagem de uma cultura; é um signo a ser apreendido e um meio através do qual se aprende.

A noção de cultura também não é menos problemática do ponto de vista de classe, devido aos seus vários matizes semânticos determinados historicamente e segundo pressupostos teóricos divergentes. Um primeiro problema refere-se exatamente às discontinuidades, tensões e complexidades originadas na base do pressuposto de que há várias camadas populares.

Um viés que tem sido proposto para o termo cultura é aquele que contrapõe produções de elite e produções populares. Assim, há os que defendem a existência de uma coordenação e manipulação da cultura popular, vista como um conjunto desordenado, fragmentado e "deteriorado" da cultura de elite; outros vêem uma total independência e autenticidade de uma cultura genuinamente popular. Uma terceira via admite uma interpenetração de produções simbólicas por entre diversas classes sociais.

1) *Culturas populares e eruditas*

VELHO (1987) reforça a dificuldade de delimitação de fronteiras simbólicas, no sentido de um isolamento cultural ocorrido de segmentos de uma sociedade complexa ou industrial: E o que ele propõe é a existência de *estilos de vida*, e não podem ser denominados como cultura ou subcultura, isto é:

↳ a maneira de se comportar, a prática cotidiana de um determinado segmento social, é a sua forma de expressar sua participação em um

sistema de relações simbólicas e significativas mais abrangentes que denominamos cultura e de que participam outros segmentos que podem ser distinguidos de a maneiras em termos de sua inserção na sociedade... se pudermos situar essas unidades sociológicas dentro de um campo de comunicação comum, em que existe um conjunto de crenças e valores de algum modo compartilhado, estaremos falando de cultura. (p. 84)

O que parece se colocar como fronteiras de isolamento cultural remete à impossibilidade de comunicação entre os sistemas simbólicos. No que toca aos estilos de vida, admitem-se campos ou áreas específicas de significação mais estritas a determinados grupos, mas, ao mesmo tempo, há áreas mais universais de significados dentro de um conjunto de símbolos, temas, paradigmas homogeneizadores.

Nesse contexto, colocar-se-ia em questão a hegemonia das classes dominantes, no sentido de uma dominação determinista e categórica. A idéia da comunicabilidade entre sistemas simbólicos retoma a idéia de "circularidade" apontada por BAKHTIN, assim resumido por GINZBURG (1987):

entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo (exatamente o oposto, portanto, do "conceito de absoluta autonomia e continuidade da cultura camponesa" que me foi atribuído por certo crítico). (p. 13)

Ainda que haja uma hegemonia dos estilos das classes dominantes, há uma reelaboração, utilização e interpretações que são próprias de cada camada social.

Por outro lado, é necessário também estabelecer as

dimensões do que se entende por cultura. É comum, hoje, a historiadores e antropólogos a relação desse termo com tudo aquilo que é aprendido socialmente. A ênfase no aspecto da construção social remonta a TYLOR apud LARAIA (1989), que rompe com a idéia da transmissão genética ou da aquisição inata, ao mesmo tempo que funde oposições historicamente produzidas entre produções materiais e espirituais, manifestas nos termos cultura e civilização.

As normas, os valores, os hábitos e atitudes que conduzem a experiência do cotidiano é o material cultural. O que é senso comum, tido como fé, consciente e inconscientemente aprendido e vivido, é o cultural. Isto porque tais atitudes, valores, crenças e normas não são iguais em todas as culturas. Cada gesto e comportamento social esconde um significado que só o contexto que o engendrou pode explicitar.

GEERTZ (1978) desenvolve a tese do caráter semiótico da cultura, proposto por WEBER: o homem tece *taias de significados* que possuem uma lógica manifesta num

conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam programas) para governar o comportamento (p. 56).

E chama a atenção para a necessidade e dependência do homem em relação a *esses mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento* (p. 56). O homem não existiria na sua natureza humana intrínseca, mas seria também um produto

ultural, no momento em que nasce com um potencial para
iver inúmeras possibilidades de cultura e só vive uma.

Em síntese, retomando os dois referentes, classe e
ultura, a partir do exposto anteriormente, o que se preten-
e neste trabalho é buscar a lógica e o significado de uma
rodução social, a escrita, em uma vila inserida no complexo
rbano de uma cidade. A escolha do local, de imediato, foi
eterminada por uma certa uniformidade nos padrões de mora-
ia, remuneração, ocupações e nível de escolaridade. Além
isso, ele apresenta características próprias de uma urbani-
ação precária, e uma generalizada situação irregular de
osse e aluguel das moradias. Trata-se de um grupo que se
uto-representa como pobres, favelados, analfabetos, sem
nstrução, embora sejam negociadas e relativizadas tais
epresentações. Uma diferença se dá, então, no momento em
ue nenhum morador do bairro de elite situado ao lado desse
ocal, e que produz fronteiras simbólicas entre os daqui e
os de lá, se autodefine dessa forma.

Assim como houve intuições, embora fundamentadas
ambém em um conhecimento teórico, que sustentaram uma
rimeira investida no campo de pesquisa, naquilo que se
efere à categoria sócio-econômica, há também algumas
nstruções e questões com base no senso comum que rastreiam
a problemática central desta pesquisa. É comum no meio
acadêmico, por exemplo, perguntar-se qual a utilidade da
escrita no dia-a-dia das "classes trabalhadoras", já que ela
ão parece constituir instrumento que garante a essas

*Entender
a lógica
e não
ficado
de
uma
produção
social
ou direitos*

classes a sobrevivência material. Ou seja, o trabalhador ganha a vida com o trabalho manual e não intelectual. Por outro lado, acredita-se num valor intrínseco do letramento, quando se perseguem fórmulas para erradicar o "analfabetismo", a falta de cultura", a "ignorância", como caminho para que o indivíduo participe do progresso e da cidadania. GELB (1963) assim resumiu esse pressuposto:

Nowadays an illiterate person cannot expect to participate successfully in human progress, and what is true of individuals is also true of any group of individuals, social strata, or ethnic units. (p. 222)

No quadro dessas representações, enfatiza-se uma falta, uma carência e precariedade na relação dos grupos subalternos com a escrita, que parece contribuir para justificar a manutenção desses grupos numa posição de desprestígio social, de desprestígio do ponto de vista de suas ocupações e profissões, o que, por sua vez, impede a aquisição de um saber letrado que, pressupostamente, justifica a posição econômica dos dominantes. Essa é uma construção ideológica que circunscreve a escrita ou as habilidades relacionadas a ela a uma concepção única e a um significado de bem universal. Origina-se aí, talvez, a razão de um discurso apocalíptico, nos espaços acadêmicos, principalmente, com relação à leitura e à escrita. É preciso, a ferro e fogo, "despertar o gosto e o prazer" pela leitura; e nós professores temos que ser os guardiães para impedir que a televisão, o futebol e os lazeres "fáceis" disputem o lugar sagrado do escrito.

Assim, também os intelectuais tentam resgatar a

rita, pressupostamente, em fase de declínio.

ECO (1989), num artigo "Reflexões sobre a escrita", afirma que essa idéia de que vivemos, hoje, o mundo da imagem em detrimento da palavra escrita é uma invenção da "mass mediológica" acadêmica, de 30 anos passados, mas que agora se popularizou. Para ele:

→ Não vivemos na época da imagem. Voltamos à época da escrita. Estamos na época do computador, do vídeo, da conferência televisiva. Todas as notícias chegam ao vídeo, nessa época de nova alfabetização acelerada. Não só isso: a maior parte do que veremos, nos próximos anos, no vídeo, será palavra escrita. Mais do que imagem uma palavra que deveremos ler numa velocidade enorme. As escolas que existiam nos Estados Unidos, de leitura dinâmica, não são mais necessárias, porque qualquer jovem é capaz de ler uma chamada eletrônica mais rapidamente do que um professor universitário. (p.39)

Há, para o autor, uma qualidade inerente ao livro que não se perde, apesar da eletrônica: os livros constituem uma gênese própria, porque se falam entre si, numa multiplicação infindável de interpretações e do saber.

O cotidiano: por uma sociologia do "banal" e do "monótono"

Os ruídos da rua, as cantorias populares na mesa do bar, os rumores e explosões de cólera vindos de um apartamento com janelas abertas, os odores das castanhas quentes no inverno, de amendoins e sorvetes nos dias bonitos, tudo isso constitui esses "nadas" que perfazem toda a existência. Uma abordagem fenomenológica e qualitativa deixa transparecer esses nadas, esses restos, mesmo quando apenas os indica. (...) Assim esse presente banal e talvez monótono não é vazio e homogêneo, mas, ao contrário, é carregado de intensidade que jorra da própria textura do que constitui o cotidiano.

(MAFFESOLI, 1984. grifos meus)

Como alternativa para os limites de uma tradição ocidental do pensamento científico, fundado na razão, nas explicações genéricas da realidade e que tem ancorado suas teorias e análises nas relações de produção, no trabalho, no progresso e na dominação implacável das classes burguesas, surgem propostas de incorporar a essa tradição os *impensáveis* das relações sociais, para compreensão dos espaços das microrrelações que exigem outras explicações e entendimento da realidade.

Estudar o cotidiano é buscar os múltiplos e "pequenos" elementos que, de forma infinitamente dinâmica, constituem o tecido das relações sociais. Mas tarefa difícil é a de apreender o *infinitamente pequeno* (LA PLANTINE, 1988), a de medir e avaliar o qualitativo que se manifesta no choro, no riso, nas fofocas, nos odores, nos rumores, nos discursos fragmentados que organizam a prática do cotidiano.

MAFFESOLI (1984) descreve um pouco desses restos, desses *nadas*, na epígrafe deste capítulo.

Para esclarecer os *fundamentos do conhecimento na vida cotidiana*, BERGER & LUCKMAN (1973) propõem a análise

fenomenológica, método empírico e descritivo que tem por princípio a abstração de *qualquer hipótese causal ou genética, assim como das afirmações relativas ao status ontológico dos fenômenos analisados.* (p. 37).

Nesse sentido, afirmam que as interpretações de senso comum são *pré-científicas e quase-científicas.* Para descrever a realidade do senso comum, o pesquisador tem que considerar essas interpretações e *levar em conta seu caráter de suposição indubitável,* colocando, porém, sua descrição entre *parênteses fenomenológicos.* (p. 37)

Embora esta pesquisa não se encaixe nos padrões de uma fenomenologia, há alguns elementos desta que são a ela incorporados. Primeiro, o método etnográfico, o qual inspira esta investigação, subsume, num primeiro momento uma abordagem fenomenológica, para depois explicitar a lógica subjacente às práticas dos sujeitos. Segundo, o cotidiano torna-se instância privilegiada onde o pesquisador irá tecer as suas análises. } 11 ?

Entretanto, com relação ao primeiro pressuposto, do *afastamento,* proposto por Berger & Luckmann, poderíamos supor uma antinomia entre a objetividade da ciência e a cegueira do senso comum constituído na prática do cotidiano. Assim, caberia ao pesquisador fotografar, apreender, registrar os fatos, os comportamentos, para depois afastar-se para superar essa antinomia. Ao que me parece, pela própria pesquisa de campo aqui empreendida, a experiência da vida cotidiana é um traçado de certezas e dúvidas, de imersão e afastamento, em escalas diversas, que permite aos sujeitos

dessa prática vivê-la e, ao mesmo tempo, pensá-la. As discussões a que assisti, em diversos momentos, particularmente em mesas de bar, sobre as condições dos indivíduos em relação à pobreza, ao jogo político que se arma na sociedade, aos porquê e para quê viemos ao mundo, foram momentos de reflexão sobre o vivido que pode legitimá-lo ou mesmo negá-lo.

Contraopondo-se, no entanto, a essa postura, C.J.Cury sugere que, numa sociedade capitalista, uma das conseqüências do trabalho é não permitir ao trabalhador tempo concomitante para pensar sobre si e sobre o seu trabalho. Acrescenta também que o mesmo operário que trabalha na fábrica não é idêntico ao que vai ao boteco³.

Proponho ressaltar, entretanto, os elementos básicos que estruturam a vida do dia-a-dia. Observar o cotidiano é, pois, observar a organização e o fluxo das experiências numa lógica espacial e temporal. Espaço e tempo são essencialmente significações construídas socialmente. As obrigações rotineiras os interstícios do novo, da quebra da repetitividade e do mecânico constituem elemento desse cotidiano. A certeza e solidez do existir se garantem na repetição do que está previsto, no que é sabido, mas só ganha o sopro da vitalidade nos movimentos de busca do irrepetível, do genuinamente novo e passageiro. É isso

³ Anotações feitas no curso de Teoria do Conhecimento (1989).

que nos permite "esquecer" que o tempo é finito, condição para que se possa esperar a vida do outro dia e não a morte.

A vida cotidiana apresenta também um caráter intersubjetivo. Está organizada em torno do "aqui e agora" de um mundo que compartilho com os outros. O certo é que há uma constante correspondência entre os significados das rotinas normais e evidentes e que se denomina *consciência do senso comum*. O processo intersubjetivo ou as interações com o outro na situação face a face é que permitem uma auto-identificação. É no outro que me espelho e me identifico.

Aqui, ressalto a importância da relação pesquisador-pesquisado, no que se refere ao processo de construção de imagens e espelhamento um do outro. Ter clareza dessa relação de superposição de imagens permitiu-me estar atenta às classificações que os indivíduos pesquisados faziam de mim, e de como essas classificações produziram comportamentos típicos. De fato, esta pesquisa é uma relação social. Pretendo com ela explicitar as condições de produção de construções discursivas, de categorias lingüísticas que traduzem e criam concepções sobre o objeto escrita.

Pontos de referência inevitáveis foram a minha origem universitária, a posição de pesquisadora e a condição de residente de um bairro de elite vizinho à Vila. Eu fui, quase sempre, aquela que detinha um saber privilegiado e que, supostamente, possuía uma melhor situação econômica. Contudo, essas tipificações participavam de um quadro maior de possibilidades que se revezavam segundo as circunstâncias.

Objetivo
σ

BERGER & LUCKMANN (1973) mostram, como essas tipificações transformam-se no decorrer das relações segundo o grau de afastamento geográfico e como, na situação face a face, ocorre num processo de constante *negociação das categorias tipificadas*. (p. 46).

No meu processo de inserção na Vila múltiplas classificações se criaram sobre minha pessoa: a tia - professora, tia de sangue, amiga de fulana, freguesa da manicure, pesquisadora sobre religiões, dondoca, folgada, amiga rica, bonitona, enviada de Deus, etc. Algumas tipificações desapareceram, por completo, enquanto outras eram usadas conforme o interesse e o contexto das relações. Aliás, no decorrer da pesquisa, em qualquer contexto classificatório armava-se, recorrentemente, uma estrutura típica do caleidoscópio, possibilitando múltiplas combinações significativas.

A realidade da vida cotidiana não é cheia unicamente de objetivações; é somente possível por causa delas. (BERGER & LUCKMANN, 1973, p. 54). Essas objetivações estão presentes nos objetos, nos gestos, nas expressões corporais e nos sinais produzidos intencionalmente para a objetivação de significação. *Os sinais e os sistemas de sinais são objetivações, no sentido de serem objetivamente acessíveis além da expressão de intenções subjetivas "aqui e agora".* (BERGER & LUCKMANN, 1973, p. 56).

Para os autores citados, a linguagem verbal é o sistema de sinais mais importante da sociedade humana. É a linguagem ou a *significação linguística* que fornece aos

indivíduos as objetivações e *determina a ordem em que estas adquirem sentido para mim.* (p. 38). A importância da linguagem se coloca na sua *qualidade inerente da reciprocidade* (p. 57), de ser *destacada da situação face a face* (p. 58) e na *capacidade de cristalizar e estabilizar minha própria subjetividade* (p. 58): tem a qualidade da objetividade, no momento em que exerce um poder de coerção do indivíduo aos padrões dominantes. Ao mesmo tempo que se prende à experiência concreta, primariamente cotidiana, ela é capaz também de transcender esse cotidiano referindo-se a *áreas limitadas de significação, a exemplo da interpretação linguística do sonho.* (p. 60)

Nesta pesquisa, a linguagem não apenas constitui via de acesso ao objetivo investigado, mas é ela mesma objeto da investigação: a escrita, enquanto material verbal que possibilita a objetivação de significados da vida social, ao mesmo tempo em que é também uma construção social, com valores e representação específicos do grupo que a constrói.

CHARTIER (1990) delimita uma nova percepção da história cultural que tem por *objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.* (p. 16-17). Para esse autor, as lutas que se dão no espaço das representações têm a mesma importância que as lutas que ocorrem no interior do campo econômico, ambas fornecendo instrumento de compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo social tenta impor a sua concepção de mundo e o seu domínio.

A idéia de representação enquanto um tecido de significados construídos na prática e no discurso dos atores sociais e estampados nas relações cotidianas remonta a MALINOWSKI (apud MAGNANI, 1986). A representação, segundo esses autores, ultrapassa o limite das *opiniões conscientes* estando impregnadas e estampadas nas *instituições sociais*, nas *condutas* dos indivíduos. (p. 40)

Assim, discurso e prática do dia-a-dia são as instâncias principais de análise da escrita. Considerando que o discurso é dado por condições de produção específicas do momento em que é produzido, busquei apreender a fala no momento em que foi produzida, colada à ação, num entrecruzamento de práticas distintas, mas não dicotômicas. (MAGNANI, 1986).

Cada grupo social ou as pessoas, individualmente, constroem visões também segundo interesses particulares. Cada discurso relaciona-se com a posição de quem o enuncia, em um dado momento e sob determinadas condições. Rastrear as instituições e os sistemas classificatórios que organizam a visão de mundo é também desvelar aquilo que dá corpo à realidade e produz as práticas, impondo uma lógica de ser dessa realidade. O sentido de representação não é, pois aquele que concebe uma realidade anterior e, num outro nível um discurso, uma linguagem que a re-apresenta.

CHARTIER (1990), a partir de Boltansky, elucida a operacionalidade do conceito de representação que permite articular três modalidades da relação com o mundo a partir

as quais os diferentes grupos sociais constroem a realidade, de forma contraditória:

em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas; seguidamente, as práticas que visam reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas, graças às quais uns "representantes" (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (p. 23).

Até aqui, então, podemos alinhar, nessa construção do objeto, três pressupostos fundamentais: Primeiro, o da linguagem enquanto produto de relações entre interlocutores, relações que são instituídas numa correlação de forças dadas no conjunto das relações sociais. O segundo pressuposto trata para o universo social para o qual se volta o olhar do pesquisador. Esse olhar busca continuar uma preocupação histórica das ciências sociais que pretende instituir um objeto social até então silenciado: os pobres, as camadas populares.

mas são
para o universo social,
ou são?

Terceiro, nos interessa, no plano da linguagem, focalizar a escrita enquanto objeto cultural que se insere no cotidiano dos indivíduos, como elemento constituído e constituinte de maneiras típicas de significação da sociedade.

Para articular esses três princípios, o caminho que nos pareceu mais adequado, metodologicamente, foi o da etnografia como passo a descrever no capítulo seguinte.

de campo: "um manuscrito estranho e desbotado"

DIÁRIOS DE PESQUISA:



*é preciso...
renovar o ar no leito
descobrir que estamos vivos
ensaiar novo sorriso.*

Maryldeis/89

*Estuda a circulação
de material escrito
e seus usos
nas relações
interpessoais*

A observação do dia-a-dia dos moradores da Vila permitiu uma etnografia do sujeito desta pesquisa, de modo a inserir a escrita no cotidiano de valores e comportamentos desses indivíduos. Neste caso, o que faz o objeto - a escrita - tornar-se grandioso não é a sua grandiosidade em si mesma, mas o fato de que intencionalmente o recortamos em relevo. A escrita é capturada em "flashes", desde situações mais íntimas e singulares, até contextos mais amplos e coletivos. Entende-se a escrita, aqui, tanto do ponto de vista da produção como da recepção: leitura e produção de textos escritos. Simplificadamente, o que nos interessa é a circulação de material escrito e os seus usos nas relações interpessoais.

A inspiração etnográfica permite, pois, uma leitura que busca estabelecer uma relação interpretativa a partir de dois pontos de vista: o do pesquisador e o do pesquisado. Não há como evitar - pelo contrário quero assumir - que há um poder de interpretação da realidade e de construção do texto que estão nas mãos de quem o escreve. Mas há um movimento de pressão e de poder dos interlocutores e dos

ateriais envolvidos, todo um conjunto de indícios, signos e
vozes que apontam, implícita e explicitamente, ordenações
contraditórias e que obrigam o pesquisador a refazer a sua
própria lógica de percepção da realidade.

Isso faz com que se entenda esta pesquisa e o seu
objeto final como uma tentativa de espelhamento de um
processo de comunicação, de diálogo e de negociação de
significados. Por isso a grande dificuldade em se definir os
interlocutores. São múltiplas as vozes dos sujeitos
pesquisados acrescidas da voz da autora e de um outro
interlocutor para quem ela relata a sua experiência de
campo. Esse outro interlocutor, por sua vez, também se
referencia e se dilui em uma gama de possibilidades,
sendo-se, por isso, muitas vezes difuso, indeterminado.

O autor aqui se coloca, então, como um eixo central,
no sentido clássico da etnografia que o projetava como
aquele que tem autoridade para se colocar numa única voz,
falando sobre o outro. Aqui, é ele quem seleciona, recorta e
organiza os dados para apresentá-los ao leitor. Sabendo,
contudo, que os leitores a quem me dirijo não são em nada
estranhos e nem completamente estranhos ao contexto cultural
ao qual faço referência, entendo que esse autor (autora)
não se vê como o dono de uma verdade, mas o elemento central a
ser julgado, avaliado e interpretado através do seu próprio
texto. Compartilho, assim, em parte, do princípio de
Geertz, apud CALDEIRA (1988) de que é impossível a um
etnólogo (nesse caso, o pesquisador) dizer o que os
outros pensam: seu texto é basicamente sua construção,

concebida enquanto crítica cultural de sua própria sociedade
da cultural que lhe é específica. (p. 145)

O conceito de etnografia, por sua vez, que me
orienta, agora, tomei-o emprestado de GEERTZ (1970). Dele é
que extrai a expressão que intitula este segmento:

*O que o etnógrafo enfrenta, de fato - a não
ser quando (como deve fazer naturalmen-
te) está seguindo as rotinas mais
automatizadas de coletar dados - uma
multiplicidade de estruturas conceituais
complexas, muitas delas sobrepostas ou
amarradas umas às outras, que são
simultaneamente estranhas, irregulares e
ineplícitas, - e que ele tem que, de
alguma forma, primeiro apreender e depois
apresentar. E isso é verdade em todos os
níveis do seu trabalho de campo, mesmo o mais
rotineiro: entrevistar informantes, observar
rituais, deduzir os termos do parentesco,
traçar as linhas de propriedade, fazer o
censo doméstico, ... escrever seu diário.
Fazer etnografia é como tentar ler (no
sentido de "construir uma leitura de") um
manuscrito estranho, desbotado, cheio de
elipses, incoerências, emendas suspeitas e
comentários tendenciosos; escrito não com os
sinais convencionais do som, mas com exemplos
transitórios de comportamento modelado. (p. 20)*

É possível visualizar três grandes momentos da
pesquisa de campo. Numa primeira fase de exploração, foram
feitos os primeiros contatos e levantados dados para a
caracterização do grupo e do local (na Prefeitura Municipal
de Belo Horizonte e na própria Vila). Através da observação
participante, configurou-se uma rotina do cotidiano dos
indivíduos, ao mesmo tempo em que se criou uma relação de
amizade e confiança entre pesquisador-pesquisado. Um segundo
momento delimitou espaços privilegiados de uso da escrita,
no conjunto das várias atividades do grupo. Concomitante à

identificação desses espaços, percebi maneiras típicas de pensar as instituições e a cultura. Nesse momento foi possível articular questões iniciais mais específicas que foram melhor explicitadas através de conversas e entrevistas semi-estruturadas, quando utilizei, também, um material recolhido anteriormente⁴, como instrumento de motivação para as entrevistas.

Essas etapas não ocorreram de forma linear, mas se entrecruzaram durante todo o trabalho de campo. Uma última etapa configurou-se a partir da necessidade de consolidar categorias e informações apreendidas no decorrer da pesquisa.

As formas de registro utilizadas durante a pesquisa, foram gravações, fotografias e um relato constante em um diário de campo.

No decorrer da observação participante, foi construída uma rede de sujeitos informantes determinada pelas relações entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. Essa estratégia de construção de um recorte etnográfico já foi utilizada por outros pesquisadores a exemplo de DAUSTER (1987) que explicita o estabelecimento dessa rede de relações e dos sujeitos informantes a partir do ego do próprio pesquisador.

Relacionada a essa estratégia está o fato de que não optei por fazer um recorte prévio de categorias a partir de critérios pré-estabelecidos tais como idade, sexo, ou

4. Esses materiais constam dos anexos.

escolarização desses indivíduos. Não houve na trajetória de concepção do projeto e de problematização temática, uma justificativa que sustentasse qualquer recorte. Dois motivos podem justificar tal decisão. Em primeiro lugar, não há, como foi dito, principalmente no Brasil, pesquisas que abordem a escrita a partir da perspectiva adotada aqui. A existência delas poderia sugerir a ampliação de um viés já explorado ou de hipóteses levantadas que poderiam ser melhor explicitadas em um projeto específico. Em segundo lugar, o fato de a pesquisadora ir buscar e até mesmo privilegiar a busca do segmento social eleito como objetivo desta investigação no seu ambiente de cultura sugeriu que os recortes e categorias seriam gestados no processo de investigação. Este é um princípio, de certa forma, clássico, na etnografia. Este comportamento gerou um prolongamento do tempo do trabalho de campo: maio de 1988 a dezembro de 1989.

C.R. Brandão, em uma das discussões sobre a pesquisa etnográfica, ressalta a importância de se pensar o recorte e não como uma necessidade de se limitar o trabalho, o campo de pesquisa, mas como uma imposição para buscar aquilo que dá conta da problemática em questão: *recorte é justamente jogar com a definição de quais são os problemas fundamentais, quais são as questões complementares e como é que isso se articula*⁵.

A partir desse princípio, levantamos duas questões fundamentais que orientaram a estruturação deste trabalho:

5. Anotações de curso (1988)

recorte
←
objeto

1ª) Qual o uso que as pessoas da Vila São Vicente fazem da palavra escrita, numa esfera de relações entre as pessoas e a palavra escrita? Quem lê e escreve nesse lugar? O que se lê, o que se escreve e quando se lê e se escreve?

2ª) Que valor as pessoas atribuem à palavra escrita? (Aqui se colocaria uma análise da ideologia, não apenas o que as pessoas dizem motivadamente, mas o que se vê na própria conduta cotidiana). A escrita seria um valor que atribui diferença, que estratifica papéis?

Postas essas duas questões básicas, me propus a uma observação rigorosa de todas as relações, desde as mais solitárias, num contexto menor de relação, até situações coletivas, em que o uso da palavra escrita era ou útil ou necessário ou até mesmo indispensável. Ao invés de tratar, então, as categorias distintamente - homens, mulheres, crianças, etc. - optei por, trabalhar comparativamente, segundo Brandão, numa trilha da velha tradição antropológica. Por isso, as representações que busco analisar são vistas de maneira dinâmica, fruto da convivência também dinâmica desses sujeitos sociais. Mostrar a visão dos velhos, dos adultos intermediários e de jovens, o que tento fazer aqui, apontando não somente generalidades, mas principalmente diferenças. O universo das categorias sociais, então, engloba crianças, velhos e moços; homens e mulheres.

É importante atentar, contudo, para o fato de que, com as crianças, não foram feitas entrevistas. Concluimos que a pesquisa com crianças demandaria uma especificidade que não caberia nos limites deste estudo, devido à necessidade de 1º) discutir o estatuto do que é ser criança naquele

apontar
também
generalizações
que
for

universo social e de definir aquela criança segundo parâmetros psicossociais; 2º) aprofundar a questão da linguagem das crianças enquanto instrumento de pesquisa. As dúvidas e as particularidades dos estudos sobre a linguagem infantil gerariam por si só um maior fôlego teórico. Entretanto, aparecem falas das crianças que foram apreendidas no momento da ação, sem a preocupação primeira em elegê-las enquanto informantes numa entrevista mais estruturada.

Para falar da pesquisa não há como não contar um pouco da história da sua construção. Essa história foi o tecer constante de um bordado ou de um traçado num papel em branco. O que existia antes eram interlocutores em potencial ou imaginários (no sentido mesmo de imagem construída *a priori*), e eu, a pesquisadora universitária que queria conhecer as "camadas populares", porque iria escrever um trabalho sobre esses sujeitos.

E foi essa imagem feita anteriormente, e de que só hoje tenho plena consciência, que me levou à escolha do local e dos sujeitos de quem passo a falar neste trabalho.
"Pobre", "periferia", "camada popular", traduziu-se, num primeiro momento, em um local de urbanização precária, casebres, casas inacabadas, descascadas, sujas, povoado de crianças sujas, descalças, brincando com pipas, jogando futebol, como não se vê no meu bairro; homens sujos de graxa, de óleo de carro, jogando baralho, à porta dos bares. Mulheres empacadas de filhos, vestidas de chita, lavando-passando-cozinhando.

Nesse local eu passava sempre, mas não observava muito esse interstício da minha cidade, do meu cotidiano. Só passei a observá-lo com mais rigor quando crianças indo para a escola me chamaram a atenção para a possibilidade de um objeto de pesquisa.

Minha entrada na Vila foi mais fácil do que eu imaginava, já que eu carregava um certo pânico antes de entrar em campo, principalmente por se tratar de um lugar desconhecido para o qual não vislumbrava nenhum canal de entrada. Só agora entendo a atração que o início de Argonautas do Pacífico de Malinowski exerce sobre nós.

Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer da vista (...) suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar - pois o homem branco está temporariamente ausente ou, então, não se dispõe a perder tempo com você. (...) Lembro-me bem do sentimento de desespero e desalento após inúmeras tentativas obstinadas mas inúteis para tentar estabelecer contato real com os nativos e deles conseguir material para minha pesquisa. Passei por fases de grande desânimo, quando, então, me entregava à leitura de uma romance qualquer, exatamente como um homem que, numa crise de depressão e tédio tropical, se entrega à bebida. (p. 23)

Não são as mesmas dificuldades objetivas, mas parece que o sentimento de estar perdido, de uma ameaça compulsiva pesando sobre nós é semelhante.

Agora, imagine você, leitor, sozinho numa favela, sem nenhum equipamento, com alguns pressupostos e um roteiro,

mas o medo de ser assaltado, roubado ou rejeitado apaga, num primeiro momento, todos os planos e estratégias pré-estabelecidos.

Imagine também que você seja apenas um principiante sem nenhuma experiência, e que alguns dos "homens brancos" que o orientam aconselharam-no a entrar ali "pelas portas do fundo"; ou seja, você chega a esse lugar, mas não deve dizer às pessoas quem você é e nem exatamente o que você quer. Lembro-me do sentimento de desespero e desalento, após inúmeras tentativas obstinadas para tentar estabelecer contato real com os nativos e deles conseguir material para minha pesquisa. Passei por fases de grande desânimo, quando, então, deixava de ir à Vila, não falava com ninguém sobre a pesquisa, fugia da orientadora e sonhos exóticos me perseguiam, trazendo à tona significados ora inéditos, ora óbvios demais. Imagine, também, que, aos poucos, você vai encontrando formas concretas de relacionar-se com essas pessoas; que você vai se acostumando com tudo aquilo que no início lhe causava repulsa - os olhares, o cheiro, a sujeira, a doença - e novos sentimentos e "olhares" de afeto, de cordialidade vão sendo construídos. Do desespero e desalento nasce um contato efetivo onde o conflito se dilui em maior harmonia com o ambiente e com as pessoas que o rodeiam. Nesse momento, que de fato pude começar a distinguir os dois universos simbólicos já que havia se estabelecido uma relação comunicativa.

Por isso digo que a minha entrada tornou-se fácil quando percebi que já havia acontecido, ou seja, quando o

temor de que eu naufragasse logo de início foi superado. Na verdade, eu não acreditava que fosse possível fazer o que fiz: conseguir conviver num espaço pouco familiar, no qual eu teria que, a cada dia, criar formas de relação e estar atenta às menores brechas que se abriam para esse fim. Como num começo de namoro em que um atende ao menor gesto do outro, numa mistura de desejo de que a relação continue e de medo de que ela se esvaia.

Cheguei lá em dia e momento em que crianças uniformizadas saiam para a escola. Perguntei a uma mulher que se encontrava no portão onde é que elas estudavam. Daí, a conversa foi sobre escola mesmo. Ouvi múltiplos problemas com relação à vida escolar das crianças. Crianças que têm dificuldade de aprendizagem, que precisam apanhar para ir à escola, que apresentam conflitos com professoras, etc. Na ânsia de encontrar um pretexto mais "firme" para entrar dentro das casas, me ofereci para dar aulas particulares a uma família que contava com seis crianças tidas como problemáticas na escola. Percebi logo o incômodo que criara para a minha pesquisa aquela situação de intervenção no cotidiano, especificamente na relação com a escola. E já no primeiro dia defini um prazo em que faria aquele trabalho de intervenção - um mês - quando então coloquei ponto final nas aulas particulares. Por aí percebi que entre o que eu tinha de pressupostos, de planejamentos e a realidade concreta dos acontecimentos e da emoção que movia a arquitetura da pesquisa havia um espaço imprevisível, impossível de controlar, mas que poderia ser rico, se devidamente

explicitado e interpretado no contexto do trabalho.

De fato, ser a amiga da Marli e tia das crianças constituía uma segurança e um atenuante para o incômodo que me provocava a possibilidade de ficar do lado de fora, como um objeto estranho, a observar - para eles - sei lá o quê... O entrar para dentro das casas, ainda que só na sala de visitas, naquele momento, era a mais pura expressão do meu desejo de inserir-me no grupo, de deixar de ser uma estranha, para que pudesses circular à vontade e sem ser observada, da mesma forma e com a mesma curiosidade com que eu também os olhava.

Lia escolar, tia de sangue ou amiga da Marli foram os primeiros rótulos que recebi. Depois, passei a ser freguêsa de uma manicure, amiga, com um raro orgulho de quem usava essa expressão, professora e escritora. Sem contar com algumas imagens que eram logo desfeitas, tais como cabô eleitoral, vendedora de produtos, fiscal de algum órgão público etc. De início, quando me propunha observar, mapear e explorar o local, não me preocupei em ficar explicando muito o que eu fazia. Afinal, o que me interessava era poder estar lá com uma certa tranquilidade, mesmo porque descobri que, às vezes, nem era produtivo ficar explicando muito. Desde que as imagens e denominações não atrapalhassem o contato, eu não as explicitava, até que surgisse oportunidade e necessidade concreta de clarear quais eram a minha intenção e papel ali.

E de ponto em ponto fui construindo meu conto. Uma

relação acabava por me levar a outras, com mudanças estratégicas de pontos de referência ou "porto seguro". Esses pontos de referência eram casas, pessoas ou lugares onde eu podia chegar mais "gratuitamente", porque estava garantida uma amizade e a certeza de ser bem recebida. Martinha, uma senhora de 50 anos, líder religiosa muito respeitada na vila; casa da Marli, ponto central, geograficamente, de onde observei e vivenciei o miolo no seu dia-a-dia; casa e bar do Josias, ponto de encontro da rapaziada; casa de D. Raimunda, Mãe-de-santo, benzedeira e conselheira espiritual; bar dootonho; bar do Seu João; casa da Leninha, ponto num beco de difícil entrada e, pela sua estreiteza, oficina do Messias.

Mas, se, por um lado, havia portos geograficamente seguros, por outro não havia como assegurar a configuração do meu objeto. Isso porque fui para o campo armada, sim, de algumas categorias, mas bem poucas: "camadas populares", "cultura", "escrita" e alguns pressupostos etnográficos. E o primeiro deles era o de que as categorias e as interpretações se construiriam no decorrer da investigação, num trabalho meio de detetive que observa com atenção, sutileza e perspicácia. Só que todos esses atributos também são aprendidos, e eu, "marinheiro de primeira viagem"...

Tudo me parecia muito difuso, pois via desde as "mais significantes" situações de mulheres que trocavam objetos na porta da rua, roubavam pequenos objetos, tomavam dinheiro emprestado e não pagavam, até situações que me pareciam singularmente específicas ao meu objeto, a escrita. Contudo, estas situações tornavam-se difíceis de interpretar, pela

sua singularidade mesma, como no caso em que eu lia cartas para pessoas analfabetas, ou recebia um cartão de referência, de um mestre de capoeira, semi-analfabeto, hábito que eu imaginava não ser possível naquele contexto, e para aquele indivíduo.

Meu conflito situava-se, exatamente, na angústia por movimentar-me em espaços periféricos e externos a um objeto específico e na busca de uma aproximação maior do mesmo. Na verdade, eu observava tudo, mas estava mesmo à procura do signo escrito, desde as suas manifestações mais concretas em materiais escritos, comportamentos, até a fala sobre eles. Daí essa primeira classificação entre o "mais" e o "menos" significativo, até o ponto em que consegui relativizar esses dois pólos, no momento em que situações referidas à escrita estavam intensamente ligadas a outras aparentemente desconexas e sem significado.

Essa mesma angústia eu pude dividir com outros pesquisadores, a exemplo de MACEDO (1986):

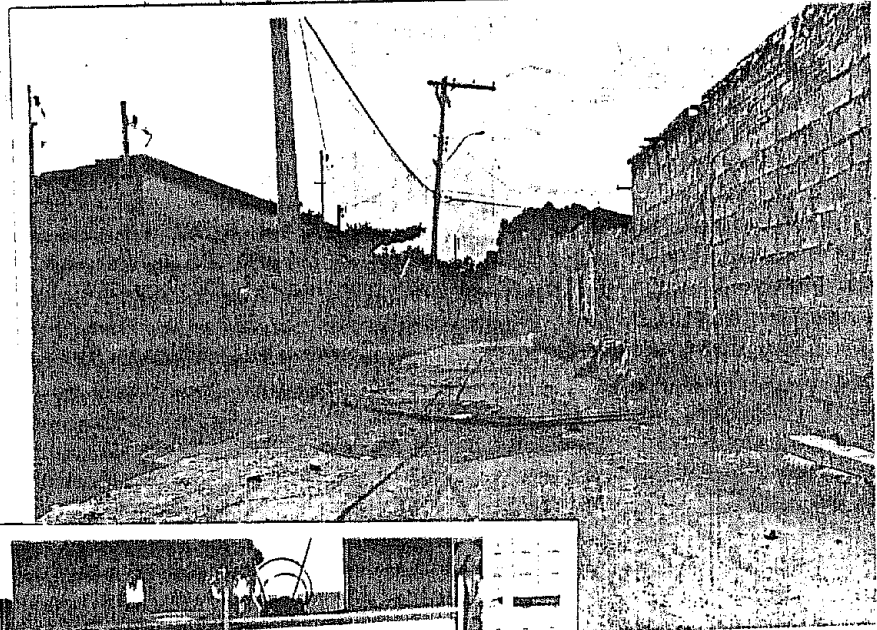
Sofrimento terrível esse: ater-me a um modesto roteiro de questões e, controlando a ansiedade, deixá-lo, pouco a pouco enriquecer-se através de minha observação participante, participação observante. (p. 14).

As vezes, tinha a sensação de estar fugindo ao tema, ou de que o "objeto" me fugia, que eu o perdia de vista. E uma imensidade de vivências e informações pareciam me tragar e me tirar a razão. Mas essa sensação ocorreu exatamente por eu estar buscando algo pouco familiar, que realmente fugia

as minhas expectativas e concepções. O máximo que conseguia era espelhar-me pelo avesso: a tensão constante de estar pisando em dois universos de significação e tendo que construir uma ponte de contato entre eles. Viver esse limiar é desnorteante. Além do mais, as relações afetivas muito fortes me balançavam, a pobreza angustiante a todo momento me colocava contra a parede e me fazia repensar o significado da pesquisa. Enfim, foi todo o tatear próprio de múltiplas relações que tive de viver de forma intensamente emocional e, depois, tive que articular num projeto teórico, sem dúvida mais racional.

Um retrato em branco e preto

Allitos, atrevidos, marmiteiros e vicentinos



(...) na favela tudo era normal, os cachorros magricelas aos montes pelas ruas, crianças semi-nuas brincavam chutando bolas de pano. Na caixa d'água a imensa serpente de latas esperando um pouco d'água. (Discurso - Anexo 1)

A Vila São Vicente é, hoje, remanescente de uma antiga e imensa favela que, segundo os moradores, teve primeiramente nome de Vila dos Aflitos. Vila dos Atrevidos, Favela dos Marmiteiros, até chegar ao seu nome atual:

Quando mudamos praqui era um mato, era um pasto isto aqui. E nem tinha caminho. A gente descia do bonde lá na rua Genebra e descia um trilho, passava debaixo do viaduto, passava uma pontinha dessa largura, pra gente chegar do lado de cá, atravessando o rio Arrudas. Chegava correndo e fincava um pauzinho e punha arame em volta. Então ficou sendo Vila dos Aflitos, todo mundo aflito pra fazer casa pra morar. (...) Depois era Atrevido porque cada um chegava e queria tomar o pedaço do outro. Tinha pessoa que cercava 4, 5 pedaços. (...) Depois que passou a ser Vila dos Marmiteiros, porque aqui só tinha operário. Então, de manhã saía todo mundo com a marmita debaixo do braço. Marmiteiro. Muito depois passou a Vila São Vicente. (PITITA, M, 65)

Esse nome - Vila São Vicente - contudo, é bastante polêmico, já que há uma dificuldade - tanto do ponto de vista dos moradores, quanto do ponto de vista oficial - em sustentá-lo. Por ocasião de um desfavorecimento massivo, em decorrência da construção de uma via expressa, o que restou da Vila dos Marmiteiros ficou concentrado em torno de dois

blocos de apartamentos que restaram de um conjunto habitacional com um total de oito blocos. Esse conjunto chamava-se Conjunto Habitacional São Vicente.

De início não me pareceu significativa essa indefinição de nome para o local, entretanto, posteriormente constatei que ela carregava consigo, se não um conflito de identidade, no mínimo a dificuldade por parte dos moradores em poder contar com os benefícios oferecidos pelo poder público, principalmente no que se refere aos projetos de urbanização e atendimento às periferias urbanas. Há problemas de água, luz, esgoto, calcamento das ruas, que muitas vezes não são resolvidos por essa área não constar nos registros da Prefeitura ou mesmo de outros órgãos que cuidam desses serviços.

Durante a pesquisa, visitei todos os órgãos de controle e cadastro da Prefeitura, no intuito de descobrir como a área e os moradores são considerados. Em alguns órgãos há a informação de que a área era uma favela que foi "desfavelada", quando se construiu uma via expressa. Neste caso o desfavelamento significaria a desapropriação em massa, o que de fato não ocorreu. No setor de cadastramento de terrenos, essa área não existe, ou melhor, é considerada "zona clandestina". Isto significa que, para ser incorporada e registrada nos projetos municipais, é preciso que se monte um processo que estudará a possibilidade ou não desse registro. Essa designação "clandestina" impõe aos moradores uma vulnerabilidade e a possibilidade de uma desapropriação para quaisquer finalidades, e não lhes permite a utilização de

esforços para o direito de posse das moradias e lotes. Isto explica o fato de ficarem ansiosos quando aparecem homens fazendo levantamento topográfico no local; fato comum no cotidiano desses moradores, já que a área é alvo de interesse de grupos comerciais. Às vezes, a própria prefeitura alerta, pelo rádio, para que não deixem ninguém fazer medições, a não ser quando credenciado.

O fantasma da desapropriação ronda ainda o dia-a-dia desses moradores desde a primeira iniciativa em que o governo se propôs a construir uma via expressa. Um discurso feito numa cerimônia religiosa, por uma mulher que viveu esse momento, traduz a aflicção vivida naquele momento e que ainda se mantém hoje:

E os favelados mais aflitos que de costume se perguntavam: Para onde vamos? Onde vamos morar? Logo agora que os meninos estão indo bem na escola? Para onde vou, não tem escola, não tem posto médico.

(...) Hoje, da antiga vila, resta somente uma pequena parte que breve irá embora também e no mais resta somente um imenso deserto de poeira.

(Discurso - Anexo 1)

Desse modo, a questão de um nome, de uma identidade oficial vem perpassada por fatores objetivos, criando momentos de angústia do não existir, do não poder ser socorrido, assistido pelos serviços de utilidade pública. Por outro lado, essa indefinição cria a possibilidade de o local fugir à categoria de favela, já que não perde sua carga negativa quando substituída pela categoria vila. Os moradores aproveitam-se dessa ambiguidade para se dizerem ora moradores do

Padre Eustáquio, ora do bairro Minas Brasil ou Coração Eucarístico, bairros limítrofes. As falas abaixo resumem um pouco dessa indefinição.

Até hoje muita gente fala assim: é Vila São Vicente, é Conjunto Bela Vista. Onde é que é isto? É antigo Marmiteiro. Todo mundo sabe. (Pitita, M, 65)

Na planta do nosso apartamento está escrito Jardim das Oliveiras. O nome do bairro Jardim das Oliveiras, no Pe. Eustáquio, porque se não pôr Pe. Eustáquio no correio não vem. (Alaíde, F, 42)

Os nomes Bela Vista e Jardim das Oliveiras parecem ser uma apropriação de nomes de um conjunto habitacional do bairro Pe. Eustáquio e de uma vila, respectivamente, os quais estão próximos à Vila. De fato, não há uma consonância perfeita entre a área delimitada pelos mapas da Prefeitura e o real mapeamento da área e os nomes de suas ruas.

Parece revelador o fato de que essa história de um nome oficial para o local de residência relaciona-se à trajetória do indivíduo no seu processo de inserção social. Esta começa na família, pela certidão de nascimento, a carteira de identidade, a carteira profissional, a certidão de casamento, enfim, documentos e nomes que lhes permitem situar-se num sistema que opera, entre outros, com leis universais, direitos e deveres que se articulam com essas categorias de identidades sociais. Assim, pertencer a um bairro, a uma rua e a uma casa cujos nomes são registrados faz parte dessa constituição social do indivíduo e da própria realidade, estabelecendo inclusive distinções e

estigmas.

Favela, vila, bairro são vetores com cargas de significados distintos, cada um constituindo-se moeda de duas faces positiva e negativa - que é utilizada segundo interesses e contexto apropriados. Ser favelado não é, em si mesmo, ruim, já que é nesse espaço que se cria a diferença, a possibilidade de se constituírem e se distinguírem do outro, daqueles que discriminam, que buscam a homogeneidade, através da educação, da catequese, etc.

Outro significado que se aprende nessa insistência em se definir nominalmente o lugar onde se vive é a importância da vida que é vivida em um espaço onde se conhecem as casas, as ruas, os moradores, naquilo que lhes é mais íntimo e particular. Durante a semana, há os que saem para o trabalho, mas retornam sistematicamente ao cotidiano do bairro. E, aos sábados, domingos e feriados é visível a diferença entre o bairro em que moro e a vila. Enquanto no meu prédio, na minha rua, predominam o sossego, o silêncio, porque as pessoas saem para passeios ou permanecem fechadas em seus apartamentos, lá, na vila, as ruas pululam de gente, os rádios estão ligados a alto volume e passa-se o dia de uma casa a outra, conversando, comendo e trabalhando.

HOGGART (1973) faz uma descrição intensa e pormenorizada da vida num bairro proletário: esse caráter "bairrista", que, no meu entender, difere de uma concepção e relação vividas em bairros burgueses.

O caráter bairrista da vida quotidiana do homem do proletariado torna-se bem explícito

na maneira como ainda hoje está pronto a atravessar meia cidade com um carrinho de mão, transportando uma mesa de cozinha que comprou muito barata, em quinta ou sexta mão, de um conhecido. (...) A vida é vivida dentro de um grupo de ruas conhecidas, integrando-se numa vida de grupo muito intensa e ativa. (p. 77)

A importância das relações de vizinhança, do afeto que se cria nesse espaço se confirma no discurso escrito desses moradores da Vila São Vicente:

Chega também a noite de natal! A última noite de natal em que vizinhos passam juntos. E o padre - menino resolve fazer da sua homilia uma despedida! Mas não vai muito adiante pois uma onda de emoção tomou conta de todos e o padre que tinha jeito de menino chorou... Os fiéis choraram... somente o coro com voz trêmula repetia várias vezes o noite feliz... (Anexo 1)

Ainda com relação ao nome, remonto à idéia de que se busca nele fugir ao estigma de favelado. Vila parece, não só neste caso específico, operar como um eufemismo de favela. Constantemente os moradores corrigem o termo favela por vila. Cria-se uma magia, uma auréola em torno do nome, e pronunciá-lo pode produzir uma carga negativa que dificulta a possibilidade de mudança nas condições e concretas que caracterizam a vila/favela:

Quando eu mudei pra favela... favela não. Favela, favela não, (...) quando eu mudei aqui pra favela eu tinha medo, ainda não conhecia ninguém... (Luciana, F, 12)

Aqui a fala é de uma criança, e as crianças são as que mais se utilizam do termo favela, que várias vezes é

corrigido pelos adultos, como mais um hábito a ser construído.

GOFFMAN (1982) faz um estudo do processo de estigmatização do indivíduo como a construção social de uma identidade deteriorada. Ainda que o autor coloque a possibilidade de que o estigma pode estar recobrando uma racionalização da diferença de classe social, na verdade ele trabalha com a construção individual.

Retomando a origem do termo, GOFFMAN recupera no significado atual de estigma a mesma carga semântica original. Os gregos utilizaram a palavra estigma para significar os sinais corporais que eram feitos em pessoas para chamar a atenção para algo extraordinário ou mau que pesava sobre o seu status moral. Essas pessoas eram *ritualmente poluídas* e deviam ser evitadas. Hoje, não há necessariamente a marca corporal, mas o estigma funciona como uma desgraça que pesa sobre a pessoa ou grupo social. Poderíamos pensar em marcas aprendidas no próprio processo de construção das pessoas, do ponto de vista do corpo, da gestualidade, mas não produzidas externamente por alguém. Por exemplo, há toda uma linguagem de sinais que consubstancia o termo favela, analfabeto e outros que são tidos como atributos depreciativos, na Vila. Ser favelado é, pois, estar *inabilitado para a aceitação social plena*. (p. 7)

Contudo, o processo de estigmatização funciona como um contexto de relações sociais e de linguagem. Há, no reverso do estigma, o conceito e a possibilidade do normal. Estar de

ou de outro lado depende muito da relação e das circunstâncias. Favelado pode referir-se, num primeiro plano, a uma situação espacial, geográfica e social que se opõe a um outro espaço tido como não favela, zona sul, bairro, os centros. E a visão de oposição poderá ser uma construção relativa a partir do ponto de vista do outro.

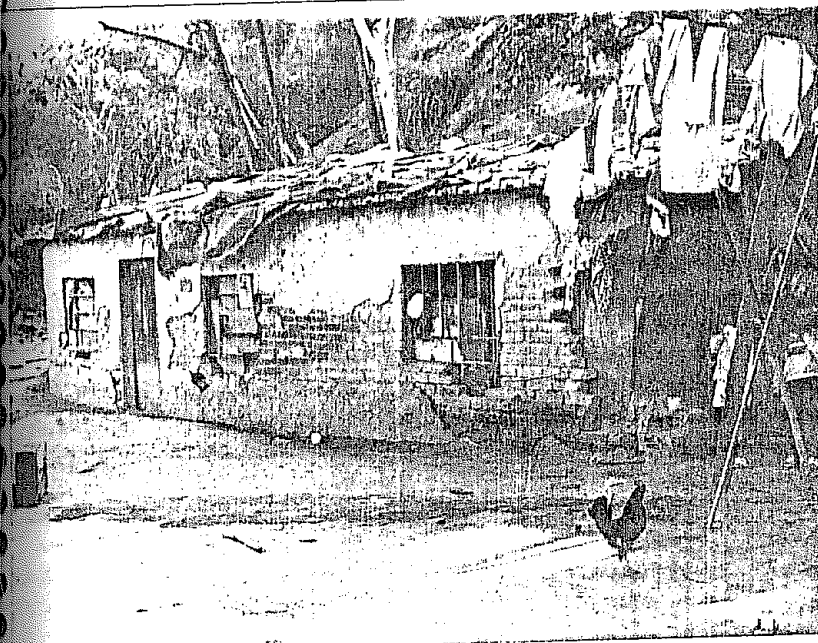
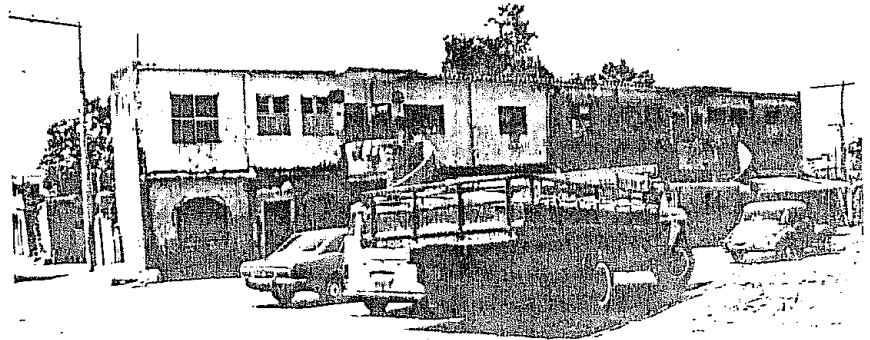
Depois dessa noite, sucessivos caminhões com as mudanças paravam para derradeira bênção e novamente as lágrimas por deixar aquele lugar tão falado pelos outros, mas tão querido para eles. (Discurso - Anexo I)

Mas pode ser também uma força de expressão que identifica aqueles que não alcançaram os atributos possíveis e esperados para construir-se como pessoa do grupo. Nesse sentido, favelado é a síntese maior da pessoa estragada e minuída, porque não respondeu ao estereótipo do grupo. Ela nos termos "nativos", o maconheiro, o ladrão, o marginal, o preguiçoso, o analfabeto, o ateu, etc.⁶ Esses termos são os pelos quais são vistos por grupos sociais dominantes. Entretanto, há semelhanças e distinções semânticas que lhes dão uma especificidade.

Neste trabalho será considerado o nome Vila São Vicente, por ser o mais recorrente na fala dos moradores de Vila São Vicente e dos bairros vizinhos, bem como nas correspondências que escrevi e verifiquei durante a pesquisa.

O mesmo processo de significação ocorre com o termo, maconheiro: *a gente fala maconheiro, mas não é bem assim, é a força de expressão.* (J.B., M, 28)

os, cortiços e prédios: a moradia como índice de poder



Situada na zona oeste de Belo Horizonte, ao lado da Via Expressa, a Vila São Vicente faz limite com o bairro Coração Eucarístico, bairro de classe média de Belo Horizonte onde está situada a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Outras fronteiras são os bairros Minas Brasil e Padre Eustáquio. Este último é o mais recorrente, entre os moradores, quando querem fugir ao estigma de vila, favela, e tentam buscar a categoria de bairro:

Eu não sei se é Minas Brasil, Padre Eustáquio ou Coração Eucarístico. Vem carta pra Minas Brasil, vem carta pra Padre Eustáquio, eu acho que é Padre Eustáquio. Pertence à Vila, mas a Vila é sempre aquele conglomeradinho, só ali mesmo. (Cristiane, F, 18)

Da entrada do Coração Eucarístico em direção ao Padre Eustáquio - pontos opostos - e passando pela Vila, observa-se uma heterogeneidade do ponto de vista do comércio, da moradia, do vestuário e dos tipos de pessoas que circulam nas ruas.

É na própria fala dos moradores que se percebe que o ponto mais contrastivo não é o Padre Eustáquio, mas o Coração Eucarístico, ao criarem as categorias aqui e lá como espaços diferentes e antagônicos, mas que se cruzam na convivência e na partilha de espaços comuns como o supermercado, a igreja, as casas e o comércio que se utilizam da mão-de-obra da Vila: balconistas, recepcionistas, domésticas, etc.. Lá, há uma ruptura essencialmente visível dos padrões de pobreza da Vila. São prédios, casas, mansões, posto de gasolina com serviços especializados, lanchonetes

"fast food", típicos de um bairro de classe média alta. Um traço semiótico relevante é a construção de uma barracagem na Vila, nessa fronteira, com dois andares, embora a mesma só possua dois cômodos na parte de cima e o pátio abaixo. Para alguns, Messias é o único favelado que conseguiu construir uma casa de dois andares.

Favela e casa de dois andares não são traços que se separam de forma excludentes, mas que criam contrastes e indicam apropriação e aproximação de significados culturais de camadas sociais distintas. No dicionário, favela refere-se a *conjunto de habitações populares toscamente construídas e desprovidas de recursos higiênicos.* (Dicionário Aurélio) Embora seja uma definição simplificada, a moradia típica desse local são barracos toscamente construídos e que muitas vezes se expõem à ação dos ventos e chuvas fortes, principalmente por não possuírem bases sólidas que os sustentem. Construir uma casa já é um grande feito; uma casa de dois andares é muito mais. Além de se apropriar de um padrão do bairro de elite que está mais próximo da Vila, onde predominam prédios, há um emprego de recursos materiais mais dispendiosos. Aqui, são barracos e cortiços, moradias geminadas e divididas precariamente para poder abrigar os filhos que nascem, os parentes que vêm do interior em busca de melhores condições de vida ou os atrevidos que ocuparam espaços de quem tinha demais.

Há uma marcada busca de saída de uma condição desejável de precariedade e pobreza. Quando não se pode sair para outros bairros, buscam-se estratégias de "virar as

atas", de apontar para o céu, de sair provisoriamente ou esconder atrás dos muros.

A Avenida dos Esportes, hoje asfaltada, estabelece as fronteiras da Vila, abrindo as portas para os bairros Coração Eucarístico e Minas Brasil. Antigamente, essa avenida era um brejo de cobras, passarinhos e mato, e por ser os fundos, o final da Vila, que tinha a sua frente voltada para a avenida Amazonas, Gameleira. Hoje, todo mundo quer virar as portas de entrada das casas para a Avenida dos Esportes, mas nem todos conseguiram transformar em frente o que era fundo, começo o que era fim, ou seja, nem todos conseguiram melhorar as possibilidades de inserção num espaço de relações sociais mais valorizadas e de valorização do próprio imóvel. Esse pedaço - a avenida - é um ponto desejado por aqueles que moram no miolo ou pedacinho, que é a região mais estigmatizada do pedaço maior. Os que moram no miolo são os marmiteiros, favelados, arruaceiros, de comportamento sem classe.

Neste quadro, a casa nos remete ao valor da semiose verbal, no sentido de que:

A práxis opera em nosso sistema perceptual, ensinando-nos a "ver" o mundo com os "óculos sociais" ou estereótipos e gerando conteúdos visuais, tácteis, olfativos, gustativos, na dimensão cinésica e proxêmica (gestos, movimentos, espaços, distâncias, tempo, etc.), independentemente da ação e do recorte da linguagem linear. (BLIKSTEIN, 1985, p. 65-66)

O que ocorre aqui é uma tentativa de explicitação do processo inconsciente de percepção da casa como um referente

a verticalidade positiva, da oposição alto e baixo, processado este que pode ser entendido dentro de uma lógica de poder de hierarquias engendrados na nossa sociedade. Uma casa traz em si mesma a idéia dos domínios do superior e do inferior, do alto e do baixo, na *racionalidade* do teto e na *irracionalidade* do porão. A oposição casa de dois andares/barracão, cortiço, etc., reforça os ideais simbólicos, o "deslocamento" de objetos que reproduzem esse ideal cultural e que associam ao poder, ao alto: a águia, a cruz no cume da montanha, a lua, o sol, as estrelas, a bandeira hasteada, etc. A metáfora do poder se descola para o objeto casa, e representa a possibilidade da quebra das diferenças sociais ou a possibilidade de encobrimento de um "defeito" ou um estigma social, nesse contexto, o pobre, o favelado⁷.

A vila é sempre aquele conglomeradinho, só ali mesmo. (Cristiane, F, 18)

O mal é o seguinte: você está vendo que está morando num lugar assim não vou dizer favela, mas você vai trabalhar, lutar pra adquirir uma coisa melhor, pra sair daí por que você fica ameaçado. E o bom é isso: você trabalhando sabendo que vai sair daí. Se eu pudesse eu mudava daquele pedacinho, da redondeza aqui não. Na avenida aqui. Eu sou doido pra sair daquele pedacinho, mas minha mãe tem sentimento daquele apartamento ali, foi meu pai que deixou, ela num muda dali não. (Eustáquio, M, 23)

Esta é a fala de um rapaz de 23 anos que vive às voltas com as atitudes arbitrarias e de violência da

DA MATTA (1983) desenvolve brilhante estudo sobre o significado da casa, em suas repartições, bem como do processo de simbolização e do conceito de deslocamento.

polícia, e mesmo dos rapazes que moram na Vila. No dia em que fez esse depoimento, ele estava ferido no rosto, em consequência de uma briga na noite anterior. Criam-se, por isso, entre irmãos e amigos, um pacto de proteção e vigilância constantes contra ataques da polícia e dos próprios vizinhos.

Quanto ao sonho de mudar para outros locais, ele se condiciona a fatores de ordem afetiva, bem como à possibilidade de venda das propriedades, que é dificultada pela falta de documento de posse ou por não encontrarem quem pague o valor real.

Aqueles que conseguem melhorias econômicas e de moradias, mas permanecem dentro da Vila, principalmente no miolo, construíram muros que "protegem" contra os outros. E mesmo alguns que não conseguiram melhorias significativas sonham em, e às vezes conseguem, construir esses muros, principalmente quando a área de muro a ser construída é pequena.

Graças a Deus fiz esse muro. Antes era uma molecada danada aí na minha porta. Gente entrava e roubava minhas coisas. (Alaíde, F, 42)

Esse pedacinho é revelador de uma ordem mais antiga da favela, e pouco conseguiu se modificar. É onde se situam os dois blocos de apartamentos do antigo Conjunto Habitacional São Vicente. As alternativas de ampliação e modificação das moradias nesses prédios são mais limitadas. São apartamentos de dois quartos pequenos, uma sala, cozinha e

banheiro. A maior parte deles abriga mais de cinco pessoas. Daí ser muito comum o revezamento da sala de visitas com o dormitório, à noite, de preferência para homens ou crianças. Internamente vêem-se melhorias em janelas, piso, paredes, mas nada que altere substancialmente o espaço ou as possibilidades de utilização. Isto porque, no caso de barracões, é comum a construção de puxados ou reformas que ampliam as moradias, e, raramente, mas ocorre, constrói-se um segundo andar.

Colados aos apartamentos está um emaranhado de barracões de um, dois, três, quatro, e no máximo cinco cômodos, onde moram de cinco a dez pessoas. Quando dizem cômodos, referem-se a todas as divisões da casa (sala, cozinha, quartos e banheiro), em alguns casos, o banheiro localiza-se fora da casa. Há casas onde até mesmo a cozinha reveza funções com o dormitório, e os quartos têm beliches com duas pessoas em cada leito e a cama de casal é dividida também com as crianças menores.

Entre nós, no Brasil, é um sinal de pobreza (e mesmo de indigência social) residir num espaço indiferenciado interna ou externamente, pois quem reside assim está certamente sujeito a confusões e misturas, sinal de alta inferioridade social. Numa só palavra, casas de um só cômodo podem levar ao que chamamos de 'bagunça' ou estado típico de 'sujeira' ou confusão social (MATTA, 1981, p. 71)

E aqui relembro o estranhamento que me levou à seguinte descrição num relato de campo:

A casa da cega⁸, é de fazer dó. Um cortiço de um quartinho e um banheiro, com dois cacarecos de camas coladas uma à outra, onde as crianças pulam e sobem como se estivessem no chão. Colado às camas, de frente para a porta, há um sofá velho, furado, coberto por um cobertor de São Vicente, imundos - cobertor e sofá. O fogão no canto do quarto. As roupas espalhadas e um caixote cheio de cacarias. Uma bagunça e um mau cheiro que tive que ficar perto da porta pra conseguir respirar. Nesse cortiço vive uma família de cinco pessoas. (Diário de campo)

Não me contentando com a descrição da casa, descrevi a cega com o mesmo impressionismo:

É uma negra, cega, de roupas escuras, uma sombra muito negra é o que ela me passava. À frente desse cortiço, que mais parecia uma portinha desses reformadores de estofados - típicos de bairros de periferia - um menino pretinho, de cor e de sujeira, sentado num chão lamacento de água, terra e comida, uma verdadeira lavagem de porco, com uma panela preta, queimada, comendo batatinhas pretas e queimadas, que ele mesmo fritara. Uma cena terrivelmente rica de pobreza. Lembrei-me imediatamente das descrições de A. Azevedo, em "O Cortiço", e de um poema de Manuel Bandeira:

O Bicho.

*Vi ontem um bicho
na imundície
Catando comida entre os detritos*

*Quando achava alguma coisa,
não examinava nem cheirava,
engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato.*

*O bicho, meu Deus, era um homem.
(Diário de campo)*

9. D. Adelina é chamada recorrentemente de cega.

Estava instalada a confusão, não há relativização que resista, pensei. Daí para a teoria da deficiência e do determinismo não faltou um passo, foi um mergulho total. Eu procurava coisas de gente em meio a bichos, essa foi a sensação que quase me fez recuar. Contudo, não foi, depois de passado o susto, difícil assumir e perceber que D. Adelina pensa, sente, e conhece coisas semelhantes e diferentes das que conheço. Naquele momento estabeleci uma relação de senso comum. impressionista, entre conhecimento, principalmente letramento, e condições sócio-econômicas. Pobre é analfabeto e rico é letrado. D. Adelina é tão alfabetizada ou mais do que outros seus parceiros de grupo. Já alfabetizou pessoas, em braile, e ajuda as crianças da Vila nas tarefas escolares.

As casas da Vila, principalmente as menores, que não demarcam de forma rígida os espaços segundo suas funções tradicionais, produzem esse incômodo, uma idéia de "sujeira" "bagunça" ou confusão social, por não obedecerem a uma gramática ou ordenação lógica dos cômodos através de seus objetos e funções (MATTA, 1981). Entretanto, há níveis de inversões e de sujeira ou bagunça que são projetados pelo nosso ponto de vista, da nossa gramática de classe social dominante. É importante observar, contudo, que a idéia de sujeira, de bagunça em oposição à idéia de limpeza, de asseio definem naquele universo da Vila a construção social do conceito de pobre. É o caso, por exemplo, da mocinha tida como modelo no grupo: batalhadeira, revolucionária, certinha, que critica os pobres suios, que guardam tralhas,

assim como a cega. Por outro lado, na casa dessa mesma mocinha, guardam-se gaiolas de passarinhos dentro da cozinha, na sala, num visível entulhamento denunciado por ela mesma:

Quando ela mudou, eu fiz questão de ir lá na casa dela e ó, muita tralha aqui cá vai jogar fora, porque pobre sujo, pobre nojento não dá. É preferível ser um pobre mas assim um pobre com limpeza, um pobre educado, não precisa ser pobre sem educação não. Tem muita gente aqui na vila que vai eu acho excelente visitar a casa deles, todo mundo asseadinho, não chora muito na vida... (Cristiane, F, 18)

São visíveis as diferenciações que se fazem não só do ponto de vista das moradias mais espaçosas, mais confortáveis, como do asseio, cuidado e utilização do espaço.

A idéia de sujeira e de desordem assume proporções mais abrangentes quando se vê o todo da Vila com suas casas descascadas, inacabadas, sem janelas ou com janelas quebradas, telhados remendados e seu pequeno comércio de açougues, mercearias e serviços de mecânica e borracharia em espaços apertados e de múltiplos usos. Na zona central, o pedacinho, acirra-se esse incômodo, onde se instala um ponto de aluguel de animais de sela e charrete. É o ponto da carrocinha ou do Alemão, dono do ponto e dos animais. Ali há uma banheira cheia d'água para os animais beberem. O intrigante é que o ponto é bem colado às casas. Unem-se aqui sujeira e o cheiro típico de cavalos e outras criações: porcos, galinhas, perus e codornas.

A presença de animais no cotidiano dessa Vila é um dado significativo. Em quase todas as casa há passarinhos,

gatos e cachorros, que convivem harmonicamente com as concepções de ordem e higiene desse grupo social.


E mesmo o que eles denominam pobreza, e eu, "desconforto", em oposição à riqueza e "conforto", é também relativizado, em momentos de perfeita harmonia e afetividade com o espaço onde se vive, como se vê no conteúdo depoimento a seguir:

Aqui é tão legal, tempo de frio o sol vem aqui dentro; tempo de calor vem a sombra. Eu acho tão bom. Tem umas minhas freguesas lá na Savassi que lá não vai sol de dia. Não adianta morar na Savassi, melhor morar aqui.

(do depoimento)

Vila-Savassi: relações clientelísticas

CULTURA PARA O POVO



VEREADOR
PMB
26.619

AILTON FERNANDES
Cultura

E TEMPO E HORA DE SERIEDADE
Estamos com **AILTON FERNANDES**
PL NOSSO VEREADOR 88 Nº 22.673
Prefeito

CABARÉ MINEIRO

GONÇALVES DIAS, 54 TEL.: 227-5860

Segunda

PROJETO "SEGUNDA SEM LEI" — 21 HORAS

A banda "Arranha Céu" abre o Projeto apresentando o de Led Zeppelin, Beatles, Eric Clapton, Dire Straits, Feixas, Eagles e outros. A seqüência da noite fica com a "Concreto.Oco" mesclando o rock tradicional ao e ao blues em composições próprias. — ENTRADA NCA.

Terça

**PROGRAMAÇÃO DUPLA:
PROJETO TRAMPOLIM —
ALEXANDRE GUIMARÃES — 21 HORAS
— LAMBATERIA — 23 HORAS**

antor e compositor, Alexandre Guimarães possui influências que vão do rock ao jazz, se enquadrando mais na busca de temas urbanos. Estará acompanhado por Neném — bateria, Mario Gonzaga — baixo e Marcio — guitarra. — LAMBATERIA — Nesta véspera de feriado, a lambada passa a ser a melhor opção para os adeptos da dança.

Quarta

GRUPO FOLCLÓRICO MINEIRO DE CAPOEIRA — 21h30m

O Grão Mestre **DUNGA** vai estar coordenando os diversos ângulos da capoeira, do maculelê, da puxada de rede e muitos outros ritmos, ao som dos berimbaus e atabaques. Esta é uma rara oportunidade para se conhecer um pouco mais desta dança/luta negra.

Quinta

RESERVADO.

Sexta e Sábado

GRANDE CONCURSO DE LAMBADA — 22 HORAS

Mais uma vez o Cabaré Mineiro cede seu espaço ao ritmo "caliente" da lambada. Nesta sexta e sábado os adeptos da dança vão estar concorrendo a Cz\$ 50.000,00 — casal profissional e Cz\$ 20.000,00 — casal iniciante. Ainda para os iniciantes, estarão à sua disposição dois instrutores para ensinar os primeiros passos. Vale dançar a noite toda aos efeitos de luz e à sonorização exclusiva do Cabaré.

Se há uma dicotomia entre os de lá e daqui, em relação à Vila/Coração Eucarístico, há essa dicotomia Vila/Savassi. A Savassi é representante máximo da burguesia, da zona sul. E é essa convivência que lhe permite uma relativização, pela própria relação de clientelismo que se estabelece entre os dois universos sociais. Afinal, são relações que dão aos daqui possibilidades de emprego e prestígio social, aos de lá, serviços e apoio político.

OLIVEN (1980) caracteriza de forma esclarecedora a situação típica dos indivíduos pertencentes às camadas populares. O clientelismo e o paternalismo tendem a se instalar em sociedades onde ocorre uma rápida urbanização, devido às correntes migratórias dos meios rurais. Parte desse contingente é absorvido pelas relações capitalistas de produção, mas o restante se vê à mercê do setor informal. Migrantes e setores das classes populares se submetem a essas relações clientelísticas, em função da escassez de recursos e à competição acentuada.

Também DA MATTA (1981), numa abordagem do clientelismo, aponta como, a partir dessas relações, criam-se intermediações com um sistema de relações que opera no nível biográfico, da "pessoa", em que, para resolver problemas do dia-a-dia, *seguimos sempre o código das relações da moralidade pessoal tomando a vertente do "jeitinho", da "malandragem" e da solidariedade como eixo de ação.* (p. 169). Este autor opõe a essa vertente um sistema que opera no nível das

leis globais, evitando a todo momento o contato direto com os indivíduos (...) seguimos sempre o código burocrático ou a vertente impessoal e universalizante, igualitária do sistema. (p. 169)

No nível das relações pessoais, em que se focaliza a pessoa, deixa-se de lado a *universalidade classificatória da economia, dos decretos e dos regulamentos*. Ainda que esses dois eixos se articulem em todos os segmentos da sociedade brasileira, há distinções que se estabelecem por dicotomias sócio-econômicas. Segundo o autor, nos setores médios e altos da sociedade, *o conhecimento do mundo e a entrada no universo do trabalho são dados pela relação muito importante com um mediador; (p. 187)*. Os setores mais baixos da sociedade têm uma relação muito frágil com as instituições de poder, dispondo de um único recurso para fazer essa mediação: sua força de trabalho.

É nesse sentido que as relações com pessoas importantes, famosas, bem sucedidas e com acesso aos espaços de poder são valorizadas pelos indivíduos pertencentes às camadas populares. É a advogada que orienta e cuida do processo de pensão do falecido pai da manicure; é o marido da patroa que consegue um emprego de "office-boy" para o filho da lavadeira, entre múltiplos casos que poderia constituir uma imensa lista. São os favores e a certeza de poder contar com pessoas influentes nos momentos de necessidade, na hora do aperto.

Ricos e pobres: um espelhamento de teorias e espaços de aprendizagem

A diferença de classe é muito grande. O pessoal aqui é pobre demais e lá é uma classe super-alta, então dá um choque muito grande. Apesar que a criança de favela é super-esper-ta. Isso a gente nota diferença de cabo a rabo. Por exemplo, eu tenho a minha prima, a Renata, assim, é criança super vivida, 4 anos; eu estava comparando ela com o Lucas, filho da patroa da mamãe. Gente, como que a diferença de criação: Lucas é super mimado, tem tudo que ele quer, mas aquele denguinho da mãe. Renata? Se der na teia ela vai pro fogão, faz comida, 4 anos: Passa uma roupa pra mãe dela, lava uma roupa, fica sozinha em casa, porque a mãe trabalha. Quem diria a Marta deixar o Lucas sozinho dentro de casa? Nunca. Esconde as coisas dele; faça, ah meu Deus, é um perigo pro meu filho. Eu sei, é um perigo pra criança, mas é como que a diferen-ça é grande. (Cristiane, F, 18)

Os de lá e os daqui são também diferenciados na forma de socialização e de criação das crianças. As crianças daqui são mais pobres, mal vestidas, sujas, mas são mais espertas, aprendem mais cedo a conviver com perigos e riscos, porque são menos protegidas e menos vigiadas do que as crianças ricas.

E é exatamente essa diferença no processo de socialização que vai dar origem a duas concepções de aprendizagem e de adultos socializados. Aprender, para os moradores da Vila, está diretamente associado à idéia de viver, de passar por experiências que permitam construir um adulto bem-sucedido.

Há aqueles que foram crianças de verdade e aprenderam a viver, a se safar dos perigos que os cercam - polícia, droga, marginais - e há, mesmo dentro da Vila, aqueles que foram criados dentro de casa, os fresquinhos, os bunda-moles, os filhinhos de papaizinho:

Ele (um amigo) ficava só dentro de casa plantado, estudava muito, não participava daquelas coisas da favela... era meio fresquinho, na linguagem popular. Muito amigo hoje, mas não participou mesmo do que que é um favelado mesmo. Aquilo não fazia parte da vida dele. Ele ficava só dentro de casa, trancado, só ficava estudando. Estudou muito, formou-se, hoje é um advogado. (J.B., M, 28)

Vale ressaltar que essa é uma fala predominantemente masculina, já que, para as meninas, as restrições quanto às experiências da rua, de fora de casa são mais fortes e têm um outro significado.

Uma percepção de que a criação mais restrita ao

*aprender
=
viver
=
bom
sucesso*

ambiente de casa traz seus lucros, e a de que a inversa pode trazer também prejuízos, leva a uma postulação de um meio termo, que evitaria os extremos. No primeiro caso teríamos, como já foi dito, pessoas indefesas, inexperientes e infelizes, apesar de uma educação mais letrada; no segundo caso, a liberdade sem controle geraria o ladrão, o marginal, o criminoso, o traficante:

As meninas eu prendo em casa com serviço, mas os homens não aceitam lavar pratos, passar roupa, dizem que não são mulheres. O que conserta rapaz é trabalho. Na rua só aprendem a roubar e a ser maconheiro. (Martinha, F, 48)

Esta é também uma concepção preferencialmente elaborada pelos adultos, pais das crianças:

Uma criança de favela é uma criança que vive sem pai e sem mãe pressionando, vive uma infância realmente, porque é por isso que o lado ruim da vida que eles dizem, ou seja, um ladrão, um assassino, um maconheiro, isso é muito fácil da gente pegar esse lado. É por isso que favelado sempre tende a pegar essas qualidades, porque o pai e a mãe não fica obrigando, não fica no pé "toma banho, menino", lava a mão... essas coisas, vamos dizer, frescura de pessoa rica, o que não é frescura. Então eu acho que ele sempre tende a pegar esse lado. Não é assim porque o governo não dá atenção, não é assim também não. Eu acho que é porque eles são criados mais à vontade, mais soltos. Um menino, uma criança de 15 anos já pode ter filhos. Se quiser sair de casa, o pai e a mãe não tá nem aí: sai pra lá, vai cuidar da sua vida, vai roubar pra lá; ou qualquer coisa assim. (J.B., M, 28)

Nesta fala, bem como em muitas outras, explicitou-se um pouco mais o estranhamento que tive ao presenciar uma atitude de "rejeição", de "desamor" aos filhos, traduzida em

um explícito apelo para que os filhos saiam de casa, arrumem emprego e só voltem para trazer o dinheiro, ou então que se casem para tirar-lhes o peso das costas.⁹

As vezes um pai também favelado, no dito popular, favelado, ele até fica a fim de ficar livre do filho, não tá nem aí, não tem tanto amor, o filho fica criado mais solto, passa por tudo quanto tem até 20 anos. (J.B., M, 28)

Eu acho que é por isso que o favelado também tende a ser um criminoso e tudo, por que é criado mais solto. Não tem ninguém pegando no pé, se dorme tarde, não tem esse negócio de ficar tomando banho, escova os dentes, vai lá faz isso, faz aquilo, pai e mãe criar ali na pressão. Acaba que a criança aprende aquilo tudo, mas aprendeu porque foi forçada a aprender, talvez aquilo não se identifica nem com ela mesma. (J.B., M, 28)

Por outro lado, quando se comparam com grupos de classe média, apontam perdas no processo de desenvolvimento das crianças advindas dessa falta de controle. Perda visivelmente apontada na trajetória dos filhos na escola, que é interrompida não só pela necessidade do trabalho, mas por repetências consecutivas e evasão:

Os pais ricos muram as casas porque têm medo que as crianças saiam no trânsito, aí as crianças ficam presas. As da favela ficam soltas é porque não tem quem cuida delas. Se tivesse alguém que desse aulas pra elas uma ou duas horas, na rua mesmo, ajuntasse, e não precisava ensinar nada não, só a ter responsabilidade já servia. Elas não têm incentivo, não têm mãe e o pai em casa, que saem pra trabalhar porque ganham uma micharia. (Martinha, F, 48)

⁹. A questão da afetividade nas relações familiares de segmentos sociais populares, merece ser melhor investigada. SENA (1991) faz uma análise dessa problemática.

Já uma pessoa que não passou por aquilo, uma que viveu no meio rico, que a gente chama. Talvez com 30 anos, se ele conhecer droga, aí ele vai se perder nisso, vai ser pior, porque já vai ter uma idade, com a cabeça formada e se perdendo já formado, aí eu acho pior. (J.B., M, 28)

Segundo DA MATTA (1983), a rua, para os brasileiros é o local denominado de "dura realidade da vida" (...) é o local público, controlado pelo "Governo" ou pelo "destino"; essas forças impessoais sobre as quais o nosso controle é mínimo. (p. 72) Sair de casa na Vila, uma expressão que comporta vários significados: ir à cidade, ao comércio; tornar-se livre, independente, buscar trabalho ou mesmo não ter apoio da família, quando se é mandado para fora de casa.

Se, na rotina diária, há quase sempre um ritual de aprontar-se para sair de casa, há também todo um processo de aprendizagem do sair de casa para a vida (para a escola, para o trabalho, para o casamento, etc.). Nesse sentido, é possível que a diferença a que se referem os depoimentos com relação à criação de crianças pobres e ricas esteja exatamente nos diferentes momentos em que umas e outras saem pra rua, para o trabalho, para os riscos da impessoalidade e do anonimato. Acrescente-se que as crianças pobres não têm um nome, um berço a que possam fazer referência quando competem em espaços públicos.

Se, do ponto de vista de um ideal, essas duas teorias de aprendizagem se complementam, por outro lado, se excluem, já que o estudo exige reclusão, dedicação e acompanhamento

dos pais, e a vida chama para a rua, para o trabalho, para o grupo:

Eu aprendi muito com a vida, e escola foi muito pouco tempo. O serviço que faço agora aprendi a fazer na vida; eu tive mercearia, varejão... (Josias, M, 30)

Eu acho que na vida aprende. A escola dá um assento, ela faz com que o cara seja um médico, um engenheiro, um professor ou coisa assim; ensina a escrever, a ler. Agora, ele tem que aprender a viver... tem que aprender a vida primeiro, a viver. Não precisa de escola pra isso não. A escola ensina a ler e a escrever. (Messias, M, 33)

Eu aprendi um negócio na vida. Toda vida eu gostei de comunicar com os outros, nunca gostei de ficar sozinha e entrei pra Igreja... apostolado... conferência... romaria... Eu conheci todo mundo e aprendi a conviver com todo mundo, por intermédio de romaria. Já que eu não tive escola, já que não aprendi a conviver com os outros por intermédio de colega de escola e nem de colega de serviço, porque eu nunca trabalhei fora, então eu arrumei esse jeito - eu não arrumei, foi Deus que arrumou pra mim, foi Deus que quis. Então eu fiquei conhecendo todo mundo... (Martinha, F, 48)

Já se percebe no último depoimento como essas duas teorias de construção da pessoa se articulam com espaços onde se aprende a ser pessoa. E é por isso que apontei o grupo, a turma, ao lado da escola, do trabalho e da droga. O grupo tem um grande papel na vivência de velhos e jovens. Nele e por ele se aprendem e fazem coisas, ainda que diferentes conforme a idade, sexo e necessidade. Há os grupos de jovens, de caráter religioso, atrelados à Igreja; há os grupos de bares, e há os grupos de vizinhança que se juntam proximidade e para o lazer. E há os grupos da marginalidade,

da bagunça, da droga:

Um dos bares que mais frequenta o pessoal que mexe com droga é o meu. Então é um alerta, o cara chega lá e escreve sobre a droga; o viciado que tiver vendo pode mancar que aquilo é um alerta pra ele mesmo, sem falar diretamente. (Josias, M, 30)

Mas o que interessa, fundamentalmente, é a necessidade da vivência de grupo, justificando frases do tipo "eu não prefiro estar só do que mal acompanhado não, eu quero é estar mal acompanhado mesmo," ou então a idéia de que, por trás de um mal feito, existe a presença de mais de uma pessoa, e que muitas atitudes são justificadas pela presença do grupo. A idéia de grupo se liga também à necessidade de ajuda mútua, de se ajudar nos momentos de dificuldade, de trocar favores. É muito recorrente a teoria da ajuda, seja material ou espiritual, da palavra amiga, da esmola, etc.

Se a idéia de aprendizagem se opõe, em determinados contextos, à idéia de escola, parece se opor também à idéia de casa, a qual também exclui o indivíduo de riscos e mesmo o acolhe nos momentos de grande risco. Há uma especificidade do ser pessoa dentro de casa, que não garante por si mesmo que o indivíduo saiba conviver em outros espaços que também exigem uma aprendizagem específica, como o trabalho. Não se descarta, contudo, um possível elo entre casa, família e outros espaços, principalmente quando se vêem crianças aprendendo, em casa, habilidades específicas de trabalho, de

profissão, que, possivelmente, poderão exercer quando adultas. Mas o aprendizado das relações que ocorrem nesses espaços de vivência do dia-a-dia só se exercita na prática mesma das relações. Não basta ser, por exemplo, torneiro-mecânico, para ser bem sucedido numa grande empresa, mas é preciso conviver no espaço de relações onde se inserem os torneiros-mecânicos dentro de uma fábrica. Como também não basta saber rezar e entender da Bíblia, mas é preciso saber das normas e crenças que mantêm os grupos de oração e da Bíblia, para se inserir neles. E, no momento em que casa é o que se opõe à vida, esta passa a se constituir nos espaços institucionalizados da rua, tais como a escola, a igreja, o trabalho, o grupo e a rua, no seu sentido mais estrito.

Ao analisar os espaços "casa/rua", DA MATTA (1983) distingue dois códigos a que está sujeito o indivíduo. No âmbito da "casa" o indivíduo se sujeita a um

restrito código de amor e respeito a sua família, o grupo visto como inevitável, inescapável, do qual ele é um perpétuo dependente e no qual dissolve sua individualidade em muitas ocasiões. (p. 93)

Na rua, o indivíduo se separa de seu grupo moral, estando sujeito aos códigos impessoais do trânsito, da oferta e da procura, do município e do Estado. Aqui predomina, segundo o autor, a hostilidade e quase sempre a falta de hierarquia e complementariedade. (p. 93)

Embora o autor afirme que em casa é que se aprende a ser alguém, a tornar-se uma pessoa, (p. 93) entendo que o projeto de pessoa a que faço referência, para o grupo em

estudo, inclui os dois níveis de vivência, a do público e a do privado. Saber lidar com a gramática do amor, do respeito, da personalidade, por um lado, e com a da hostilidade, da competição, ou do anonimato é o projeto ideal. Ser bem-sucedido é um termo que comporta a realização desse projeto: um indivíduo de berço, de família, bem relacionado e que sabe se virar na vida.

Daí que a idéia do estar mais para a vida, para o exterior, para fora de casa, ou da escola, vem se juntar à idéia de aprendizagem pelo sofrimento. Se viver traz riscos, impõe perigos, é também o risco, o sofrimento que leva ao progresso, ao crescimento; a topada é que ajuda a gente a caminhar. (Chico, M. 50) E não há nesse grupo, generalizadamente, quem não pense religiosamente, e quem não tire do sofrimento uma lição, principalmente os adultos e jovens.

GEERTZ (1973), coloca o sofrimento como uma questão religiosa, no sentido de que importa saber como sofre, como tornar a dor, física ou moral, algo suportável:

O esforço não é para negar o inegável - que existem acontecimentos inexplicados, que a vida machuca ou que a chuva cai sobre o justo - mas para negar que existam acontecimentos inexplicáveis, que a vida é insuportável e que a justiça é uma miragem. (p. 124)

Para Geertz, o sofrimento, do ponto de vista da religiosidade explica-se pela inexistência de regularidade empírica, de forma emocional e de coerência moral da vida do homem. Na religião é que se busca uma explicação e uma ordem genuína para as irregularidades e perplexidades da vida

concreta.

Já para HOGGART (1973), diante do sofrimento, o proletariado, não tem outra alternativa senão "aguentar". A tragédia não existe, visto que não se tem opção:

uma aceitação fatalista das coisas tal como elas são, essas atitudes não se alçam nunca a um nível trágico; de resto, não pode haver tragédia porque não há escolha. Revestem-se no entanto de certa dignidade, pelo menos nalgumas formas que assume. (p. iii)

Com matizes diversificados, o que interessa é que o sofrimento é componente recorrente das explicações sobre a existência.

Embora haja uma teoria e uma prática que se articulam e constroem a pessoa nesse grupo, há uma fé na teoria do dom e da pessoa com capacidades inatas que vão determinar o perfil do adulto. São as mulheres que têm o dom para ser mãe, para ser professora, para liderarem grupos de oração, etc., Ou são os homens que têm o dom para trabalhar com máquinas, num serviço de artesanato, ou na mecânica de carros.

Os dons aparecem muito estreitamente vinculados à biografia dentro da família, que se organiza num contexto de relações chamadas tradicionais ou hierárquicas. FIGUEIRA (1987) desenvolve com detalhes este conceito em oposição a um conceito de família moderna ou igualitária. O que ressalta nesta análise é a identidade posicional marcada no primeiro tipo de família: todos tendem a ser definidos a partir

de sua posição, sexo e idade. (p. 16)

A construção de um conceito de pessoa, na visão do grupo, ~~do grupo~~^{se} articulada a essas teorias e espaços. Há momentos em que se enfatizam uns ou outros, segundo determinações de sexo, idade, família ou mesmo do imprevisível da biografia pessoal. E esse conceito é dado pela contradição dos seus opostos. Ou seja, de um lado da moeda, um atributo positivo que se reforça no seu negativo: trabalhador, batalhadeira, esforçado/preguiçoso, bandido, maconheiro, maloqueiro, favelado, malandro; crente religioso, da bíblia, católico, batista, ateu/relaxado, ateu pagão, amasiado; estudado, formado, culto/analfabeto, semi-analfabeto.

Letramento e classificações sociais

olhar microscópico em categorias polissêmicas: analfabeto, semi-analfabeto, alfabetizado e estudado



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
TÍTULO ELEITORAL

NOME DO ELEITOR: _____

DATA DE NASCIMENTO: 29/05/52

MUNICÍPIO: _____

REGIÃO: _____

DATA DE EMISSÃO: 18/09/86

[Handwritten Signature]

COM VOTO CONSCIENTE COM MANÇA D'ÁGUA E JUSTIÇA ELEITORAL

A escrita no cotidiano: uma trilha entre múltiplos caminhos interpretativos

*Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada,
O sol doira
Sem literatura.
O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...*

*Livros são papéis com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.*

(...)

*Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.*

*O mais que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca...*

(Fernando Pessoa, *Liberdade.*)

O capítulo anterior delineou espaços e teorias pelos quais os sujeitos desta pesquisa projetam uma concepção de pessoa. Essa construção se dá num processo tenso entre o verso e o reverso dos atributos que se combinam na história de socialização desses indivíduos. Uma conclusão fundamental que se pode tirar daquele capítulo é a de que a escrita participa do leque de produções culturais dos moradores da Vila São Vicente.

Este capítulo pretende ampliar a visão de um eixo da produção de significados dos moradores da Vila, no que se refere à construção de categorias de pensamento, de visões de mundo.

Nas falas que se propunham sintetizar o conceito de pessoa, de adulto ajustado aos valores do grupo incluía-se sempre alguma categoria relativa ao universo da cultura enquanto saber letrado, como nesta fala: na vila tem gente analfabeta, na vila tem adulto católico que nunca fez primeira comunhão, tem adulto pagão. (Martinha, F, 48).

Além da observação participante, este capítulo serviu-se das análises que os indivíduos da Vila fizeram de

escrita
empts obp
de categorização
social

textos escritos ~~que~~ tinham sido coletados anteriormente e que foram utilizados no momento da entrevista (v. Anexos 2A, 2B, 2C). Essa estratégia surgiu frente à observação de que a produção escrita, tanto do ponto de vista do seu conteúdo quanto da sua forma, era objeto de categorização social naquele universo ~~ou~~ seja, a escrita produz classificações que extrapolam habilidades do saber ler e escrever. Por um tipo de traçado, ~~de~~ letra, de conteúdo e de recursos lingüísticos, classificam-se as pessoas como homem bobo, criança, adulto, pivete, moleque de rua, mulher de meia idade, mulher de meia idade e sem formação religiosa, analfabeto, estudado, semi-analfabeto, maconheiro, roceiro, cafona, imoral. BOLLÊME (1988) assinala a relação entre o falar direito, escrever bem e seguir o bom caminho. Uma língua escrita, codificada, constitui um centro de referência para uma ortodoxia:

O que é apropriado saber, pensar, acreditar, dizer está ligado a uma correção da língua; escrever e falar se fazem estritos, como o que é consignado no livro; transgredir o código é grosseiro, falso, despropositado; assim se vê crescer e afirmar-se na História uma sacralização do livro. (p. 177)

Outra estratégia semelhante a essa foi a de "vasculhar" os guardados que se referiam ao material escrito na casa do entrevistado. Esses guardados constituíam-se de caixas de sapato, envelopes, sacos plásticos, que continham uma multiplicidade de materiais (cadernetas de poupança vencidas, carteirinhas de INPS vencidas, receitas, recortes

escrita
em gto depois
de categorizada
social

textos escritos ~~que~~ tinham sido coletados anteriormente e que foram utilizados no momento da entrevista (v. Anexos 2A, 2B, 2C). Essa estratégia surgiu frente à observação de que a produção escrita, tanto do ponto de vista do seu conteúdo quanto da sua forma, era objeto de categorização social naquele universo ~~ou~~ seja, a escrita produz classificações que extrapolam habilidades do saber ler e escrever. Por um tipo de traçado, ~~de~~ letra, de conteúdo e de recursos lingüísticos, classificam-se as pessoas como homem bobo, criança, adulto, pivete, moleque de rua, mulher de meia idade, mulher de meia idade e sem formação religiosa, analfabeto, estudado, semi-analfabeto, maconheiro, roceiro, cafona, imoral. BOLLÈME (1988) assinala a relação entre o *falar direito, escrever bem e seguir o bom caminho*. Uma língua escrita, codificada, constitui um centro de referência para uma ortodoxia:

O que é apropriado saber, pensar, acreditar, dizer está ligado a uma correção da língua; escrever e falar se fazem estritos, como o que é consignado no livro; transgredir o código é grosseiro, falso, despropositado; assim se vê crescer e afirmar-se na História uma sacralização do livro. (p. 177)

Outra estratégia semelhante a essa foi a de "vasculhar" os guardados que se referiam ao material escrito na casa do entrevistado. Esses guardados constituíam-se de caixas de sapato, envelopes, sacos plásticos, que continham uma multiplicidade de materiais (cadernetas de poupança vencidas, carteirinhas de INPS vencidas, receitas, recortes

de jornais e revistas, cartões de natal, de aniversário, cartas, etc.).

As entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados, algumas vezes com a participação coletiva de parentes e amigos, outras vezes, até intencionalmente, a portas fechadas. Foi organizado um roteiro com questões e diretrizes extraídas dos diários de campo e transcrições de fitas de situações observadas na fase de exploração.

Importa, contudo, ressaltar que os discursos analisados aqui se colocam numa posição de contraste e não de oposição, no momento em que os contextos traduzem esse caráter contrastivo do religioso/profano, individual/coletivo, masculino/feminino, adulto/criança bem como de outras relações possíveis.

Ler e escrever são atividades que se revestem de uma peculiaridade segundo sexo, idade, culto e formação religiosa, nível de escolaridade, posição na sociedade, etc.

* Quando interrogados sobre o possível produtor de um texto pornográfico, a imagem que se revelava era a de um pivete, de um moleque de rua, uma vez que somente a um literalmente marginal (que está fora, na rua) cabe colocar em público, fazer circular um conteúdo socialmente imoral, que só é permitido viver na interioridade das casas, nas relações escondidas. Uma corrente anônima de oração esconde por detrás uma mulher-de-meia-idade e sem formação religiosa; a superstição e a irracionalidade são, para um rapaz solteiro, de 30 anos, uma atitude que se encaixa perfeitamente nesse interlocutor. O erro, a ficção, a magia não

combinam com o dogma e uma formulação rigorosa da "verdadeira religião" que insiste em afastar as superstições e crenças populares (BOLLEME, 1988). [Uma quadra literária de conteúdo amoroso que circulava numa cédula (dinheiro) só poderia ter sido escrita, segundo os entrevistados, por uma jovem mulher, porque o homem não se envolve com esse tipo de conteúdo sentimental, amoroso. Uma letra mal feita, dormindo, é de gente canhota ou é de homem, ou de analfabeto, ou então de gente muito estudada que não precisa preocupar-se com a caligrafia.]

Nessa situação, especificamente, me foi possível avaliar o nível dos discursos produzidos motivadamente, que permitem especulações e trazem à tona as contradições da prática, das atitudes e de uma fala que tenta organizá-las, explicitá-las. Não é "verdade" que homens não se envolvem, naquela cultura, com conteúdos amorosos, ou que só mulheres de meia-idade produzem correntes anônimas de orações, etc. Há, pois, um eixo ideológico, que orienta um horizonte do dever ser, que propõe a uniformidade e a não contradição.

Escreveu não leu é analfabeto é outra fala, de um rapaz, apontando para o campo semântico do letramento, que recria o provérbio tradicional escreveu não leu pau comeu. Entretanto, nem sempre essas categorias - analfabeto, estudado, instruído - se ajustam única e exclusivamente a esse saber. O contexto, por exemplo, de onde extraí o provérbio acima delimitava-o a um significado no plano da sexualidade, referindo-se às competências e incompetências sexuais. Ou seja, o homem não pode "vacilar" diante de uma mulher, tem

veja, o homem não pode "vacilar" diante de uma mulher, tem que aproveitar todas as "oportunidades".

Foi possível, nesta pesquisa, desestruturar categorias usuais que instâncias oficiais e o senso comum propõem para classificar os indivíduos, a partir de sentidos supostamente dados e compreendidos por todos que as utilizam. Em primeiro lugar, como já foi dito anteriormente, essas categorias extrapolam o campo semântico do letramento, numa perfeita coerência com a lógica de construção de significados culturais, que se tece de forma a se cruzarem universos semânticos distintos, mas que formam um todo na semiologia do grupo. Em segundo, mesmo quando restritas ao campo semiológico do letramento, essas categorias, apesar de apresentarem um significante comum, traduzem significados por vezes incomuns, ou melhor, específicos às condições socioculturais que os produziram. É como se tivéssemos que utilizar uma lente de aumento para penetrar "miúdas" dimensões que, naquele contexto, são extremamente importantes, porque apontam para uma polissemia peculiarmente ali construída.

Essas categorias tradicionais de analfabeto, semi-analfabeto, alfabetizado, estudado ou instruído, que foram apreendidas logo no início do trabalho de campo, remetem a um pressuposto básico da *circularidade* entre as classes sociais, no que se refere a uma produção cultural. Os valores e categorias produzidos pelas elites intelectuais espalham-se por toda a sociedade e podem servir, como reafirma CALDEIRA (1984), para serem manipulados para distin-

quir os dominados entre si. (p. 164)¹⁰. Por sua vez, a reelaboração e a manipulação peculiar que as classes dominadas fazem desses conceitos é que determina um movimento contrário, de baixo para cima, impregnando com outros sentidos essas categorias.

O quadro a seguir sintetiza a multiplicidade de referências conceptuais das classificações originadas do eixo do letramento. A disposição em itens distingue eixos de significação, sem constituir, porém, uma classificação hierárquica.

ESTUDADO: instruído, culto, formado, tem formatura (diploma)

1. É professor, advogado, doutor, contador, 2º grau, universidade;
2. sabe conversar, sabe pedir um pedido ao Espírito Santo;
3. é fresquinho, não participa do que é ser favelado, trancado dentro de casa, sem infância, não brincou, não escolheu estudar, foi obrigado, não aprendeu a viver o outro lado da vida (polícia, maconha, etc);
4. é bem sucedido financeiramente;
5. não precisa ter boa caligrafia.

ANALFABETO: leigo, cafona, roceiro, imoral

1. Tem que assinar com o dedão, um fracassado; não sabe fazer nem o Q; sabe assinar só o nome; não sabe escrever; escreve errado: pontuação, acentuação, erro da palavra; não sabe ler nem escrever;
2. não está estudando, e podendo ter feito e/ou 1º ano, 2º ano, 4º ano.

¹⁰. BAKHTIN (1970), GINZBURG (1987), VELHO (1987), CALDEIRA (1984) são alguns dos sustentadores da interrelação ou *circularidade* do processo de produção cultural entre as várias classes sociais.

3. além de não saber ler e escrever não tem educação, não tem caráter; escreve pornografia; adulto pagão que não fez a 1ª comunhão;
4. não tem experiência em máquinas industriais, sem profissão;
5. não existe mais, é mais antigo, só existe no bom sentido;
6. tem letra feia, mal feita, dormindo, canhota.
7. faz as coisas sem pensar, irracionalmente, parou no tempo.

SEMI-ANALFABETO:

1. Fez o 4º ANO, a 5ª série, mas convive com doutor, com pessoa formada;
2. não sabe colocar a letra direito; escreve errado, muito mal, troca s/c/z; sabe o ABC, um princípio, escrever o nome, faz continhas;
3. é esforçado, mais desenvolvido, progride; o mínimo que têm os pais que não foram a escola ou foram pouco;
4. não sabe falar; não sabe falar com gente estudada;
5. não tem profissão;
6. pede ajuda a quem sabe ler e escrever, não pode ter segredo ou particular na comunicação mediada pela escrita;
7. aprendeu o ABC, continhas e a assinar o nome.

ALFABETIZADO:

1. Não sabe ler e escrever, mas sabe outras coisas, sabe resolver problemas; prática, experiência; profissão;
2. não frequentou escola, aprendeu a ler e a escrever dentro de casa; primário, 4º ano, 8ª série;
3. sabe fazer contas de dividir, multiplicar; lê e não esquece depois;
4. não sabe fazer nem o 0, mas sabe conversar;
5. não escreve errado;
6. tem boa caligrafia.

É possível ressaltar, ainda, um eixo básico de articulação de significados que parece estar presente, ora de forma explícita, ora de forma subliminar, que é o do trabalho. Trabalho não apenas no sentido da produtividade na análise típica do capitalismo, mas do trabalho como um saber-fazer que contribua para a sobrevivência do grupo, em todos os sentidos.

Neste ponto, a categoria estudado se confunde com espaços de trabalho, determinadas profissões ou situação econômica. Há uma fala recorrente, na Vila, que aponta como cultas, estudadas, as pessoas do bairro de elite, as que trabalham em bancos e escritórios.

As classificações reportam a uma concepção de adulto, portanto exige um tempo, uma história de construção social. Embora houvesse crianças com idade escolar avançada (10 - 12 anos) e que não sabiam ler, nem escrever, estas dificilmente eram lembradas como pessoas analfabetas. Mais uma vez pode-se lembrar o significado do termo analfabeto, numa trajetória social que se dá pela negação. Ninguém nasce com esse estigma e nem com o seu contraposto, mas ambos se constroem.

Entretanto, o sentido do termo alfabetizado refere-se com mais ênfase às crianças e circunscreve-se ao âmbito das habilidades estritas do ler e escrever. Dos adultos alfabetizados espera-se também uma experiência, um conhecimento de mundo e uma comunicabilidade interpessoal que extrapolam essas habilidades restritas da leitura e da escrita. Talvez pudéssemos forjar uma concepção de "cidadania" a partir do ponto de vista desses interlocutores: seria "cidadão" o

adulto com um mínimo de instrumental para agir socialmente, de forma a enfrentar as dificuldades no âmbito do trabalho, da família e de toda uma rede de relações que o seu meio social lhe impõe. Saber ler e escrever é mais um instrumental indispensável para essa ação.

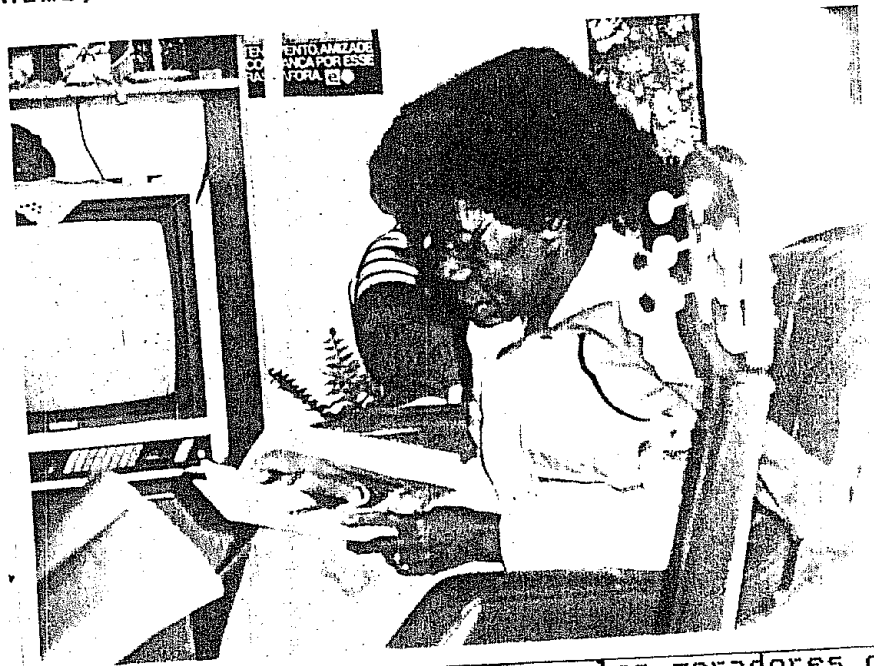
Assim contextualizados, todo o conhecimento e todas as práticas relacionadas ao âmbito do letramento adquirem uma importância relativa, e por si só não alteram as condições sociais de existência desses indivíduos.

O livro, o lápis, enfim, todo objeto signo do letramento são marcas - ainda que idealizadas - de uma distinção social. Entretanto, apropriar-se desses instrumentos não garante a dissolução da diferença. Esta pesquisa nos permite afirmar que naquele grupo social há uma compreensão do significado de uma concepção burguesa da escrita e da sua utilização como mecanismo de discriminação social.

Analfabetos de livros e estudados da vida



nome; não sabe escrever; escreve errado:



(Classificações produzidas pelos moradores da Vila São Vicente)

Uma classificação institucional, a exemplo do IBGE, opera com o critério da escolaridade, partindo da categoria de analfabeto às de nível primário, secundário, graduação, pós-graduação, incluindo como intermediário apenas o nível de *curso incompleto*. Embora uma observação dos dados da realidade social nos mostre que a não escolarização não implica necessariamente em ser analfabeto, nessa classificação esse é o raciocínio mais explícito. Ou seja, basta que não tenha ido à escola para que o indivíduo seja chamado de analfabeto pelo IBGE. Entretanto, um outro critério classificatório do IBGE aponta para a ineficácia da escolarização enquanto determinante único das categorias analfabeto/alfabetizado.

Assim é que o IBGE criou um outro critério para se identificar o alfabetizado. O critério de saber ler e escrever um pequeno bilhete remonta à formulação proposta pela UNPC (UNITED NATIONS POPULATION COMMISSION), em 1948: "the ability to read and write a simple message." (OXENHAM, 1980, p. 86)

Os conceitos e as classificações originados dos censos demográficos vêem o alfabetizado e o analfabeto numa perspectiva restrita às habilidades de leitura e de escrita, e da escolarização. Por outro lado, a UNESCO parece ter incorporado aos seus objetivos e conceitos as transformações e demandas próprias do "progresso", da tecnologia e de uma concepção de cidadania próprias de sociedades capitalistas. A erradicação do analfabetismo proposta em 1978 e com meta

final para o ano de 1999 marca os seus pressupostos fundamentais:

a educação é um instrumento fundamental na liberação das melhores potencialidades do ser humano, para alcançar-se uma sociedade mais justa e equilibrada, e que a independência política e econômica não pode realizar-se, cabalmente, sem uma população educada que compreenda sua realidade e assuma seu destino.

é de urgente necessidade intensificar a ação educativa como condição necessária para atingir-se um autêntico desenvolvimento e orientar os sistemas educacionais, segundo os imperativos da justiça social, de maneira que contribuam para fortalecer a consciência, a participação, a solidariedade e a capacidade de organização, principalmente, entre os grupos menos favorecidos;

o êxito desejável na transformação dos currículos dependerá de sua interação com as necessidades, os interesses e os problemas concretos da comunidade;

a articulação formal e não-formal contribuirá de maneira importante para prosseguir-se o desenvolvimento da região. (PERROTTA, 1985, p. 2)

Em 1980, a UNESCO propõe que

o conceito atual de alfabetização esforça-se por introduzir a idéia de que a aprendizagem da leitura e da escrita deve vincular-se o máximo possível a realidades concretas - sejam de ordem cotidiana, técnicas, econômicas, políticas, culturais - dos alfabetizandos. (PERROTTA, 1985, p. 2)

ARROYO (1987) ressalta a relação permanente nos discursos dos dirigentes políticos entre educação e participação política, e entre educação e progresso econômico. É preciso ter educação para que não se impeça a plena independência política e econômica e é preciso fortalecer a cons-

ciência, a participação para se atingir um autêntico desenvolvimento econômico.

Ao longo da história, os pobres têm sido sempre considerados "imaturos", "inconscientes", "desorganizados", para terem o direito de participarem da vida política do país. Interessante notar, no entanto, que o último pressuposto da UNESCO/1978 chama a atenção para os processos não-formais de educação que devem ser articulados para o desenvolvimento da região. É sintomático que essa valorização do não-formal seja incorporada exatamente no momento em que os trabalhadores têm de fato demonstrado interesses básicos de melhoria das suas condições de vida. Assim, o que se chama educação, sob um ponto de vista, torna-se "desordem", "ignorância", sob outro ponto de vista. Não há convergência de interesses e, portanto, de significados, quando se fala de educação, alfabetização, participação e cidadania. São vozes diferentes, embora operando com significantes semelhantes.

ARROYO (1987) reafirma:

A educação da gente comum, dos trabalhadores, na visão dos teóricos da economia política, é defendida apenas como mecanismo de liberação dos obstáculos que se podem opor a essa marcha inexorável do processo econômico. Alguns desses obstáculos estavam nos preconceitos e na ignorância dos trabalhadores e, sobretudo, nas desordens sociais e políticas dos vencidos pela revolução burguesa: os camponeses, artesãos, pequenos proprietários e radicais, que tentavam as massas ignorantes. (p. 54)

O que parece convergência de interesses não passa, como afirma ARROYO, de incorporação, por parte da burguesia

e do Estado, das reivindicações do povo. E essa investida para o não-formal pode significar exatamente a tentativa de incorporar as formas de organização e de poder que foram geradas no interior dos movimentos sociais. Assim funciona também a preocupação mais recente com a diversidade cultural em função das regiões, proposta na concepção de alfabetização da UNESCO em 1980.

A busca de compreensão do outro, do recaldado pelo discurso da história, tem sido também a tônica das ciências humanas nos últimos anos. É preciso reintegrar esse reprimido que ela mesma silenciou por razões éticas, políticas e sociais. A diversidade assusta e ameaça o controle. A pedagogia da diferença também não escapa à relação de dominação do mesmo contexto que a engendrou. BOLLÉME (1988) sintetiza essa idéia:

Assim, nossa ciência, governada, hoje como ontem, pelo desejo de estreitar, de chegar cada vez mais perto da realidade, chegou a este ponto sem retorno, a saber: para ganhar a experiência ou a vida, ela deve renunciar à sua própria língua, furtar-se da autoridade de onde se enuncia um discurso, para ouvir, deixar falar aquele que não fala, não por falta de língua, mas porque se trata de uma língua que não ouvimos mais, de uma língua que reduzimos ao silêncio. (p. 220)

Na Vila São Vicente, o eixo da escolarização, embora reproduza, em alguns aspectos, as classificações oficiais, traz as suas próprias configurações. Numa universidade, percebemos diferenças entre o graduado, o mestre, o pós-graduado com tese e sem tese, o doutor, o pós-doutor, com marcas objetivas do ponto de vista do poder e de salário. Na

Vila, há diferenças entre quem fez até o segundo ano do primeiro grau e quem fez o primeiro ano; entre quem fez até a quarta série e não tem diploma e quem fez e tem. Dependendo do contexto de relações, quem tem a quarta série do primeiro grau é doutor, num contraponto, por exemplo, com escolas de alguns municípios rurais onde o professor mais graduado tem a quarta série ou a oitava.

Vejo, então, que há matizes semânticos que se criam a partir das relações sociais e que os próprios sujeitos investigados verbalizam. São essas relações que vão determinar divergências e contradições, quando se busca a objetivação de critérios de conceitos e de categorizações. Ali, na Vila, quanto maior a tendência a se conviver com pessoas de nível maior de instrução, mais rigoroso será o conceito de analfabeto.

Um determinante desses conceitos, no âmbito das relações sociais, é a biografia pessoal num contexto de família e de posição do indivíduo dentro dela. Embora marcadas por um referencial do nível de instrução, as categorias vêm carregadas pela noção de capacidade de se relacionar no grupo, na sociedade, de resolver problemas de ordens as mais diversas, desde situações domésticas mais simples até um universo de trabalho, escola, igreja, etc. Daí a dificuldade com que muitos dos moradores da Vila se deparavam, para apontar companheiros analfabetos. Algumas falas revelam essa dificuldade:

(...) *Ela é analfabeta no bom sentido porque analfabetos não existe mais.* (José Oscar, M, 28)

(...) Não tem ninguém totalmente analfabeto. O pessoal mais novo está estudando. (Chico, M, 50)

(...) Coitada, ela não sabe ler nem escrever, mas sabe fazer outras coisas... (Fia, F, 28)

De outra forma, é essa expansão do campo semântico para a concepção de vida, da experiência que vai relativizar o estigma irremediável, do ponto de vista mais amplo na sociedade, com que se defrontam, por serem os últimos na escala social do saber letrado. Ali, na Vila, chega-se, no máximo, à oitava série, com alguns raros casos de 2º grau, supletivo e raríssimos casos de universitários que, conseqüentemente, se mudam de lá. Explica-se, por essas condições concretas, a classificação recorrente de alfabetizado, para um nível mínimo de 8ª série, que, antigamente, corresponderia ao 4º ano.

Nessa perspectiva, a escola marca o limiar entre o analfabeto e o alfabetizado, havendo categorias intermediárias, a exemplo daquele que aprendeu a ler e a escrever em casa, que não fez o jardim, a pré-escola, mas adquiriu os mesmos rudimentos que se aprendem nessa etapa escolar. Esta categoria é a do semi-analfabeto¹¹. Se invertêssemos a ótica, substituindo a perspectiva da falta para a de presença, teríamos o indivíduo que fez a pré-escola ou o 1º ano de grupo como um semi-alfabetizado. Ou teríamos, ainda, aquelas

11. A palavra semi-analfabeto, quando vista na sua composição semi + ana, traz a idéia de algo em que a falta é só pela metade ou um pouco, apontando para a idéia de que da mesma forma como se alfabetiza também se "analfabetiza". Ou seja, a "analfabetização" é uma construção social que se dá pela falta.

variações criadas pelas relações sociais do dia-a-dia que fazem com que, num determinado contexto, um indivíduo de 4º ano seja estudado e, noutro, seja semi-analfabeto ou simplesmente alfabetizado.

A relatividade dos conceitos se estabelece nos pontos limiares. Por exemplo, o grau máximo de escolarização a que a maioria tem acesso, no interior desse grupo, é a 8ª série. Isto faz com que este nível seja o critério para a definição tanto de um sujeito estudado, por parte daqueles que não chegaram a esse nível, quanto se presta também a definir, na Vila, o grau mínimo para um sujeito alfabetizado, quando comparado com aqueles grupos ou outros grupos sociais que conseguiram ir além do 2º grau, ou curso superior, por exemplo. Com relação aos outros, aqueles que eles percebem como os de outra classe, ocorre a mesma lógica com que os categorizam do ponto de vista econômico. Os outros são os ricos, e nós, os pobres, operando com a coerência da dicotomia e da inversão. CALDEIRA (1984) observa como se dá a construção de uma visão da sociedade, numa perspectiva da diferença entre ricos e pobres, nós e os outros, ao lado de uma visão que se refere a parceiros, a iguais. Há, na primeira perspectiva, uma marca de oposição, embora "a maneira de atribuir significados a esses dois grupos não [seja] rígida", (p. 153). O positivo pode tornar-se negativo e vice-versa, dependendo dos interesses em jogo, na produção discursiva. Por outro lado, a maneira de estabelecer diferenças entre iguais é muito maleável, ao contrário da fixidez com que se vê o cenário social de permanência de ricos e

sobres. Neste cenário, nós não permanece imóvel. Aqui as mudanças ocorrem num limite do possível e, por isso, as diferenças são fluidas e têm que ser refeitas constantemente. Combinam-se critérios econômicos, morais e de nível de estudo, o que permite construir e hierarquizar as categorias num processo dinâmico das relações.

Outro critério refere-se também a um saber institucional, histórica e socialmente valorizado, que se projeta no saber fazer continhas de dividir, multiplicar; saber o nome dos rios, dos países, continentes, copiar pontos de História, Geografia e decorá-los. A história do João-Jiló, as poesias de Olavo Bilac, assim como os cadernos de "pontos" de Estudos Sociais e Ciências refletem um imaginário escolar que vem contribuir para a construção de visões de mundo desses indivíduos adultos. E, quando voltamos nosso olhar para as crianças, vemos como esse imaginário escolar vem sendo construído, pela forma como elas se relacionam com os textos escolares, muitas vezes um dos poucos materiais escritos que possuem em casa. Com algumas diferenças, pois há menos livros, e mais folhas de papel mimeografadas, que são coladas nos cadernos, ou mesmo descartadas, principalmente em função do volume que se cria nos poucos anos que se passa pela escola. A criança pode até não ir à escola, mas a escola chega a ela através dos irmãos, companheiros de vizinhança que se encarregam de brincar de escolinha e de repassar, de outras formas, uma concepção escolar do ler e escrever.

Dessa maneira, os adultos que não frequentaram a

escola interagem com o saber escolar, principalmente ao acompanhar a vida escolar dos filhos e/ou dos filhos dos amigos. As mães têm, às vezes, o maior orgulho de ler os livros indicados pela escola e de reproduzir o mesmo discurso do valor da leitura inculcado pela escola. Mas a vida na escola não forma para a escola da vida.

Existe a sabedoria e existe a pessoa estudada (JB, M, 25). O saber da pessoa estudada, "stricto sensu", está ligado a um conhecimento da linguagem escrita, livresco, que facilita aos indivíduos serem bem sucedidos financeiramente, porque adquirem determinados cargos ou profissões a que só o estudo permite acesso. Para isto tem-se que pagar um tributo que é de não viver outras experiências e não aprender uma outra prática de convivência social. Uma pessoa não pode ser chamada de analfabeta, se ela não sabe ler nem escrever, mas sabe outras coisas, sabe resolver problemas (...) sabe conversar, sabe pedir um pedido ao Espírito Santo. Mas é analfabeta por não ter nenhuma experiência em máquinas industriais, em tecnologia, em uma profissão. Ter um trabalho, uma ocupação, é, antes do estudo, o caminho mais fácil para se garantir a subsistência. E é preciso também ter habilidade e agilidade para resolver os inúmeros problemas que aparecem no dia-a-dia; na maior parte das vezes, não é a leitura ou a escrita que vai garantir o sucesso. E mesmo quando a leitura e a escrita são indispensáveis, os indivíduos descobrem soluções como a troca de favores: aquele que sabe ler e escrever cumpre, então, o papel de intermediário na comunicação interpessoal.

Ser analfabeto, nessa perspectiva do sentido da palavra vida, é ser trancado. Aquele que teve de abrir mão da rua, da sua infância para estudar, trancou-se e, por isso, é analfabeto de uma sabedoria cultural que se aprende na rua, quando na infância, que é e será valorizada no futuro. Um outro, ou mais especificamente a outra, trancou-se, por sua vez, sentindo-se marginalizada, envergonhada por não saber ler e escrever, por ser analfabeta; mas libertou-se ou poderá libertar-se, quando conseguir recuperar a comunicabilidade com seus parceiros e com uma dimensão mais ampla do que o espaço doméstico.

ARROYO (1987) faz referência a uma tendência no pensamento educacional que vê no trabalho "precoce" de crianças e jovens uma forma de perder a infância. O autor critica esse raciocínio:

O discurso pedagógico lamenta que tão rapidamente a criança tenha que ser sujeito social (...) que os alunos do operariado não possam ser crianças por longo tempo e tenham de entrar precocemente na servidão civil; no mundo do trabalho, na luta pela vida. Para essa concepção, a liberdade está na infância e a servidão, no adulto, conseqüentemente, a educação escolar termina incapacitada para preparar para o convívio social, para a cidadania, uma vez que a fase adulta é vista como negativa. (p. 56)

O que se vê no discurso dos sujeitos pesquisados é exatamente essa "incompetência" da escola em preparar para a vida, ao mesmo tempo que lhes "rouba" a infância e a oportunidade de se tornarem adultos experientes, cidadãos, talvez,

capazes de conviverem com as contradições e competição que a sociedade lhes impõe.

Analfabeto/alfabetizado/estudado relacionam-se, então, com o trabalho, com a comunicabilidade enquanto capacidade de interagir estrategicamente para solução de problemas cotidianos, no trabalho, na rua, na igreja, na escola e onde quer que vivam o dia-a-dia.

Essa comunicabilidade refere-se também a um projeto de convivência, de capacidade de inserir-se plenamente na cultura do grupo, já que ser analfabeto remete a um marginal, ladrão, sem caráter, ateu, pagão, e tudo o mais que puder significar o oposto do estereótipo do positivo.

E o negativo de uma identidade social pode ser apreendido pelas regras do código lingüístico.

Gramática da língua à gramática do comportamento

(...) é analfabeto, por causa dos traços, cortando palavra no meio, escrevendo uma letra maior que a outra.

(...) escreve errado. Pontuação, erro de palavra, de acentuação.

(...) escreve errado, muito mal, troca S/C/Z.

(...) não domina as regras de linguagem oral e por isso escreve errado.

(Depoimentos de moradores da Vila S. Vicente)

... a forma do escrito garante o que é crível; a clareza do discurso, seu rigor, que fundamentam sua autoridade e sua exatidão. O que é "cheio de sentimentos" (e que é, pois, "bárbaro", "ininteligível", "confuso"), o que é "mal feito", eis o popular vicioso. (...) A verdade dogmática e a veracidade histórica estão ligadas e confundidas com um bom que é, a princípio, o da gramática.

(JEAN-BAPTISTE THIERS)

O vetor da norma lingüística padrão é também determinante dos significados nesse universo cultural. Quanto menor o conhecimento escolar ou do código lingüístico padrão maior deve ser o cuidado e a imposição, para que sejam obedecidas as regras consideradas corretas. E essas regras vão desde a forma (pontuação, ortografia, morfo-sintaxe, caligrafia) até o nível de conteúdo.

Há certos conteúdos próprios de pessoas instruídas e outros que só um analfabeto ou um semi-analfabeto poderiam ou teriam coragem de escrever. O texto apresentado no Anexo 4 foi, repetidas vezes, apontado como produto de pessoas pouco instruídas ou até mesmo analfabetas.

Algumas falas recorrentes sintetizam esses "erros":

(...) *é analfabeto, por causa dos traços, cortando palavra no meio, escrevendo uma letra maior que a outra.*

(...) *Analfabeto é quem não sabe fazer nem o q, eles dizem.*

(...) *não sabe nem escrever. Vai escrever e está tudo errado.*

(...) *escreve errado. Pontuação, erro de palavra, de acentuação.*

(...) *escreve errado, muito mal, troca S/C/Z.*

(...) *não sabe nem colocar a letra direito mas entende o que escreve.*

(...) *tem boa caligrafia (o estudado).*

(...) *não domina as regras de linguagem oral e por isso escreve errado.*

Há, para a escrita, da mesma forma que para a linguagem oral, uma tendência à hipercorreção, assim como uma grade de avaliação segundo critérios aprendidos na escola. E, diante do outro mais instruído e de outra classe social, os sujeitos estão sempre vulneráveis às armadilhas da regra, da norma culta. A consciência de que não dominam uma possível norma culta padrão reforça um comportamento desses indivíduos em relação a uma cultura dominante. O conhecimento que possuem, na fala desses sujeitos, é sempre de segunda categoria, assim como o são outros produtos culturais, vistos por eles como de baixa qualidade, os restos ou a sobra: *pobre não bebe uísque, bebe cachaça (...) gente fina é outra coisa, não come feijão com angu.*

A língua escrita padrão coloca-se, outra vez, como eixo que orienta o arquétipo daquilo que se deve ou não ser e fazer. Os erros foram mais apontados nos textos em relação aos quais o entrevistado fazia restrições à respeitabilidade dos conteúdos. Ao lado da gramática da forma, caminha uma gramática do conteúdo que reflete um certo dogmatismo discursivo do projeto de pessoa.

JEAN-BAPTISTE THIERS, apud BOLLEME (1986)

ressalta que a forma do escrito garante o que é crível; a clareza do discurso, seu rigor, que fundamentam sua autoridade e sua exatidão. O que é "cheio de sentimentos" (e que é, pois, "bárbaro", "ininteligível", "confuso"), o que é "mal feito", eis o popular vicioso. (...) A verdade dogmática e a veracidade

histórica estão ligadas e confundidas com um bom uso que é, a princípio, o da gramática.
(p. 177)

A língua tem servido de material significativo nas pesquisas com segmentos populares, quando, intencionalmente, mantém-se a fala desses sujeitos, na forma exata como foi produzida, muitas vezes para comprovar a "simplicidade", a "emotividade" e "autenticidade" daquilo que se denomina "popular".

A letra bonita, bem feita (se for de mulher deve ser redonda, de preferência) é um cartão de visitas, sinônimo de feminilidade, sensibilidade, inteligência e higiene. Assim como a mulher deve manter o asseio e o cuidado com a casa, deve cuidar também da caligrafia. É sinal de inteligência e sabedoria para os homens que, quando têm letra bonita, são elogiados por executarem bem uma atividade tão feminina.

(I) letrados da palavra: escrita/oralidade

Daí porque é particularmente ruim, é nefasto que todos os pensamentos, bons e maus, sejam logo inscritos em umas esteiras, finas, brancas. Então, diz o Papalagui que "estão impressos", quer dizer, o que aqueles doentes pensam é escrito por uma máquina, muitíssimo estranha, esquisita, que tem mil mãos e que encerra a vontade poderosa de muitos grandes chefes. E não é uma vez só, nem duas, mas muitas vezes, vezes infindáveis que ela escreve sempre os mesmos pensamentos. Depois, comprimem-se muitas esteiras em pacotinhos, chamados "livros", que são enviados para todas as partes do país. Todos que absorvem estes pensamentos num instante contaminam-se. Eles engolem estas esteiras como se fossem bananas doces. Levam estes livros para casa, amontoam-nos, enchem com eles baús inteiros. E todos, moços e velhos, roem-nos feito ratos que roem a cana-de-açúcar. É por isto que existem tão poucos Papalaguis capazes ainda de pensar com sensatez, de ter idéias naturais, como são as de qualquer samoano ajuizado.

(Depoimento de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa. In: SCHEURMANN)

Não há como situar a escrita sem que se contextualize o seu contraponto, a oralidade.

Escrever e falar são comportamentos lingüísticos a partir dos quais também se produzem categorias de marginais e de seguidores dos modelos da língua padrão. Analfabeto é, numa primeira instância, *aquele que não sabe nem o alfa nem o beta* (Dicionário Aurélio) ou que não sabe fazer nem o o, mas é também *quem não é iniciado em algum assunto*. (Aurélio). É a prática e as circunstâncias da experiência cotidiana que obrigam os indivíduos a, constantemente, relativizar e refazer a valoração do conhecimento da leitura e da escrita. Mesmo porque há uma estreita relação entre a escrita e a oralidade, no que se refere às suas características. A carta, por exemplo, é uma forma de escrita muito utilizada pelos moradores da Vila São Vicente, principalmente porque se aproxima mais fielmente do relato oral, por se tratar de uma conversa por escrito. Aqui nos interessa, sobretudo, como o vetor escrita/oralidade contribui nas classificações propostas anteriormente.

O domínio da leitura e da escrita dá a alguns a possibilidade de recorrer à memória do papel, mas também é motivo de crítica no mesmo sentido a que se refere Platão. Em *Fedro*, de Platão, Sócrates põe em cheque a positividade da escrita. Aqui me refiro a um *malefício* que essa invenção trouxe, segundo a obra:

Porque este conhecimento terá por resultado, naqueles que o adquirirem, tornar-lhes as almas esquecidas, pois deixarão de exercer a memória: pondo a confiança no escrito, graças

às duradouras letras, será do exterior e não do interior e graças a si próprios que se lembrarão das coisas. Não foi, pois, para a memória, mas para a rememoração que tu encontraste um remédio. Quanto ao ensino da sabedoria não é a verdade, mas a aparência dela que Ihe dá... (PLATÃO, apud GNERRE, 1985, p. 34-35-grifos meus)

Para os analfabetos da Vila, aquele que sabe ler, muitas vezes repete como um papagaio, finge que sabe. Refiro-me a falas de analfabetos que justificam suas atitudes de vergonha, timidez e auto marginalização em relação a grupos que necessitam da leitura e da escrita para sobreviverem. Neste contexto, inverte-se a lógica. Quem reza através da leitura reza de forma artificial, dos dentes para fora; enquanto que quem não lê, porque não sabe, grava no coração. Ou então, a Bíblia não precisa nem de olho, nem de boca, porque Deus é que fala pra gente (D. Laura, F, 61). Por sua vez, o analfabeto, em função da falta desse domínio tem que abrir o coração, os ouvidos, a memória, para aprender, guardar, escutar. Quando se precisa da fala, do coração, dos ouvidos e não se tem, estamos também diante de um analfabeto. Ou mesmo quando não se sabe ler nem escrever, salva-se do estigma que o analfabeto carrega, nesse caso, por saber falar muito bem, por ter o coração aberto ao Espírito Santo e ter a oração na ponta da língua. E fica bastante clara essa convivência "pari passu" do oral e do escrito, quando é preciso dominar toda uma retórica discursiva para os momentos dos grupos, para falar em público.

Assim como uma mulher analfabeta justifica e convive com a sua impossibilidade de ler e escrever, de rezar atra-

vés da leitura, até mesmo negando a outra maneira letrada de orar, outra explicação é dada por outra mulher que tem diante do grupo o mais alto grau de letramento, 2º grau. Eva exemplifica, com situações de leitura mais humildes, piores, a precariedade da relação de alguns fiéis - pobres, da roca, - que só sabem pedir a Deus, mas não sabem louvá-lo. Se é preciso ler a Bíblia para fazer a partilha das preces, é o Espírito Santo que, iluminando a inteligência, a mente, poderá abrir os corações dos fiéis. A constatação de que há leituras diferentes e divergentes é explicada pelo fato de que o Espírito Santo ilumina de forma diferente cada cabeça.

Não se trata, então, de separar o escrito do oral, mas de apreendê-los na sua importância relativa e contextualizada. A proximidade entre os dois níveis leva a uma substituição de um pelo outro, ou a um raciocínio que coloca um como pressuposto do outro. Ou seja, quem não sabe ler e escrever não sabe falar: Eu não sirvo para falar com gente estudada porque não aprendi, não sei falar a linguagem ali em cima da letra. (Martinha, F, 48)

Quem não sabe ler e escrever age irracionalmente, faz as coisas sem sentir, sem pensar, porque a escrita é produto e processo da racionalidade, e quem não tem acesso a ela para no tempo, a cabeça parou no tempo, não progrediu. A oralidade, enquanto arquétipo da forma de aprendizagem cultural dos grupos ágrafos se relaciona à idéia da emoção dos sentidos, da memória e da irracionalidade.

Numa visão histórica da escrita, SAENGER (1987) a partir dos "livres d'heures du manuscrit à l'imprimé", nos

dá um quadro de como a história da devoção, das formas de entrar em contato com Deus, na Idade Média, acompanharam as formas de leitura, os tipos de textos e de leitores, no que se referia às suas habilidades de ler e escrever. Assim é que ler ou não ler, ler silenciosa ou oralmente, para fazer uma prece, determinou, em momentos dados da história, graus diferentes de devoção.

Outra pista histórica que nos oferece o mesmo autor, e que pode perfeitamente se relacionar ao momento e contexto desta pesquisa, é de como a relação com os órgãos do corpo refletem uma concepção do conhecimento, ou melhor, uma concepção de por onde passa a construção do conhecimento, em determinados momentos da história e para indivíduos letrados e não letrados. Na fala desses moradores da Vila, foi possível identificar perfeitamente formas de se construir conhecimento do mundo, de relação com a leitura e de teorias de leitura que passavam pela metáfora do coração, do cérebro, dos olhos e da boca, segundo a convivência e as possibilidades dos sujeitos.

O QUÊ, COMO E PARA QUÊ LER E ESCREVER

As atividades de leitura e de escrita na Vila criam formas de sociabilidade variadas, ora com caráter pedagógico, ora com caráter de atendimento às dificuldades apresentadas pelos analfabetos, entre outras. Essas formas coletivas confrontam-se com aquelas mais particularizadas, onde as pessoas, de forma solitária, entram em contato com o texto escrito. Entretanto, não se pode marcar de forma radical os limites do individual e do coletivo dessa atividade, em decorrência dos desdobramentos individuais e coletivos das formas de leitura.

É comum não se partilhar o momento da leitura de um texto, mas partilham-se os significados, através de conversas e da troca de textos. As revistas em quadrinhos, as receitas e os romances são objetos dessa partilha, assim como os textos religiosos que se lêem solitariamente e depois são discutidos nos espaços diversos do cotidiano.

O conceito de leitura que proponho aqui não se refere apenas à decifração de um código escrito, oral ou silenciosamente, particular ou coletivamente, mas é um

ato concreto cujo processo de interpretação situa-se no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais. (CHARTIER, 1990, p. 25-26).

Este capítulo se organiza, pois, em torno de práticas de leitura e de escrita, de leitores e de textos especificamente caracterizados no seu ambiente de cultura.

Entre as formas coletivas de caráter pedagógico encontram-se, principalmente, aquelas que se realizam em grupos com fins religiosos e/ou filantrópicos, tais como o círculo bíblico, a catequese infantil, a sociedade de São Vicente de Paulo etc. Nesses contextos, anulam-se de certa forma as várias possibilidades de leitura do texto, para buscar-se uma pedagogia de um significado mais homogêneo e moralizador. O texto funciona mais como um pretexto, para se colocarem situações vividas no cotidiano que devem ser abordadas à luz de um referencial religioso.

A diferença entre um texto utilizado numa catequese e aquele utilizado no círculo bíblico é que, na primeira situação, é mais importante que se "aprenda", ou melhor, se decore o texto que deverá ser repetido nas avaliações e no ritual da primeira comunhão. No círculo bíblico, não há necessidade de se decorar o texto, pelo contrário, muitas vezes, ele se perde naquilo que possui de mais essencial para se gerar a construção de outros textos orais que refletem as experiências e visões de mundo dos participantes.

As leituras partilhadas como forma de atender às dificuldades dos analfabetos variam desde a busca de informação em uma receita médica, correspondências comerciais, cartazes, cartas pessoais que os analfabetos recebem de parentes e amigos, até as histórias que são lidas para e entre crianças.

Assim, as perguntas "o quê, como e para quê lêem e escrevem os moradores da Vila São Vicente" apontam para formas culturais de relação com a escrita, as quais constituem uma interpretação possível do objeto em questão. Dessa forma, uma categorização do material escrito recolhido na Vila só se justifica na medida em que abre caminhos para a compreensão dos significados da escrita naquele universo social. O próprio caráter empírico da pesquisa e a problemática aqui estabelecidos condicionam a ordenação e a interpretação dos objetos escritos. Outros trabalhos de pesquisa nessa área utilizam-se de descrições e classificações perfeitamente adequadas às situações e objetivos a que se propõem.

PINTO (1990), num estudo sobre o português popular escrito, no Brasil, faz referência a duas funções da produção escrita popular. Uma primeira que teria um caráter utilitário, e uma segunda que se refere às *manifestações populares desinteressadas*. A autora chama de *utilitária a expressão de uma finalidade prática, imediata; e desinteressadas, a leitura de cordel, os contos e os cantos de tradição oral, fixados pela tipografia.* (p. 12). Em resumo, o material com que decide trabalhar são os letrados dos

feirantes, os letreiros das placas e tabuletas, os impressos volantes e as cartas, chamados por ela de *utilitários*.

O trabalho da autora toma como ponto de partida os materiais escritos por feirantes, no propósito de observar a *manipulação dos recursos lingüísticos*. (p. 93) A análise desses recursos permitiu à autora a conclusão de que, nos documentos por ela investigados, há *diferentes níveis de linguagem*. Embora ela faça referência à categoria social dos sujeitos envolvidos na produção do material, esses sujeitos são imagens construídas a partir de índices lingüísticos cristalizados nos textos e a partir de uma universalização social dessa categoria. O que interessa, então, é o enunciado, no que se refere à complexidade e à organização do texto. Essa complexidade e organização textual se revelam na construção sintática, no vocabulário, na ortografia e na pontuação. A partir desses elementos, PINTO situa as mensagens num contexto de relação virtual emissor-receptor, relação esta que se orienta por normas lingüísticas vigentes. E ainda aponta uma graduação no que se refere à manipulação dos recursos lingüísticos, que vai do mais simples para o mais complexo, do mais informal para o mais formal.

Na minha tentativa de categorizar o material escrito, foi difícil determinar uma função utilitária e outra especificamente desinteressada. É que aquilo que se pressupunha utilitário tinha também outros significados. A agenda que organiza e planeja o trabalho das manicures tem também uma função simbólica no relacionamento social. Não estão registrados nessa agenda todos os clientes, mas somente aqueles

que elas consideram importantes, que lhes dão status, garantia de trabalho e privilégios como o de serem bem recebidas em suas casas, de ganharem presentes, agrados e ajuda em momentos difíceis. Essa agenda reflete também uma forma de relação com o trabalho, numa área de atividade instável e sem os laços burocráticos que representam um valor social.

Assim como a agenda não tem uma função puramente pragmática, o texto bíblico que se lê em qualquer reunião da Sociedade de São Vicente de Paulo ou do ciclo bíblico, ou da catequese, tem, além de outras, a finalidade prática de instrumentalizar um evento cuja regra básica é utilização de um texto escrito.

Importante, entretanto, é o fato de que, para fins da pesquisa de PINTO (1990), foi apreendida essa característica da praticidade, de possibilitar e facilitar eventos do cotidiano, como no caso da feira dos comerciantes, onde é preciso, em primeira instância, informar os preços, vender. Além do mais, interessava o conteúdo lingüístico do texto, prioritariamente.

Neste trabalho, o ponto de partida são os sujeitos produtores-receptores de mensagens escritas. Busco apreender as representações acerca da leitura e da escrita, produzidas e determinadas por relações sociais e pelas múltiplas formas do ler e escrever. As práticas sociais de linguagem escrita fazem com que as pessoas pensem a escrita e recriem, cotidianamente, atitudes, comportamentos e crenças a respeito desse objeto. O fato de a vivência religiosa exigir uma certa capacidade de leitura do texto escrito faz com que,

nos momentos de prática religiosa, as pessoas pensem e busquem compreender e explicitar concepções acerca da palavra escrita. A lógica explicativa, naquele momento, tenderá a uma busca de similaridade com o universo religioso. Por exemplo, o elemento mediador da compreensão do "verbo" é o Espírito Santo, que faz as mulheres, no ^{circulo} ciclo bíblico, entenderem o "verdadeiro" sentido da Bíblia. Aqueles que não sabem ler, que são ignorantes, recebem menos luz do Espírito Santo.

Importam, aqui também, as múltiplas funções e correlações entre os vários textos escritos produzidos no cotidiano de Vila. É por se relacionarem entre si e por retratarem relações sociais que as possibilidades de significados se ampliam e se dinamizam, dificultando, assim, um quadro estável de categorias.

Os materiais que servem de objeto a esta análise foram coletados durante a pesquisa e têm uma ligação intrínseca com os espaços sociais e com os sujeitos desta investigação.

O princípio básico de abordagem desse material retoma o conceito de leitura posto no início deste capítulo. Esse princípio está calcado numa concepção de que o texto só existe na sua possibilidade concreta de significação por parte de leitores especificamente determinados social e historicamente:

(...) Os textos e também todas as categorias de imagens não podem, então, ser apreendidos nem como objetos cuja distribuição bastaria identificar nem como entidades cujo

significado se colocaria em termos universais, mas presos na rede contraditória que os constituíram historicamente. (CHARTIER, 1990, p. 61).

O sentido de uma obra se constrói, portanto, na sua relação entre três elementos: o texto, os seus suportes de impressão e as formas de leitura - oral/privada, laicizada/sacralizada, comunitária/solitária, pública/privada¹². As formas de leitura são profundamente demarcadores dos significados produzidos em torno de um texto. Assim também funcionam os suportes de impressão: tamanho do livro, apresentação gráfica do texto, ilustrações, encadernação, etc. Há, pois, tipos de textos, formas de leituras, suportes de impressão, que se articulam com instituições, espaços e grupos sociais, produzindo, assim, um quadro específico das condições e dos usos do letramento numa sociedade.

Delimitar esse princípio das relações entre texto, leitor e leitura é quebrar com a possibilidade de existência de um significado estático e pré-determinado de um texto, como se o sentido estivesse nele entranhado, cabendo ao leitor utilizar-se de ferramentas para extraí-lo. Rompe-se, também, com a antinomia clássica leitura/escrita, já que ambas se complementam. Ou seja, um autor, ao produzir o seu texto, o faz tendo em mente um leitor, que, concretizando a leitura, estará dando vida a esse texto. Entretanto, o que vai reforçar uma ligação intrínseca e tensa entre produção/recepção é a constatação de que esse leitor é

¹². Essa tipologia encontra-se também em CHARTIER (1990).

razoavelmente livre para produzir uma leitura particular do objeto escrito que lhe cai às mãos.

E a leitura, nesse universo social da Vila, ganha um sentido próprio que se revela nos atos concretos de decifração, de interpretação e de utilização das mensagens escritas para fins específicos de acordo com os interesses e a criatividade daqueles que as utilizam.

Perseguir o significado da leitura e da escrita a partir dos usos e das representações é também construir uma sociologia do ato de ler e de escrever. Entretanto, uma análise etnográfica mais densa e exaustiva, com uma teorização de grande alcance, não seria possível diante das limitações de tempo de um projeto de dissertação de mestrado; esta, entretanto, permitiu um esboço etnográfico que aponta para a necessidade e a importância de outros trabalhos que desenvolvam pesquisas nessa trilha. Talvez a descoberta mais importante deste trabalho seja a de apontar questões que possibilitem uma visão sociocultural da escrita.

Já foi dito, no início desta dissertação, sobre a inexistência de trabalhos, no Brasil, numa perspectiva dos usos sociais da escrita. Dos trabalhos produzidos no exterior, um deles tem, no momento, servido de referência quando se discute tal temática. HEATH (1982), realiza uma extensa etnografia em duas comunidades norte-americanas - Tackton e Roadville - da qual originou-se o livro "Ways with words". Esse projeto permitiu comparar as diferenças de usos da linguagem entre crianças, dentro e fora da escola. No artigo a que faço referência, agora, HEATH discute a dicotomia

escrita/oralidade, mostrando como são variações que se superpõem e se complementam no contexto das práticas de linguagem da comunidade de Trackton. Alguns elementos teóricos da autora são retomados em outros segmentos deste trabalho. Aqui, importa, sobretudo, a descrição que HEATH faz da escrita em três espaços sociais do cotidiano de Trackton: a casa, a Igreja e o trabalho. Ela enumera, então, sete funções para as quais os adultos lêem e escrevem naquela comunidade.

A classificação da autora é a seguinte:

Adults read and wrote for numerous purposes, almost all of them social. These were:

- 1) *Instrumental - to provide information about practical problems of daily life (bills, checks, price tags, street signs, house numbers)*
- 2) *Interactional - to give information pertinent to social relations with individuals not in the primary group (cartoons, bumper stickers, letters, newspaper features, greeting cards)*
- 3) *News-related - to provide information about secondary contacts or distant events (newspaper items, political flyers, directives from city offices)*
- 4) *Confirmation - to provide support for attitudes or ideas already held (reference to the Bible, brochures advertising products, etc.)*
- 5) *Provision of permanent records - to record information required by external agencies (birth certificates, loan notes, tax forms). Trackton residents wrote most frequently for the following reasons:*
- 6) *Memory-supportive - to serve as a memory aid (addresses, telephone numbers, notes on calendars)*
- 7) *Substitutes for oral messages - to substitute for oral communication on those occasions when face-to-face or telephone contact was not possible or would prove embarrassing (thank-you letters to people in distant cities, notes about tardiness to school or absence at school or work, a*

request to local merchants for credit to be extended to a child needing to buy coal, milk, or bread for the family).

Os critérios subjacentes à sua tipologia referem-se ao objetivo e ao conteúdo da comunicação.

Embora HEATH faça referência a uma função da escrita enquanto instrumento de confirmação de idéias e atitudes, parece que a função comunicativa da linguagem é o que predomina na sua classificação.

Em resumo, esse quadro utiliza como critérios as classificações tradicionais dos tipos de texto as quais se orientam pelos suportes e pelo gênero, destacando, também, uma função mais pragmática da escrita. Poderíamos, então, reagrupar as suas categorias em quatro funções básicas: 1) informação; 2) suporte à memória; 3) substituição da comunicação face a face; 4) registros permanentes.

Os suportes e gêneros dos textos escritos constituem, sim, um mapeamento do material encontrado na Vila São Vicente. E foi esse o eixo que orientou uma primeira ordenação desse material. Entretanto, a demarcação básica deste trabalho de buscar os usos da escrita no seio das relações sociais pôde, devido às peculiaridades desses usos, ampliar e mesmo redimensionar esse primeiro mapeamento. Daí que o quadro que apresento a seguir traz os componentes apresentados na classificação de HEATH mais as particularidades dos usos da escrita dos materiais que circulam no cotidiano daqueles sujeitos.

As funções comunicativa e informativa, que predominam

não são as únicas que aparecem no uso da escrita na Vila São Vicente. Ali, a escrita constitui também instrumento de aprendizagem, de pedagogização do cotidiano, recria formas de ajuda aos analfabetos e participa das atividades de lazer dos indivíduos.

O quadro que se segue é uma síntese das funções da escrita na Vila São Vicente. Nessa Vila adultos e crianças lêem e escrevem:

1. Para adquirir, fornecer informações e resolver problemas práticos do dia-a-dia (contas de água, luz, carnês, cheques, etc.)
2. Para fornecer suporte à memória (endereços, telefones, anotações pessoais em calendários, agendas, receitas, datas de aniversários, listas.)
3. Para registros permanentes (carteira profissional, certidões, carteiras de consulta em institutos, escrituras de propriedade.)
4. Para aprender, confirmar e veicular atitudes, idéias e comportamentos (referências à Bíblia, folhetos bíblicos e catequéticos, livros escolares, cadernos de receitas culinárias, de embelezamento e de recortes e mensagens que orientam papéis sociais)
5. Para obter informações referentes a um contexto mundial e social mais amplo. (notícias de jornais, boletins informativos da Igreja, volantes de políticos, revistas de conteúdo televisivo, etc.)
6. Para trocar mensagens pertinentes a relações sociais com parentes, amigos e namorados, (cartões de natal, de aniversário, de nascimento, batizado, cartas, poemas, receitas, mensagens e correntes anônimas de caráter religioso, afetivo e sexual).
7. Para substituir comunicações próprias do contato face a face (bilhetes para a escola, para mercearias e bares onde crianças levam por escrito os pedidos de compra, cartas com o fim de adquirir informações.)

8. Para expressar, controlar e estruturar encontros de grupos e associações (textos, atas, balançetes, recibos, listas, cânticos, jograis, discursos, orações.)
9. Para expressar conteúdos socialmente reprimidos, no âmbito da sexualidade, relações amorosas, drogas. (textos de humor, brincadeiras, mensagens anônimas, revistas e livros pornográficos, cartas.)
10. Como forma de lazer (livros de bolso, revistas em quadrinhos, eróticas, sentimentais, mensagens religiosas, músicas, poemas, diários, cadernos pessoais.)
11. Para estabelecer contato com o universo religioso, com Deus (preces, novenas, orações, correntes anônimas, Bíblia, boletins e folhetos distribuídos pela Igreja.)

Do ponto de vista de um produto lingüístico, esses textos podem ser ordenados segundo uma relação emissor-recebedor. Podemos, então, agrupá-los em três blocos.

O primeiro envolve tudo o que vem de fora, o que é produzido pela imprensa que sustenta a indústria cultural. Nesse bloco inserem-se livros, revistas, jornais, boletins, volantes diversos, adesivos, cartões, embalagens, anúncios, cartazes. São materiais de cuja elaboração não participam os moradores. O destinatário dessas mensagens escritas é indiferenciado, no sentido de que é o mesmo destinatário da mídia. A produção gráfica, nesse caso, é marcada por um cuidado maior com a correção ortográfica, com uma estética mais uniforme, seguindo um modelo pré-estabelecido. São textos onde se vê menor influência da linguagem oral, pelo menos naqueles traços que caracterizam a produção do segundo bloco de textos.

Esse segundo grupo refere-se a todo o material

produzido pelos indivíduos do grupo pesquisado. Esses são, }
ao mesmo tempo, emissores e recebedores, portanto, são indi- }
víduos que se podem localizar sociolinguisticamente. }

Expressa-se, nesses materiais, uma maior espontaneidade, que retrata o nível de desempenho linguístico próprio do grupo, sua visão de mundo, seus sentimentos. Observa-se, também, a originalidade dos suportes, que variam desde os materiais tradicionais de impressão até papel de pão, muros, tabuletas, o chão das ruas, balcões dos bares, palma das mãos. É visível a utilização constante de muros, portas e paredes, tanto por parte das crianças nos primeiros anos de escolarização, quanto de adultos. (v. Anexo 3A e 3B)

São as correntes de oração, jograis, cantos, discursos, frases, pensamentos, poemas, bilhetes, cartas, recados, endereços, atas, receitas (culinária, embelezamento e saúde), conselhos e preceitos para um ideal de pessoa, listas, mensagens anônimas com fins de aproximação amorosa ou de expressão de um conteúdo reprimido socialmente.

Um terceiro bloco refere-se a uma produção que re- }
flete uma apropriação, de forma particular, de textos veicu- }
lados pelos meios de comunicação. Contudo, são apropriações }
que refazem o contexto, o canal, e determinam um único }
recebedor, que se insere nas relações afetivas de quem as }
utiliza. São mensagens retiradas de revistas, livros, tv, }
rádio, e que são utilizadas em cartões postais, de anivers- }
sário, de batizado, casamento, em convites, colagens nos }
cadernos e guardados femininos. Esses cadernos e guardados }

(ou trechos) retratam uma concepção do feminino, dos desejos, valores e fantasias que se constroem nesse universo social.

Considerando o caráter etnográfico desta pesquisa, os espaços sociais constituem fator de relevante significado para se avaliarem os usos e as concepções atribuídas à escrita. Não proponho, entretanto, uma visualização do espaço enquanto lugar geograficamente determinado, mas como determinante de um conteúdo e de funções específicas objetivadas nas formas de ler e de escrever, e nos materiais escritos. O universo do trabalho, da religião e do doméstico - a casa - delimitam sobremaneira os usos, as funções e as concepções sobre o letramento. O espaço doméstico aqui é entendido como as relações interpessoais no plano da família, da vizinhança, dos parentes e amigos, assim como o plano da individualidade, das opções pessoais mais íntimas de relacionamento com a palavra escrita. A importância de lidar com esses universos enquanto significados, referências sociais, se justifica pelo fato de que as experiências cotidianas não ocorrem em um único espaço, mas em múltiplos. As vivências religiosas, por exemplo, não ocorrem apenas na Igreja, mas também em casa, na escola, etc. O mundo do trabalho penetra a interioridade das casas e vice-versa, mesmo porque há uma grande parcela de indivíduos que não têm um espaço único e definido de trabalho.

Família e vizinhança

50 g de toucinho delamado
1 colher de sopa de óleo
1/2 colher de sopa de
manteiga

PICADINHO DE
CARNE COM FEIJÃO
PRONTO PINK

Promessa

SEDA PRETA

Para renovar as peças de seda
preta que estiveram muito tempo
fora de uso, passe uma esponja
com um pouco de amônia e algu-
mas colheres de álcool.



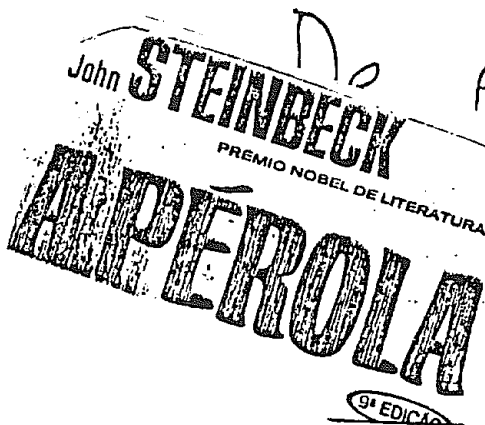
caderno de

Diários, desenhos, recortes, apontado, gostosa de
Granda, Brubita - Vou ensinar você toda

Pensamentos

Poemas e Brincadeiras

de cada parte



respirar
Te amo!
Te amo!
Te amo!
EU!

Nas casas, foram encontrados livros de conteúdo religioso, literário, filosófico, didáticos, científicos e de prendas domésticas.

Entretanto, não se encontram tais livros em todas as casas. Aquelas que apresentam todos os itens são de famílias cujos filhos ainda não foram excluídos do processo escolar e os pais se empenham em adquirir livros, seja através da compra, de empréstimo ou de doações. Uma grande maioria dos moradores, no entanto, tem que se contentar com um ou outro livro didático adquirido para atividades escolares¹³.

Na Vila, a posse de alguns poucos livros - meia dúzia, por exemplo - pode significar um nível intelectual considerável. O hábito de ler livros é mais comum entre jovens, principalmente rapazes e moças solteiras que trocam entre si os livros. O fato de ser solteiro é determinante, já que muitas mulheres casadas reclamam com saudade dos tempos de juventude quando não tinham filhos nem marido para cuidar, sobrando, assim, mais tempo para a leitura.

As crianças se vêem restritas a uma relação com um material de leituras rápidas, propagandas, revistas velhas, pedaços de jornais e os materiais escolares que são reutilizados entre elas. Livros infantis são raríssimos e costumam, quando existem, se limitarem àqueles impostos pela escola. Há uma tendência no pensamento e nas atitudes dos adultos em não considerar a leitura e a escrita como neces-

¹³. O anexo 4 é uma lista de livros de uma família da Vila que retrata maior riqueza e diversidade do material encontrado nas casas.

sidade prioritária no universo das crianças, a não ser para as atividades escolares, como processo de alfabetização. A criança precisa aprender para o futuro, quando se tornar adulta. O estudo é uma dádiva, a única herança que um pobre pode deixar para o filho. Isso não nega a existência de práticas concretas de escrita e leitura no universo infantil; e não nega também uma prática de adultos analfabetos que priorizam o estudo dos filhos para suprir as próprias dificuldades.

A história pessoal dos indivíduos em relação ao processo de aquisição da leitura e da escrita remonta a uma memória de leituras e textos escolares que ainda hoje faz parte do imaginário social da Vila. A Cartilha Analítica, Cartilha da Infância, Livro da Lili, Livro do Admissão, Joãozinho e Maria, Os Três Porquinhos, As Mais Belas Histórias, O Pequeno Polegar são alguns dos vários textos que compõem esse imaginário. E, do ponto de vista da história escolar das crianças e dos adolescentes da Vila, já se pode projetar um conjunto de textos e histórias as quais serão recontadas e/ou relembradas para outras futuras gerações: Os Meninos da Rua Paula, O Feijão e o Sonho, Um Cadáver Ouve Rádio, as revistinhas, num quadro típico do que representa a indústria do livro e da leitura escolarizada no Brasil contemporâneo. E não se pode deixar de apontar a televisão como mediadora de leituras e textos escritos, canal tecnológico que, provavelmente, confunde e confundirá os suportes através dos quais os indivíduos interagiram com um conteúdo primeiramente escrito em um livro.

A escola torna-se, por sua vez, também uma referência para certos usos e produção de materiais escritos. Entretanto, esses usos e produções coexistem com formas específicas de circulação da escrita diferentes das escolares.

O conhecimento de uma concepção escolar da escrita é valor que atribui diferenças e se contextualiza nas necessidades do grupo. Isso se vê expresso nas brincadeiras de escolinha das crianças, onde reproduzem e reutilizam materiais escolares e criam atividades que seguem as mesmas regras e discursos escolares, assim como a postura dos "alunos" e "professores" repetem esse modelo escolar.

Nos adultos se vê reforçada essa idéia quando se questiona a capacidade de acompanhar as tarefas que os filhos levam da escola para casa, quando manifestam um grande interesse e prazer em ler os livros das crianças, ou mesmo quando uma garota de 11 anos se escandaliza com a mãe que não sabe o que é "adjetivo" e "substantivo".

Com o material escolar faz concorrência somente o material produzido pela Igreja. Esses dois tipos de textos têm espaço garantido em qualquer casa. Ressalta-se, aqui, o valor simbólico da presença de uma Bíblia. O bom cristão, quando vai se casar, planejar a sua casa, tem que pensar num meio de adquirir tal livro, assim como reservar um lugar para expô-la. A Bíblia tem a função semiótica de reafirmar e transmitir a idéia de que se é cristão, além de constituir enfeite, valor material e um elemento mágico de uma prática ritualística. É preciso tê-la, mas não necessariamente lê-la.

Os textos religiosos são utilizados na igreja, em cultos e missas, reuniões e catequeses, novenas, ^{Círculo} ciclo bíblico, Sociedade de São Vicente de Paulo, assim como em situações particulares em que as pessoas lêem para se distraírem e para aprender a palavra de Deus. Da mesma forma que algumas crianças e adultos dizem ler histórias antes de dormir, há os que lêem a Bíblia ou similares com a mesma intenção, de buscar o sono. Outra função dessa leitura individual e particular é a prece lida antes de dormir e ao acordar.

Embora, às vezes, na Vila, se fale de uma literatura oficial, tida como "a literatura" (Jorge Amado, Manuel de Macedo, e principalmente os romances divulgados pelas telenovelas), o que se troca com mais freqüência são best-sellers, a exemplo de Steinbeck, *Heróis do Oeste*, coleção *Sol e Sal*, que caracterizam traduções e produções estrangeiras. A coleção *Sol e Sal* apresenta um conteúdo fundamentalmente erótico, como se pode ver nos títulos sugestivos:

Coleção SOL E SAL

Números publicados:

- 1 — EROTISMO AFRICANO
- 2 — MARIDO INFIEL
- 3 — FEMEIA EXCITADA
- 4 — AVENTURAS NA CAMA
- 5 — O BEIJO E A TARA
- 6 — MULHER INSACIÁVEL
- 7 — NO CALOR DO DESEJO
- 8 — ALTA SENSUALIDADE
- 9 — FEMEAS DELICIOSAS
- 10 — SEIOS TENTADORES
- 11 — FEBRE SENSUAL
- 12 — CIUMES MORTAIS
- 13 — ESPOSA E AMANTE
- 14 — ENTRE DOIS AMORES
- 15 — MULHER DE DOIS MARIDOS
- 16 — RESGATE DE AMOR
- 17 — UMA VIDA EM CONFLITO
- 18 — FILHA ADOTIVA
- 19 — MARCADOS PELO DESTINO
- 20 — QUANDO MORRE O AMOR
- 21 — AMORES PROIBIDOS
- 22 — UM NOVO AMANHECER
- 23 — VIVENDO NUM INFERNO
- 24 — AMOR OCULTO

A publicar:

- 25 — GRANDE MENTIROSA

Outra obra, "A Pérola", de John STEINBECK, percorre caminhos de um imaginário próximo a uma realidade dos leitores que se tornaram objeto deste trabalho. É a história de um casal, muito pobre, que vive numa vila, e o marido, pescador, encontra uma pérola no mar. A narrativa sugere traços de uma etnografia jornalística, onde se retrata o cotidiano de uma família pobre, assim como seus problemas, valores, sonhos e fantasias.

Apesar de ficar rico, Kino - o pai - imagina o que vai fazer:

- 1) Casar-se na Igreja, o que não foi possível antes porque não tinha dinheiro para pagar o padre.
- 2) Batizar o filho.
- 3) Comprar um rifle para se defender de ladrões.
- 4) Comprar roupas e sapatos novos para a família.
- 5) Colocar o filho em uma escola.

Na pérola, viu Coyotito (o filho) sentado diante de uma carteira na escola, como Kino vira uma vez ao passar por uma porta aberta. E Coyotito estava vestido de casaco com um colarinho branco e uma gravata larga de seda. E não era só: Coyotito estava escrevendo numa grande folha de papel... Meu filho vai ler e abrir os livros. Vai escrever e saber escrever. Meu filho vai fazer também contas e essas coisas nos farão livres - porque ele vai saber e por meio dele nós também sabemos. (p. 38-39)

Numa mistura de um conteúdo romântico com elementos de um realismo determinista, o autor traduz a concreta diferença social entre uma vila e um bairro de elite:

Chegaram ao ponto onde as cabanas terminavam e começava a vila de pedra e cal, a vila dos muros externos fechados e frescos jardins interiores onde um fio de água cantava e as

buganvílias cobriam as paredes de roxo, vermelho e branco. (p. 17)

Do ponto de vista socio-cultural, a pérola reflete metafórica e literalmente a realização de um grande sonho vivido pelas personagens: *E na pérola Kino viu a si mesmo e a Juana acocorados junto ao pequeno braseiro da cabana enquanto Coyotito lia um grande livro. (p.39)*

Embora não tenha sido possível uma ampla etnografia da leitura quanto à produção de significados internos ao conteúdo do texto, este livro particularmente, apontou a possibilidade de uma relação dialética entre processo de produção e de recepção do texto. Ou seja, admitimos que um livro produzido pela indústria cultural tenha como objetivo atingir um receptor cuja imagem está subjacente a esse texto. Numa conversa com leitores desse livro, na Vila, delineou-se uma relação de espelhamento, de explicitação e de construção de imagens que a indústria cultural tem forjado entre autor-leitor. Uma relação tensa que se estabelece entre produção-recepção pode ser também resultado de uma percepção de que há maneiras distintas de utilização das produções oriundas das elites econômicas dominantes. Embora essa indústria cultural tente buscar o mais homogêneo, no que concerne às visões de mundos, o que lhe garante hegemonia é a sua capacidade de negociar com os leitores possibilidades novas de significação.

Produzido num contexto socio-cultural específico e diferente do contexto da Vila S. Vicente, o livro apresenta características que negociam, com esse leitor específico, um

limites entre realidade e fantasia. Os valores a que fiz referência anteriormente - o casamento, o batizado, o rico vestuário, a escola - são pontos estratégicos de identificação do imaginário da Vila com o conteúdo da obra. Porém, o próprio elemento espacial - vila de pescadores, numa paisagem marítima - somado ao elemento que desencadeia a trama - Kino encontra uma pérola, quando pescava - podem provocar nesse leitor uma ruptura com a possibilidade de um realismo que busca transparência e objetividade dos fatos.

É importante ressaltar a complexidade e a multiplicidade dos fatores que compõem o processo de produção da leitura. Dessa forma, as colocações anteriores apenas apontam para mais uma possibilidade de etnografia da leitura enquanto produção de sentido.

Os livros, assim como o discurso e atitudes dos indivíduos, sugerem tendências a uma maneira de comportar-se e pensar. Não constituem o retrato perfeito desses sujeitos, mas participam dos fragmentos desse ethos social. A relação que o conteúdo desses livros mantém com a prática cotidiana é de dupla via: ao mesmo tempo que a leitura é construída a partir desse cotidiano, ela também orienta, apontando e nomeando trajetórias e experiências pouco explícitas. E a crença dos sujeitos da Vila São Vicente de que os livros ensinam reside também nessa possibilidade de novas estratégias de significação e de construção do cotidiano.

Não se pode esquecer que há uma procura de livros que, para esses sujeitos, são caros, impossíveis de serem adquiridos. Daí que a circulação dos livros, assim como de

revistas faz-se através de empréstimos e doações, originadas na maiorias das vezes de pessoas para quem se trabalha: clientes e patrões. Pode-se, então, atribuir a esse material um caráter de "resto", a "sobra", aquilo que não serve mais para quem os adquiriu. É o mesmo fenômeno que ocorre com outros produtos, tais como roupas, calçados, alimentos, que lhes são doados.

As revistas são típicas desse caráter de doação do que "sobra". São as fotonovelas, Sabrina, Júlia, e os quadrinhos infanto-juvenis. Há um tipo de revista informativa, a exemplo da Isto É, Veja e outras de moda feminina, jardinagem, culinária, as quais trazem todo um aparato que desperta os sentidos, principalmente o visual. Essas revistas são reutilizadas também na composição de cadernos onde aparecem receitas, conselhos e todo um conteúdo basicamente feminino e doméstico. (v. Anexo 5)

Levar revistas velhas constituiu-se num forte canal de relação entre mim e as crianças e mulheres da Vila. Uma criança de quatro anos me pedia revistas que tivessem bolsa, chapéu e sapato, tudo aquilo que as mulheres da Vila ou não têm ou têm precariamente. A maioria das crianças gostavam das revistas para brincar de escolinha. As mulheres adultas queriam expô-las na sala, perto da televisão. Outra vez reforça-se a idéia de que nem tudo que se tem é para ser lido, mas é necessário ter. Na casa de uma manicure a presença de uma revista em língua inglesa é um exemplo típico desse significado.

Duas meninas, quando foram interrogadas acerca de sua

preferência em relação aos textos escritos que havia em sua casa, apontaram para revistas e enciclopédias de jardinagem. São revistas coloridas, sofisticadas, que se prestam a serem folheadas e vistas. Raramente são reproduzidas as técnicas que lá aparecem, mesmo porque isso implicaria em investimentos econômicos que essas pessoas não podem fazer. E o mesmo ocorre com as revistas de culinária que trazem receitas que contêm ingredientes inacessíveis às possibilidades econômicas dessa comunidade. (v. Anexo 6)

BARTHES (1985), em seu artigo "Cozinha Ornamental", faz referência a uma cozinha de "economia totalmente mítica":

Trata-se, abertamente, de uma cozinha de sonho, como testemunham, aliás, as fotografias da Elle que apenas captam o prato, sobrevoando-o, como um objeto simultaneamente próximo e inacessível, cujo consumo pode perfeitamente ser esgotado pelo olhar. São materiais que contêm elementos de ostentação que busca o "chic", o arrumado segundo uma lógica burguesa. (p. 79).

As receitas culinárias, de embelezamento e as fórmulas e práticas de jardinagem, decoração, tricô, crochê constituem destaque nesse universo. As receitas, não somente culinárias, circulam entre mulheres. Possuir receitas, mensagens, enfim, todo o material próprio da comunicabilidade escrita, faz parte da formação básica do papel feminino e ainda reforça o valor da comunicabilidade, da necessidade e possibilidade de troca, no sentido da interação social. Possuir receitas diferentes e em número elevado é possuir um capital de giro, a moeda corrente das relações interpes-

soais. O importante não é aplicar a receita, mas tê-la para ver, guardar e trocar.

Os homens lêem, sobretudo, as revistas em quadrinhos do tipo Tio Patinhas, Zé Carioca, as de informações relacionadas à televisão e as de conteúdo fundamentalmente pornográfico: Status, Playboy. As últimas são mantidas escondidas e poucos admitem que as lêem. E ler aqui tem uma conotação mais ampla que se traduz na leitura das ilustrações, na estimulação dos sentidos. As revistas pornográficas reproduziriam, no universo masculino, a mesma significação das revistas femininas, assinalada por Barthes.

Os cartões de natal, aniversário, batizado, casamento são freqüentemente utilizados. Embora sejam eles muitas vezes intermediados pela indústria gráfica, é comum e importante a marca do emissor do cartão que se evidencia em uma mensagem ora criada por ele, ora por um parente ou amigo, ora extraída dos meios de comunicação. Dessa forma é que se justifica o hábito de colecionar nos guardados pessoais recortes, anotações e cadernos contendo mensagens propícias a esse objetivo. Para esse tipo e produção existem também pessoas eleitas como as mais habilidosas tanto para criar como para escolher o que melhor se ajusta à situação. São indivíduos que têm o poder de dizer o que é bom, bonito e correto escrever.

Os jornais são menos freqüentes na sua finalidade tradicional e usual de leitura. Servem como fonte de informações acerca de empregos, venda e troca de objetos. Quando se tem acesso a um jornal que alguém, por um dos

motivos anteriores adquiriu, é que se vêem as preferências das pessoas pelos cadernos esportivos, policiais, horóscopos e notícias sensacionalistas. Às vezes, os próprios moradores constituem matéria desses jornais:

CABARÉ MINEIRO

GONCALVES DIAS, 54 TEL.: 227-5860

Segunda

PROJETO "SEGUNDA SEM LEI" — 21 HORAS

A banda "Arranha Céu" abre o Projeto apresentando o melhor de Led Zeppelin, Beatles, Eric Clapton, Dire Straits, Raul Seixas, Eagles e outros. A seqüência da noite fica com a banda "Concreto Dco" mesclando o rock tradicional ao funk e ao blues em composições próprias. — ENTRADA FRANCA.

Terça

PROGRAMAÇÃO DUPLA: PROJETO TRAMPOLIM — ALEXANDRE GUIMARÃES — 21 HORAS — LAMBATERIA — 23 HORAS

Cantor e compositor, Alexandre Guimarães possui influências que vão do rock ao jazz, se enquadrando mais na busca de temas urbanos. Estará acompanhado por Neném — bateria, Mario Gonzaga — baixo e Marcio — guitarra. — LAMBATERIA — Nesta véspera de feriado, a lambada passa a ser a melhor opção para os adeptos da dança.

Quarta

GRUPO FOLCLÓRICO MINEIRO DE CAPOEIRA — 21h30m

O Grão Mestre DUNGA vai estar coordenando os diversos ângulos da capoeira, do maculelê, da puxada de rede e muitos outros ritmos, ao som dos berimbaus e atabaques. Esta é uma rara oportunidade para se conhecer um pouco mais desta dança/luta negra.

Quinta

RESERVADO.

Sexta e Sábado

GRANDE CONCURSO DE LAMBADA — 22 HORAS

Mais uma vez o Cabaré Mineiro cede seu espaço ao ritmo "caliente" da lambada. Nesta sexta e sábado os adeptos da dança vão estar concorrendo a Cz\$ 50.000,00 — casal profissional e Cz\$ 20.000,00 — casal iniciante. Ainda para os iniciantes, estarão à sua disposição dois instrutores para ensinar os primeiros passos. Vale dançar a noite toda aos efeitos de luz e à sonorização exclusiva do Cabaré.



João Batista estuprou a moça dentro do bar

Polícia prende mais um estuprador em BH

Foi preso na manhã de ontem pela Delegacia de Costumes o comerciante João Batista da Silva (25 anos, solteiro, rua Treze, 180, bairro São Sebastião, em Contagem). Ele estúprou na madrugada de ontem, em sua residência (que também funciona um bar de sua propriedade) Z.F.S. (27 anos, solteira, reside em Belo Horizonte).

Uma contou à escrivã Rosângela que estava na Piz Sarah Davidson, na av. Abílio Machado, bairro Alípio de Melo, quando o indiciado se aproximou dela, convidando-a para dançar. "Mais tarde, ele sentou-se na mesma mesa que eu e chegou até a oferecer-me rosas", lembrou a vítima. Ela disse, ainda, que estava em companhia de uma colega, e na hora de ir embora, os três saíram juntos, e João Batista, pilotando uma moto, foi com elas até o ponto de ônibus. "O que servia para a minha colega veio logo, e eu fiquei sozinha sem ele, que insistiu em me levar de moto para casa", afirmou Z.F.S., destacando que o acusado já havia percebido que ela e sua colega iriam para bairros diferentes. A vítima, visivelmente traumatizada, disse que, depois de muita insistência, aceitou a carona oferecida pelo comerciante, pedindo-lhe para que a levasse ao centro da cidade. No entanto, de acordo com Z.F.S.,

João Batista, imprimindo alta velocidade na moto, tomou uma direção contrária, indo para o Ceasa. "Quando percebi, pensei em saltar da moto, mas fiquei com medo, pois a velocidade era muito". Depois, ela disse que chegaram até o bar do indiciado, que violentamente a empurrou para o interior do estabelecimento, fechando imediatamente as portas.

Sob a ameaça de uma faca e de um revólver, a vítima submeteu-se às sevícias sexuais do comerciante. Ela conta que depois de muito esforço conseguiu apoderar-se de uma garrafa, com a qual agrediu o estuprador, que, com ferimentos profundos nos braços, ficou desesperado. "Neste momento, aproveitei um descuido dele e fugi, conseguindo alcançar a BR — 040 e tomar um ônibus", relatou Z.F.S., deixando escapar várias vezes expressão de muita dor.

No bairro 1º de Maio, à rua Marechal Rondon, 160, foi encontrado antecorrem por volta das 22 horas pela RP 1151, o corpo do sergente Antônio Carlos Figueiredo (26 anos, solteiro, rua Itaguaié, 961, mesmo bairro). Ele levou dois tiros no tórax, disparados, segundo informações colhidas no local pelos policiais, por uma pessoa conhecida apenas por Antônio Oscar, que ficou tomando rumo igno-

²⁰⁰ Os recortes anteriores apontam para duas possibilidades de relacionamento da cultura popular com a cultura das elites: a da exclusão e a da inclusão.

No primeiro recorte, vemos mestre Dunga representando a capoeira, que ele ensina a seus companheiros, dentro da Vila, aos frequentadores do Cabaré Mineiro, bar cultural da elite de Belo Horizonte. Essa situação em que os moradores criam produtos culturais que são utilizados fora do seu contexto sócio-cultural são recorrentes, como uns bonecos e alegorias que são utilizados na festa do dia das crianças, no Parque das Mangabeiras, outra região da alta burguesia belo-horizontina.

No segundo, o rapaz que aparece no jornal representa uma denúncia do quanto esses sujeitos estão próximos da violência e da marginalidade, ainda que a veracidade dessa reportagem seja questionada por seus companheiros de Vila. De qualquer forma, eles sofrem também a violência presente nas manchetes de jornais. Desfazer um mal-entendido de uma notícia de jornal é praticamente impossível.

Outra forma de leitura de jornais, pouco convencional, origina-se da sua utilização como papel de embrulho de objetos, mercadorias, rolinhos de cabelo. A partir desse uso é que se detecta uma leitura especial do jornal, de notícias ou trechos de notícias completamente descontextualizadas do todo do jornal e de sua temporalidade cotidiana. É particularíssima a leitura que uma menina diz fazer, no banheiro, dos pedaços de jornais que recobrem os rolinhos da mãe. Ou a do sapateiro que é seduzido por uma

manchete da folha de jornal com que ele embrulha os sapatos que conserta.

Os folhetos e volantes também circulam na Vila em grande volume. Trazem conteúdos diversos, propaganda política, de consultas astrológicas, centro espírita, venda de produtos etc. Esses textos valorizam a imagem do emissor e realçam as necessidades e fraquezas do destinatário que devem ser vencidas. Além de impressos em papéis, esse tipo de conteúdo é veiculado em tabuletas e muros.

Nesse mesmo nível, da valorização do emissor e de "venda" de idéias, encontra-se a necessidade de escrever mensagens que fortalecem a auto-imagem individual e do grupo. São mensagens criadas, pensamentos copiados ou de autores anônimos, ora de tom satírico, irônico, ora de tom mais religioso, moralista, mas que sempre chamam a atenção para valores que devem ser conservados, inclusive para a manutenção da harmonia e coerência das relações. A história da construção de um bar da turma ou dos jovens retrata bem essa conotação. Era um bar que tinha a finalidade de institucionalizar um espaço de encontro da turma da Vila, que até então se fazia na casa do Josias. E lá mesmo, num cômodo que se construiu frente à casa, foi edificado esse bar. De restos de materiais de construção, com a participação e os palpites dos amigos, a idéia se concretizou. Nas paredes do balcão se expressavam princípios e crenças daqueles indivíduos, através de uma mensagem que cada um escreveu com um pincel e tinta de parede.

Quando perguntei ao dono ao bar se ele achava

importante o fato de os amigos terem escrito no balcão, ele respondeu:

é importante pelo seguinte: primeiro se trata de um bar, e um bar é frequentado por gente boa e por gente ruim. Pois é, quando aparece uma gente boa pra escrever, ensina ao ruim. É é onde que eu achei interessante pelo seguinte: se você escreve uma coisa lá agora sobre droga. É importante, um dos bares que mais frequenta o pessoal que mexe com droga é o meu. Então é um alerta. O cara chega lá e escreve sobre a droga. O viciado que tiver vendo pode mancar que aquilo é um alerta pra ele mesmo sem falar diretamente. (...) achei que as pessoas precisam de um espaço pra mostrar o que elas sentem. Então sempre levar a pessoa a sério ela vai mostrar pra você uma coisa séria.

Quando perguntei de qual das mensagens que escrevera ele mais gostava, respondeu:

Você é tudo que eu quero, amigo. A outra que eu mais gosto é: jovens amigos, não vamos fazer parte da sociedade alienada. (Josias, M, 32)

As cartas constituem, nesse espaço social, a forma mais valorizada de comunicação através da escrita. Receber uma carta é um fato considerado especial, já que ela significa, no plano da comunicação escrita, o maior investimento afetivo. São trocas que se fazem entre namorados, parentes e amigos, tanto para falar de amores como de desamores, ou de dificuldades do dia-a-dia.

Aprender a escrever cartas é constitutivo da socialização das crianças. Lembro-me de uma carta que uma criança de quatro anos me pediu que escrevesse para o namorado e que se resumia no seguinte; Renato, te amo. Tica.

Li, umas três vezes, a mesma carta, para Lia das Dores, que não sabia ler. Era uma carta de um ex-vigário da paróquia e com quem ela mantinha correspondência. Para ela, esse padre significava toda a possibilidade de afeto, proteção e aceitação pelo grupo, já que Lia das Dores era uma das pessoas mais estigmatizadas: preta, pobre, analfabeta, doida da cabeça, solteirona. É importante observar que o cuidado e o carinho com que Lia das Dores guardava suas cartas não permitiram que eu as levasse para copiá-las em xerox. A leitura, entretanto, pôde ocorrer pelo fato de ela não saber ler e fazer questão que eu conhecesse o conteúdo e o remetente da carta. A situação que ela criou, com a existência da carta, deixou visível o quanto ela se sentia prestigiada diante das companheiras, por ter recebido uma carta de um padre.

Do ponto de vista da linguagem, percebe-se nas cartas uma marcada tendência à reprodução da comunicação oral. Isso se deve principalmente a seu teor afetivo, e ao esforço do emissor por trazer o interlocutor ausente para uma situação imaginária o mais próxima possível. Fala-se de tudo e de todos numa só carta. Encontram-se, inclusive, algumas cartas escritas por mais de uma pessoa, outras assinadas por mais de uma, ou apenas pelo pronome pessoal "Eu", que constitui marca do interlocutor presente. Os vocativos, insistentemente repetidos, assim como a despreocupação em organizar topicamente os conteúdos, como é usual no texto escrito, é outra marca da oralidade.

O conteúdo reflete o tom das relações face a face,

marcadas, também pela oralidade. Entre jovens, a brincadeira, a sátira na área das relações homem-mulher, da sexualidade:

DIGAM COMO FORAM AS VISITANÇAS
EM GUARAPARI, MARCIA (BRANCA) ESPERO QUE NESTE ANO VOCÊ
NÃO TENHA DORMIDO ENQUANTO A MANGUEIRA ENTROU (NA
AVENIDA, LOGICO, ONDE VOCÊ PENSOU QUE FOSSE HEM!). NÃO DIZ DE

FALE AO MESSIAS CUIDADO
COM GALINHA COM AIDS GALINHA BRANCA ESTA TRANSMITINDO O
VIRUS DA PESTE (DEUS ME PERDOE). O NEGÃO SE CASO A
MARCIA DORMIU E NÃO VIU A MANGUEIRA ENTRAR QUEBRA
O GALHO DELA E A MANGUEIRA PARA ELA.

De as tradicionais cartas de amor:

Ei eu te confesso, terho muito,
mas muito mais a te dizer. Mas
agora, nem ao menos vou dizer
o meu nome (mas já deves saber), pois,
meus olhos estão embaçados, e o
meu pensamento e a minha gar-
ganta estão tapados, quase
não posso respirar. Apenas repitirei:

Te amo!

Te amo!

Te amo!

EU

Ou o conteúdo próprio de mulheres, mães de família
que falam de Deus e dão notícias dos familiares:

Saudações

Minha inesquecível cunhada baura é
finalidade desta simples carta e somente
para dar às minhas notícias e ao mesmo
tempo saber das suas.

Olha comadre aqui está tudo,
têm só não está melhor porque oi saudade
de vocês e demais.

Comadre espero que ao receber minha
carta encontro todos com muita saúde e
felicidade pois o meu desejo para com vocês
é que os graças de Deus, e a sombra do
Altíssimo esteja cada dia intercedendo por
todos vocês principalmente na sua família e seus
filhos.

Comadre o tio já está recuperado e
já está trabalhando, graças a Deus e o esforço da
Senhora que não mediu sacrifício algum, só Deus
para retribuir tudo a aquilo que a Senhora
fez por mim em proteção à saúde dele.

Comadre eu ainda não fui air porque
ainda não tive férias mais assim que eu estiver
de férias eu vou passar um mês com vocês se
Deus quiser.

Comadre também quero saber o que é o
menino de Maria mande me falar.

Observo que neste canal as pessoas não se censuram tanto para escrever. Pessoas que se censuram em outros momentos e canais comunicativos não o fazem neste. Quando ocorre - e é bastante usual tal prática - de pessoas pedirem a outras para escrever suas cartas, na verdade, elas querem alguém que traduza para o código escrito exatamente aquilo que dominam no plano da oralidade. Assisti a brigas e impasses criados por situações em que o "redator" alterou o que a "autora" queria que fosse escrito. Não basta, pois, apenas dominar o código escrito para poder prestar favores de escrita, mas é preciso cumprir com as regras, respeitar as idéias e a forma que o outro deseja que sejam colocadas no papel. Além disso, é preciso guardar segredo. Nessas circunstâncias, as cartas quebram a possibilidade, como eles mesmos o dizem, de se ter um particular, gerando uma certa vulnerabilidade daquele que precisa partilhar a sua intimidade com um terceiro. É razoável, contudo, que essa vulnerabilidade se relativize face a outras tantas possibilidades que as relações interpessoais podem engendrar.

A diferença que tem em pedir, que nunca aconteceu comigo, que pode ter, é quando você quer uma coisa particular. Porque um particular pra quem não sabe escrever uma coisa particular não existe. Porque particular é só em dois, né? aí tem que ter um terceiro, sem dúvida que tem que ter um terceiro, porque se você quer um particular comigo, então esse particular é de nós duas. Agora se você vai escrever um particular para mim e você não sabe escrever, tem que ter um terceiro, um intermediário, ele fica sabendo do particular. O problema é só esse. Quando não tem nada particular, não tem problema. (Martinha, F, 48)

Uma escrita bastante freqüente na Vila e que as pessoas produzem solitariamente são os diários, os cadernos pessoais, músicas, poemas e mensagens. Os diários e cadernos restringem-se ao universo feminino, enquanto que os outros textos tanto são feitos por homens quanto por mulheres, adultos e crianças.

Entre rapazes e moças, a inspiração poética se alimenta, sobremaneira, nas relações amorosas, quando, então, utilizam-se da poesia como meio de se comunicarem entre si ou como forma de evasão solitária dos sentimentos mais íntimos.

Esse material é mantido mais escondido e têm acesso a ele somente pessoas especiais. Em alguns casos, os diários não são facilmente mostrados à mãe, aos irmãos; eu só tive acesso, rapidamente, a partes de um diário de uma jovem de 18 anos. Uma mulher de 38 anos traduz um dos significados do diário: é seu melhor amigo e confidente. Houve situações, entretanto, em que esses textos apareciam completamente abertos aos familiares e amigos, ficando apenas bloqueados a estranhos. Observei que o que determina um ou outro comportamento são as relações familiares. Quando são aceitas com maior facilidade as regras e os valores postos pela família e pelo grupo, não se tem a preocupação de esconder o que se escreve. Outra hipótese é a de que muitos afirmam que nem tudo que se pensa e se sente deve ser escrito. Essa hipótese ficou muito clara quando censuraram textos pornográficos que lhes apresentei numa situação de entrevista informal sobre a produção escrita. Para muitos deles é

preciso ter muita coragem para escrever palavrão,
pornografia; isso é coisa de pivete. Entretanto, a fala
deles é recorrentemente marcada por termos desse campo
semântico, assim como também as cartas pessoais que os
amigos trocam entre si.

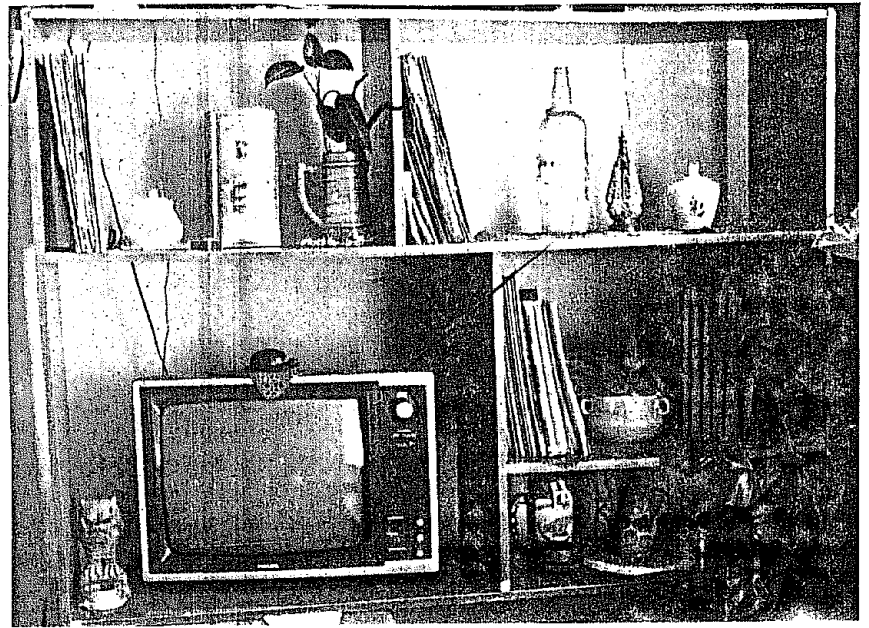
SÃO PAULO 05 MARÇO DE 1984

OI TURMA COMO VÃO, ESPERO QUE TENHAM A
FADO BEM O CARNAVAL. DICAM COMO FORAM AS PARTES
MARCIA BRANCA ESPERO QUE ESTE ANO VÁ
VÃO TENHA DORMIDO EM JUNTO A MANUEIRA ENTÃO
VENIDA, LOGICO, ONDE VOCÊ PENSOU QUE FOSSE MEMBRADO
DE PURGA QUE EU TIVE CONVERSAS COM O GURU
SIB DE BOM SUCESSO, IR QUE MANEJA UM ABRIGO PARA
A MOGHADA É AS FÉRIAS COMO VÃO, DIZE HI, A ESSA
TURMA QUE EU ESTOU ESPERANDO QUE ME ASSUREM
COMO É TELEFONE DOS CURSOS, E TAMBÉM TABACOS, COMO
MAMBO MODOU DE CONTINUA, COM QUAL DELAS SEM TABACOS
LISA QUE ACONTECEM VOCÊ OU QUALQUER UM OUTRO AL ME
FORMADO, FALE COM A DANIELA QUE ESTOU LOCO DE SAUDADE
PARA PODER DAR UM ABRAÇO E UM BEIJO. DIZ A SÓ
MÉ QUE SÓR ENQUANTO ESTÁ VÃO BEM, O DIZ QUE NÃO
MAIS PODE SABER EU VOU VOLTAR, FALE AO MESSIAS COM
COM GALINHA COM AIDS, GALINHA BRANCA ESTÁ TRANQUILA
VIRUS DA TESTE DEUS ME FERDOE! É MOGHADA SE CASAR
MARCIA DORMIU E NÃO VU A MANUEIRA ENTÃO
A GALINHA DELA É A MANUEIRA TÁ FAZ CLA
JOE, NO MAIS COM BOM SUCESSO, TAMBÉM O MEU BOM
ESTAREI ESPERANDO E VOU FAZER TAMBÉM O MEU
APARECIDA SÓR E MARRICHO QUE QUANTO COM O
SOBRINHOS AI.

UM ABRAÇO

EU SUCESSO COM MANUEIRA
1984

Estantes, caixotes e colchões



Os lugares onde se guardam os livros também permitem uma leitura do significado da escrita na Vila.

A estante, que seria o lugar, por tradição e definição, para se guardar livros, tem, predominantemente, seu espaço reservado primeiro à televisão, som, enfeites, que variam de jarros, vasos, bibelôs a imagens e símbolos religiosos e esportivos. O único livro que, na maior parte das casas, tem seu canto reservado na estante é a Bíblia. Às vezes, aparece uma ou outra enciclopédia para pesquisa escolar.

Os livros que existem ficam guardados debaixo de colchões, sobre os guarda-roupas ou em caixas que ficam em quartinhos de despejo ou nos quartos de dormir, debaixo das camas ou sobre guarda-roupas. Há situações em que a exigüidade do espaço doméstico determina formas alternativas de se guardarem os livros, como afirma uma senhora, mãe de cinco filhos, que privilegia a aquisição de livros, mas que reclama da dificuldade de guardá-los. Sua casa tem apenas três cômodos: cozinha, quarto e banheiro.

Uma observação mais acurada dos objetos nos permitiria explicar um pouco mais a relação semiótica que esses indivíduos mantêm com o livro. É visível a valorização de eletrodomésticos - liquidificadores, batedeiras, enceradeiras e, principalmente rádios e televisores. Os televisores são peças centrais nas casas da Vila; observei situações em que havia, numa sala, três aparelhos de televisão estragados e velhos, mas que tinham de ser expostos. Outro objeto muito valorizado é o sofá que precisa

ser mantido mesmo em condições "precaríssimas" de uso. Quando estão sujos, rasgados, são cobertos por lençóis, colchas ou plásticos. Compondo o ambiente aparecem os bibelôs, flores de plástico e enfeites originados da reutilização de objetos como lâmpadas, frascos de shampoo, perfumes etc.

Os livros também aparecem em número pequeno mesmo quando existem em maior quantidade. É um símbolo, um valor, mas não, necessariamente, objeto de consumo. O que é para ser consumido, usado, ocupa, de preferência, espaços mais interiores da casa. A sala é o lugar de objetos que não se prestam apenas ao uso diário, mas que têm uma função de comunicar referências culturais.

LEAL (1986) mostra uma tendência na relação de grupos populares com os objetos, tendência esta que se revela numa síntese do que

é bonito porque é moderno, caro; as coisas difíceis de conseguir, como as revistas e a televisão, e o tradicional, o dourado, o brilhante, o de espelho ou o plástico, são elementos essenciais da estética popular. (p. 34)

Nesse nível do moderno, do caro combina-se também o critério do estético e da utilidade. Há assim, objetos modernos, caros, que se prestam ao uso e ao enfeite, simultaneamente, como no caso da televisão. O livro pode desempenhar esse papel simultâneo, mas pode ser também um "enfeite" de valor específico, cuja referência é uma cultura dominante que privilegia o letramento como status social.

Esse atributo dos objetos de indicarem referências culturais está presente também nos quadros religiosos, na Bíblia e nos dizeres sagrados ou profanos, escritos em cartazes, quadros, nos álbuns de fotografias, nas fotos, nas paredes, todos eles sinalizando referências simbólicas dos indivíduos.

Em síntese, nos objetos, se veem reforçados e manifestos valores desse grupo: o culto da modernidade (utilidade, ostentação, brilho, cor, novo), da religiosidade, do letramento, da família etc.

Uma análise semiótica é um interessante caminho para a compreensão de universos culturais. LEAL (1986), combinando o pensamento de Marx e Mauss, aponta uma das possíveis interpretações para um conjunto de objetos que compartilham o espaço da televisão numa casa de família de uma vila. O fetichismo é, segundo ela, a explicação para o uso desses objetos.

Esse fetichismo é, numa visão marxista, resultado do não controle da produção, da condição da mercadoria e da reificação de um saber produzido por uma classe social.

Para Mauss a mística das coisas na troca está nas coisas trocadas que não funcionam apenas como um sistema de obrigações de dar ou receber a partir de um "cimento afetivo e místico", mas as coisas são "sínteses dadas ao e pelo pensamento simbólico", que nas suas diversas formas de comunicação, na troca ou na exposição, "superam a contradição que lhes é inerente, que é a do próprio caráter relacional do pensamento simbólico. (p. 37)

Pelas portas do sagrado:

7. Eva

mensal

ENCONTROS VOCACIONAIS

do Coração de Jesus

Vol. 94 - N. 1.062 - Julho/Agosto



JESUS CRISTO ME DEIXOU INQUIETO



"Corrente de Jericó"

"As muralhas cairão diante do poder de DEUS"

Josué 6:20

Dia 17/02/88 as 15 e 20 horas

Escreva abaixo o seus poblemas

Qual para a festa dos vigários

Exemplos:
- Estou todos reunido
Na Igreja de São João
Para o padre: humilhar
- Pois professo a mesma fé

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR

Rua Alfa, 220 Caiçara
Belo Horizonte Minas Gerais

adoremos

ORÇAO DO CONSELHO CENTRAL DE BELO HORIZONTE DA SOCIEDADE QUADRANGULAR

Carreiros de não Judas Fidem
pelo... a graça impossível e seria alcanç...
de não Judas. O domo de...
... ganho... por outro lado...
... para a caridade... 24 horas...
... 90 dias...
... milagrosa...
... em Deus com todos...
... forças... por isso...
... que ilumina e...
... que...
... que...
... que...



"QUEM ACOLHE O MENOR, A MIM ACOLHE JESUS CRISTO"

É comum a freqüência das pessoas à igreja assim como a participação em atividades religiosas variadas, principalmente por parte das mulheres viúvas, as de meia-idade e, numa quantidade e freqüência menores, homens com essas mesmas características. Esses últimos têm maior presença em atividades beneficentes, como é o caso da Sociedade de São Vicente de Paulo. A doença é também um motivo para que as pessoas se envolvam com atividades religiosas como forma de cura ou de conforto.

Entre o pessoal mais jovem, há aqueles que cumprem com maior assiduidade os rituais, com uma participação efetiva em grupos de jovens, missas, etc.; em épocas especiais, como no Natal, fazem suas novenas, de casa em casa, à parte da novena dos velhos. Ainda que esses jovens se ausentem das atividades religiosas e até mesmo critiquem a beatice dos mais velhos, eles consideram importante que outros assumam essas atividades. Esses jovens, também, recorrem constantemente ao universo do sagrado, da religião, para explicar e orientar o seu cotidiano.

As crianças sofrem pressões no sentido de terem que cumprir tarefas religiosas que lhes são impostas, acompanhando os pais à missa e freqüentando a catequese, que, além do significado de uma aprendizagem religiosa, é também um caminho civilizador que evita que fiquem na rua aprendendo o que não deve, em más companhias. Esse que não deve refere-se especialmente à utilização de drogas e a comportamentos sexuais, tanto no sentido de práticas quanto da aprendizagem de uma linguagem tida como indesejável.

Junta-se, aqui, a necessidade de prender as crianças em casa para que elas estudem como fazem, segundo eles, os ricos que têm as casas muradas.

No processo de aquisição de maior autonomia, de passagem para o mundo dos adultos, há possibilidade de romper com essa obrigatoriedade. Poder escolher entre ir ou não ir à missa, no domingo, ou pertencer a esta ou aquela seita religiosa é constitutivo do ser adulto. Mas o que torna patente a presença do religioso, apesar das críticas e de um "relaxamento" na vivência diária, é o cumprimento dos rituais que se referem ao ciclo da vida, próprios dessas cultura: nascimento (batismo), primeira comunhão, morte (funeral) e outros rituais e cerimônias como novenas, grupos de oração, filantrópicos, bodas, Natal, Ano Novo, Semana Santa, etc.

Não posso deixar de apontar os conflitos a nível de concepções religiosas, principalmente quando elas não se ajustam a uma explicação coerente das relações e da vida concreta que as pessoas vivem. Assisti a calorosas discussões em que se contrapunham posturas e concepções divergentes nessa área. HOGGART (1973) sintetiza alguns pontos interessantes sobre a relação do proletariado com a religião, dentre os quais a *influência de idéias que parecem ter excluído definitivamente a religião* do interior dessa camada social e o fato de os mandamentos não se ajustarem para a *vida tal como ela é, servindo inclusive para ocultar uma competição feroz e processos ilícitos.* (p. 136)

A vivência de espaços religiosos foi consequência da

abundância com que eles surgiram. Há uma imensa possibilidade de rituais sagrados, dentro e fora da Igreja, que se renovam numa rapidez considerável. Além daqueles que pertencem à Igreja Católica, acompanhei também algumas cerimônias do centro espírita de mesa e um terreiro de umbanda. Essas experiências trazem uma gama de significados, desde a aprendizagem religiosa, no sentido de conhecerem os preceitos, a Bíblia, até uma socialização de atitudes e comportamentos do indivíduo naquela cultura. Ali se expressam os sofrimentos, as angústias, as alegrias e a necessidade de se ajudarem mutuamente. Nesses espaços, também se constroem crenças e valores que se pretende seguir no dia-a-dia.

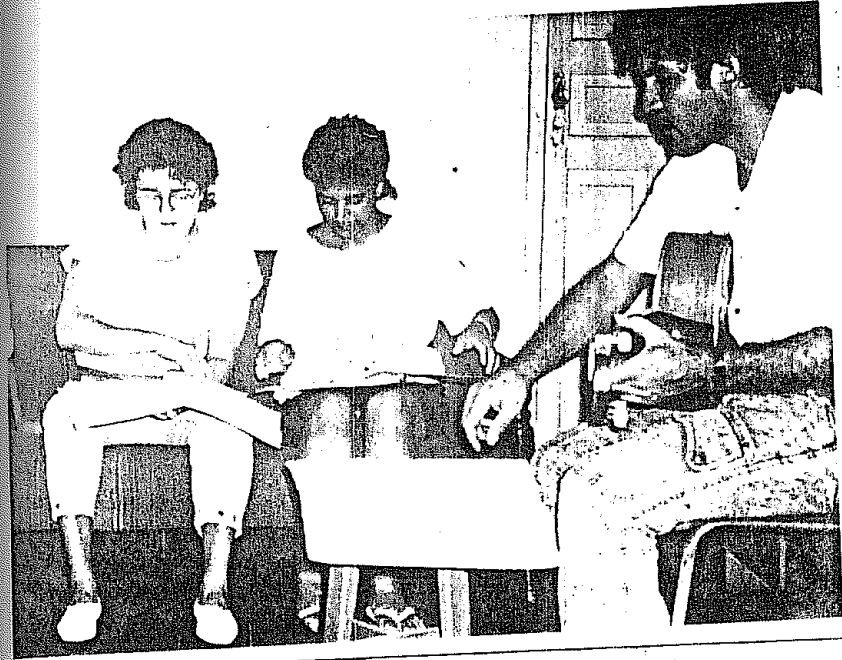
Não interessa aqui o específico de uma teoria sobre religião ou uma aceitação dessa ou daquela crença, mas o fato de que existem crenças e práticas ritualísticas, religiosas, ou seja, esse povo vive e pensa religiosamente. Buscar a trilha do sagrado é buscar compreender um crivo por onde passam as questões do social e do cultural. BRANDÃO (1986) ressalta que

qualquer pesquisador das formas populares de cultura e dos modos subalternos de vida sabe que ali quase não há esferas de uma e de outros que não estejam envolvidas e significadas pelos valores do sagrado. (p. 17)

abundância com que eles surgiram. Há uma imensa possibilidade de rituais sagrados, dentro e fora da Igreja, que se renovam numa rapidez considerável. Além daqueles que pertencem à Igreja Católica, acompanhei também algumas cerimônias do centro espírita de mesa e um terreiro de umbanda. Essas experiências traduzem uma gama de significados, desde a aprendizagem religiosa, no sentido de conhecerem os preceitos, a Bíblia, até uma socialização de atitudes e comportamentos do indivíduo naquela cultura. Ali se expressam os sofrimentos, as angústias, as alegrias e a necessidade de se ajudarem mutuamente. Nesses espaços, também se constroem crenças e valores que se pretende seguir no dia-a-dia.

Não interessa aqui o específico de uma teoria sobre religião ou uma aceitação dessa ou daquela crença, mas o fato de que existem crenças e práticas ritualísticas, religiosas, ou seja, esse povo vive e pensa religiosamente. Buscar a trilha do sagrado é buscar compreender um crivo por onde passam as questões do social e do cultural. BRANDÃO (1986) ressalta que

qualquer pesquisador das formas populares de cultura e dos modos subalternos de vida sabe que ali quase não há esferas de uma e de outros que não estejam envolvidas e significadas pelos valores do sagrado. (p. 17)



O ^{círculo} ciclo bíblico foi o ritual que mais frequentemente observei, por contar com uma maior participação e por ocorrer dentro dos limites geográficos da Vila. Além dele, apenas o espiritismo de mesa tem os seus rituais dentro da Vila, na escola do SENAC. Outras seitas só podem ser vivenciadas fora da Vila, embora, algumas vezes, nas proximidades, no bairro Fe. Eustáquio.

Em todos os rituais, a presença do texto escrito é recorrente, inclusive no terreiro de umbanda, onde, além da leitura de uma passagem bíblica, prescrevem-se num pedaço de papel fórmulas curativas para os males físicos, psicológicos ou espirituais. Há também livros básicos que sintetizam os princípios teóricos que sustentam as crenças dos fiéis.

Durante um ano participando do ciclo bíblico, pude observar não só as práticas de leitura e de escrita, mas toda uma lógica de vivência de relações e de experiência das pessoas. Ali se discutiam os prazeres e desprazeres do cotidiano: família, amor, trabalho, sofrimento, brigas, pobreza. Os temas preferidos eram pobreza, mulher, sofrimento e religião. Dois hinos consagrados pelo grupo como hinos feitos para eles reforçam duas dessas temáticas. *O Povo de Deus*, para eles, traz como idéia central a pobreza: *O povo de Deus era rico de nada.*

O Povo de Deus

O povo de Deus, no deserto andava/mas à tua frente alguém caminhava./ O povo de Deus era rico de nada/ só tinha esperança e o pó da estrada./ Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada/ somente tua graça me marca e mais nada./

O povo de Deus também vacilava./ Às vezes
cuspava a crer no amor./ O povo de Deus
chamando rezava/ pedia perdão e recomeçava./
Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta
estrada./ Perdoa, se às vezes não creio em
mais nada./

O povo de Deus também teve fome/ e tu Ihe
mandaste o pão lá do céu./ O povo de Deus
cantando deu Graças/ rogou seu amor, amor que
não passa./ Também sou teu povo, Senhor e
estou nesta estrada./ Tu és alimento, na
longa jornada./

O povo de Deus ao longe avistou/ a terra
queirida que o amor preparou./ O povo de Deus
sorria e cantava/ e no seu louvor seu amor
proclamava./ Também sou teu povo, Senhor, e
estou nesta estrada./ cada dia mais perto da
terra esperada./ Também sou teu povo, Senhor,
estou nesta estrada/ cada dia mais perto da
terra esperada. Transcrição de fita: 18/7/88)

Maria de Nazaré, a mulher-menina-mãe-senhora e
escolhida por Deus:

MARIA DE NAZARÉ

Maria de Nazaré, Maria me cativou
Fez mais forte a minha fé
E por filho me adotou
Às vezes eu paro e fico a pensar
E sem perceber me vejo a rezar
O meu coração se põe a cantar
Pra virgem de Nazaré
Menina que Deus amou e escolheu
Pra mãe de Jesus, o filho de Deus
Maria que o povo inteiro elegeu
Senhora e mãe do céu
Ave Maria, ave Maria, ave Maria
Mãe de Jesus.

Maria que eu quero bem
Maria do puro amor
Igual a você ninguém
Mãe pura do meu Senhor
Em cada mulher que a terra criou
Um traço de Deus Maria deixou
Um sonho de mãe Maria plantou
pro mundo encontrar a paz
Maria que fez o Cristo falar
Maria que fez Jesus caminhar
Maria que só viveu pra seu Deus
Maria do povo meu

*Ave Maria, ave Maria, ave Maria
Mãe de Jesus.*

Outra função da observação do ritual do ^{círculo} ciclo bíblico foi a de contribuir enfaticamente para a trajetória de relações pesquisadora-pesquisados, pelo fato de acontecer a cada dia em uma casa.

Espera-se nesses encontros que o dono da casa possua uma Bíblia, embora a líder do grupo esteja sempre carregando a sua. Espera-se também que, ao final da reza, sirva-se pelo menos um cafezinho. Nas casas mais bem dotadas economicamente, costuma-se servir também biscoitinhos caseiros e, em casos estritamente especiais, aparecem bolachas água-e-sal e coca-cola, o que dá ao encontro um caráter festivo.

O grupo fixo é predominantemente adulto e feminino, contando com participações esporádicas de homens e crianças. Contava também com a participação de um seminarista, que, por um lado, atraía mulheres e causava ciúmes aos maridos, e, por outro, monopolizava bastante as reflexões, o que não ocorria quando o grupo se autocoordenava, como no período de férias desse seminarista. Minha presença no grupo também foi alvo de atração de novos adeptos e de maior incentivo para as pessoas, que, assim, se sentiam mais valorizadas, tendo ali alguém diferente, do bairro dos ricos, e representando a cultura dominante.

As pessoas sentam-se em círculo tendo como ponto de referência uma imagem de Nossa Senhora com duas velas acesas, uma à direita e outra à esquerda. Uma pessoa do

grupo dirige a sessão, no caso uma mulher de 45 anos, que tem participação ativa nos eventos da igreja local.

Por se considerar semi-analfabeta, nessas circunstâncias, e deficiente para uma leitura oral, a líder do grupo escolhe o texto e um leitor, geralmente uma pessoa que tem maior fluência de leitura. Contudo, o texto já fora lido e refletido pela coordenadora que tomará a frente dos comentários. O pressuposto da leitura é o de incentivar a partilha de idéias, sentimentos e convicções.

Um conhecimento mínimo da Bíblia faz parte das regras do grupo. Por isso esse encontro se presta, também, à aprendizagem da Bíblia, desde o seu manuseio até à compreensão do seu conteúdo. O registro escrito tem o valor da comprovação da verdadeira e universal palavra de Deus, além de ser fonte de divulgação da religião. É um desprestígio não se ter um livro que registre e norteie os rituais e as crenças de seus fiéis, embora nem todos o possuam.

Num encontro do apostolado da oração, o padre da paróquia remonta à história da Bíblia e de como:

a transmissão da religião católica começara oralmente. Eram pessoas analfabetas, que não sabiam ler nem escrever, mas que tinham o coração aberto para Deus, guardavam o que aprendiam e transmitiam para os outros. Mais tarde começaram a escrever para evitar a deturpação e para guardar a palavra de Deus. Contudo há passagens que são meras histórias que dependem de interpretação. (Diário de campo).

Um pastor, num culto no SENAI, explica a diferença entre as seitas:

Quanto à diferença entre as seitas, explicou que o espiritismo é uma religião que foi codificada por Alan Kardec - e frisou - codificada e não criada ou inventada. Kardec apenas psicografou as respostas que os espíritos lhe deram para as perguntas que ele lhes fazia, no Livro dos Espíritos. Psicografou também o Livro dos Médiuns. Quanto à semelhança com a umbanda ou com a macumba atribuiu isso ao fato de elas usarem alguns princípios escritos por Kardec, já que elas não têm nada escrito. A religião espírita tem um código de ética escrito e por isso facilita a sua divulgação. (Diário de campo)

O que se vê em ambas as considerações - do pastor e do padre - é que eles transmitem aos fiéis um pressuposto de que as religiões éticas, universais, são aquelas que se baseiam num modelo letrado.

GOODY (1987) propõe discutir a organização da sociedade do ponto de vista de uma lógica da organização da escrita. Sem considerar, nesse momento, as implicações de sua análise, ressalto, aqui, a sua afirmação de que há uma ligação intrínseca entre as denominações *religiões éticas, religiões universais e modelo letrado.*

No contexto da Vila, o que se observa, apesar de uma prática específica que ultrapassa os determinantes próprios de uma visão letrada da religião, é a influência de idéias produzidas a partir dessa visão. E, num ambiente impregnado de sentidos produzidos pela escrita, de símbolos gráficos e de textos de uma religião católica que lança mão, freqüentemente, do texto escrito, não é difícil justificar e

interiorizar o argumento posto pelos dois líderes religiosos.

Nos rituais do ^{grupo} ciclo bíblico, embora se volte ao texto para confirmar argumentos e fatos, o que se observa é uma interpretação a partir da experiência de cada um. A lógica da interpretação é uma lógica da experiência do cotidiano, que vai ajustar-se segundo o momento de cada um e do grupo. A partilha das orações e das reflexões é uma tentativa de buscar um consenso do significado, que garantirá, por sua vez, maior harmonia e consistência das crenças, das concepções e das relações interpessoais.

Durante o ciclo bíblico alguém interfere:

- *Porque aqui não entendo o que Jesus disse aqui... os perseguidores...* (Leninha, F, 36)

- *os perseguidores não é alguém pra matar, pra dar um tiro, pra judiar não. Os perseguidores que eu entendo aqui na palavra de Deus é a pessoa que tenta tirar as pessoas que estão no caminho certo e tenta levar eles pro caminho errado.* (Martinha, F, 48)

Essa preocupação em trilhar o caminho certo é o contraponto da constante iminência em se cair no erro, ou da possibilidade de atrair alguma desgraça. Como se vivessem numa permanente "corda bamba": a doença, a droga, a prostituição, o desemprego.

E voltam ao texto:

- *"se Jesus tem seus perseguidores, quem são e o que fazem?"* (seminarista, M, 26)

- *Hoje tem perseguidores de todo jeito. Perseguidores espiritual e material.* (Martinha, F, 48)

- Os grandes perseguidores de nossa vida espiritual, principalmente, que eu vejo hoje são os meios de comunicação que matam a vida das pessoas, que não têm mais tempo pra fazer um ciclo bíblico como esse, porque tá lá vendo novela, vendo filmes americanos ... (seminarista, M, 26)

É possível apontar, então, influências do discurso escrito, formal, na fala das pessoas, no nível do vocabulário, no nível do discurso formal - uso de pronomes pessoais vós e tu e a primeira pessoa do plural em lugar da 1ª do singular.

Se, por um lado, o texto e a sua leitura garantem uma certa formalidade do acontecimento, as orações espontâneas e as interpretações pessoais quebram-na. As orações e hinos são também readaptados, começando pela escolha, que é feita segundo os sentimentos, as experiências e as necessidades momentâneas. Pode-se perceber como algumas mulheres seguem mais fielmente o modelo escrito de oração, enquanto outras substituem-no por um modelo predominantemente oral.

O uso do vocativo, que nas orações escritas aparece mais em princípio de frases, mas nem sempre em todas, pode-se repetir mais de uma vez na mesma frase, quando reproduzidas oralmente. A mistura dos pronomes de 2ª e 3ª pessoas - vós e tu - assim como a falta de compromisso com a flexão do verbo, que aparece sempre na 3ª pessoa, é outro indício desse entrecruzamento do oral e do escrito.

A repetição insistente de uma idéia, principalmente quando se faz uma súplica, atribui às palavras um valor de

ação, de mobilização da misericórdia e empenho do Senhor Deus para atender aos pedidos.

Já fiz referências em páginas anteriores ao trabalho de HEATH (1982), que mostra como a escrita e a oralidade são variações que se superpõem e se complementam. Para examinar as formas e as funções da linguagem oral e escrita, a autora lança mão de um instrumento conceptual denominado *literacy event*. O evento ou acontecimento letrado pode ser compreendido como qualquer seqüência de ação, envolvendo uma ou mais pessoas, na qual a produção e/ou compreensão de impressos torna-se evidente. Há regras para esses acontecimentos assim como há para os acontecimentos orais.

Ao descrever determinadas situações tidas como próprias do "evento letrado", a autora aponta a coexistência de comportamentos e habilidades orais de fundamental importância para sustentar essas situações de usos do texto escrito. Numa tentativa de exemplificação, ela cita o preenchimento de formulários em uma fábrica, quando um trabalhador se candidata a um emprego. As instruções de preenchimento são dadas oralmente e, durante a aplicação do questionário, o aplicador cerca todas as possibilidades de equívoco, de ininteligibilidade e, ainda, tem delineado o tipo de informação e o perfil do candidato, ao final da atividade. Outro exemplo é o de uma situação típica de uma igreja onde há um conjunto de regras escritas a serem obedecidas. Entretanto, essas regras têm que ser lidas oralmente para que todos comprovem que as conhecem e concordem em segui-las.

Em resumo, HEATH afirma que:

(...) descriptions of the concrete context of written communication which given attention to social and cultural features of the Community as well as to the oral language surrounding written communications may discredit any reliance on characterizing particular communities as having reached either restricted or full development of literacy or as having language forms and functions associated more with the literate tradition than the oral, or vice versa. (p. 94)

O que se vê nesse ritual específico da Vila São Vicente é a intermediação das "verdades" escritas na Bíblia pela linguagem oral. A idéia de "deturpação" das leis e da transmissão "da palavra de Deus", via escrita, se relativiza na interpretação particular do texto escrito e na consequente construção de outros textos orais que se sobrepõem a ele.

Do ponto de vista, então, da importância da escrita nas religiões ditas éticas, hegemônicas, universais, GOODY (1987) aponta o seu caráter de conversão na medida em que *podem ser espalhadas como geléia*, podem persuadir, pela forma de comunicação escrita.

Entretanto, o que se torna relevante em suas análises é o fato de que a religião letrada cria a possibilidade de os fiéis se tornarem letrados. Não que a Escritura ou a palavra de Deus se torne estável, fixa, e os indivíduos se convertam a um conteúdo religioso universal. Há, sim, uma "conversão" a um meio, a um modo ou tecnologia de uma cultura grafocêntrica. Combinam-se aí, pois, fatores sociais, econômicos e políticos, já que na nossa sociedade o

conhecimento da escrita, o saber religioso letrado é privilégio de uma elite intelectual e/ou econômica.

Nos primeiros momentos de minha presença nos ^{círculos} ciclos, observei que as mulheres que não sabiam ler fingiam estar lendo os textos, principalmente os hinos. Essa atitude foi aos poucos sendo abandonada, só vindo a se repetir nos grupos em que essas mulheres se misturavam às pessoas da igreja, onde predominavam fiéis moradores do bairro Coração Eucarístico, que sabiam ler e que traziam, cada um, a sua Bíblia. A convivência constante com essas mulheres fez emergir, em outras situações, "denúncias" que apontavam os analfabetos da Vila. Isto, provavelmente, fez com que não mais "fingissem" estar lendo. Entretanto, não se apagaram, no decorrer da pesquisa, o sentimento de vergonha e de uma auto-imagem deteriorada, que se projetava em outras situações. O status atribuído ao saber letrado, assim como as múltiplas classificações criadas nesse universo foram objeto de análise no capítulo anterior.

O Lar



CATECISMO

1905/88

Dts - avaliações

Depo de você entende de

"Deus"? Deus? Deus e' a alma em e dentes de todos.

tramos Deus? entre nós?

DEPARTAMENTO DE EVANGELIZAÇÃO

TEMA: COMPREENSÃO

A compreensão se revela na aceitação de cada um, no plano em que se encontra e na certeza de que todos desejam sempre oferecer o melhor de si mesmos ao semelhante.

“Vai, e dar-se-vois a Colocar - vos -ão no regaco medida boa, cheia, recalçada e transbordante, porque, com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos, vos também.” Lucas: 6:38

Desenhe aqui sua compreensão da vida.

As crianças participam dos encontros religiosos esporadicamente. Vão à missa, à catequese, e acompanham o que ocorre em suas casas. Há algumas exceções, como no caso de algumas meninas - 10 a 12 anos - que, tendo maior dom para esse tipo de atividade, integram a Conferência Nossa Senhora Mãe dos Pobres, e realizam tarefas de leitura e escrita, como as atas e anotações.

A catequese é uma situação polêmica para as crianças e catequistas. A igreja localiza-se no bairro Coração Eucarístico, onde, segundo os moradores da Vila, há uma marcada diferença de classe social. Essa igreja foi construída quando do "desfavelamento", e quem lançou a pedra fundamental e sustentou os trabalhos de construção foram os pobres favelados, juntamente com seu pároco. Para eles, há uma diferença social que se reflete na própria arquitetura e no aparato com que a igreja é mantida pelos ricos. Nas missas, há uma fileira de bancos que é ocupada pelos pobres e outra que é ocupada pelos ricos. Isso leva a conflitos, gerando inclusive suspeitas de que o atual padre discrimina os moradores da Vila, principalmente as crianças.

As catequistas se vêem às voltas com o problema da catequese na Vila. É que a Igreja propõe que as crianças sejam agrupadas segundo o nível de escolarização, ou seja, turmas de 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries do 1^o grau. Poucas crianças da Vila apresentam uma trajetória regular na escola e algumas delas nem a frequentam. Soma-se a isso o fato de que mesmo aquelas que têm essa trajetória normal não apresentam, segundo as catequistas, o mesmo nível de desempenho que as

crianças do seu mesmo nível escolar, mas que frequentam escolas de elite. O domínio das habilidades de leitura e de escrita é diferente. Encontra-se aí a dificuldade, já que o material de catequese é todo planejado a partir de um modelo escolar que atende às crianças de elite.

Essa situação pode ajudar na explicação do fato de as crianças se negarem a participar da catequese na igreja, momento em que se pode explicitar a evasão pela diferença social tão bem denunciada pelos pais dessas crianças na falta de calçados, de roupas e nas atitudes que precisam se "catequizadas".

Assim, as crianças preferem participar da catequese espírita que funciona no SENAI, bem dentro da Vila. Ali, além de não se cobrar, com rigidez, um conhecimento de habilidades letradas escolares, são fornecidos um lanche e guloseimas. Até as mães relativizam sua fidelidade católica e estimulam os filhos a participar dessa catequese.

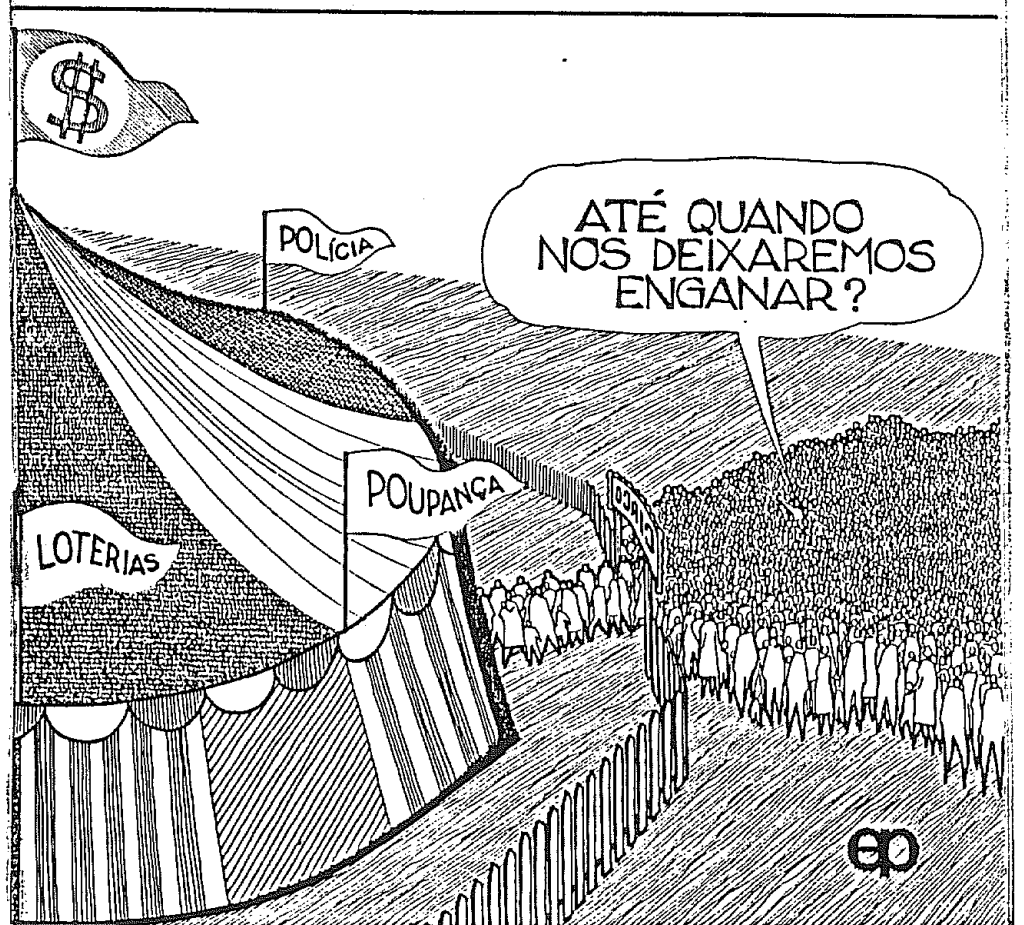
O agrupamento das crianças segundo o grau de escolarização possibilita pensar também a dupla função da escola como produtora de exclusão dos indivíduos no seu interior, assim como contribui para uma exclusão também em outras trajetórias institucionais. O mesmo raciocínio de que a possibilidade de ascensão social exige o domínio das habilidades letradas, o contato com Deus, com o mundo espiritual também passa a demandar tal conhecimento.

Grupo de jovens

Euclides Martins Balancin – Ivo Storniolo – José Bortolini

SALMOS

A ORAÇÃO DO POVO QUE LUTA



Um outro contexto onde se vê presente a pedagogia escolar do texto é o do grupo de jovens. É um grupo composto de rapazes e moças, entre 14 e 20 anos, que se reúne na igreja para discutir problemas do cotidiano e propostas de solução para esses problemas. O texto escrito constitui mediador das atividades desenvolvidas nessas reuniões. Após ler o texto escolhido como tema da discussão, algumas tarefas vêm propostas como forma de realizar os preceitos daquele texto, a exemplo do que se segue abaixo:

escrever e enviar uma carta de protesto aos administradores da justiça que não cumprem o seu dever. Escrever e enviar outra carta de solidariedade a pessoas ou grupos injustiçados.

Fazer cartazes com ilustrações e mensagens referentes ao salmo.

(Salmos - A oração do povo que luta)

No dia em que foi desenvolvida a primeira atividade acima descrita, o grupo decidiu por escrever uma carta ao padre da paróquia local protestando contra a forma como os favelados, especialmente as crianças, estavam sendo tratadas naquela igreja. Eles não concordavam com a discriminação e o descaso com que eram recebidos ali.

Concluindo, gostaria de apontar algumas considerações a meu ver importantes, com relação aos usos da escrita nas relações que envolvem a religiosidade.

Em primeiro lugar, a vivência religiosa incentiva a produção de discursos, jograis, cantos, que são utilizados em festas, romarias e encontros promovidos pela Igreja. A

necessidade de entrar em contato com o universo divino produz orações e correntes anônimas que exercem uma função mágica no sentido de sensibilizar as forças divinas para que atuem alterando e erradicando os males aqui na terra. Na catequese, por exemplo, é comum, na época do retiro, as crianças escreverem no papel tudo que consideram ruim no mundo e depois queimarem esses papéis, num ritual mágico de expiação daqueles males e pecados.

Não há quem nunca tenha recebido, na Vila, uma dessas correntes anônimas e que, ainda que não acredite fervorosamente no seu poder, não se resguarde da ameaça que elas podem trazer. É usual, pois, os moradores se verem diante da possibilidade ou de abrir o envelope e não ler para não se obrigarem a cumprir as orientações contidas na corrente; ou da possibilidade de passar para outros a corrente, jogando-a em outra caixa de correio ou debaixo da porta do vizinho, sem abrir o envelope.

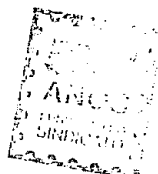
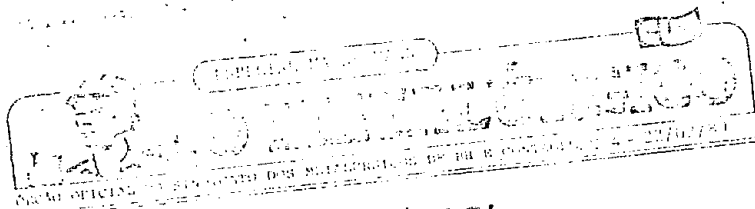
Em segundo lugar, os analfabetos, diferentemente de uma expectativa escolar, escrevem às vezes mais do que os "alfabetizados", em algumas situações religiosas. Exemplo disso é o caso de uma senhora de 48 anos, tida como semi-analfabeta, que nunca foi à escola, mas aprendeu com os pais um pouco de leitura e escrita. Ela exerce o papel de líder, especialmente em setores da vida religiosa do grupo e as suas atividades diárias extrapolam habilidades de oração, nos retiros, grupos filantrópicos, entre outros que se renovam no dia-a-dia.

Nesses grupos ela exerce funções que necessitam da

leitura e da escrita, tais como fazer a contabilidade, listas, bilhetes, leitura e interpretação da Bíblia e até mesmo a criação de hinos e orações. Apontam-se erros, uma certa ilegibilidade formal, que ela mesma resolve, e justifica dizendo que não sabe ler nem escrever. Contudo, é ela quem realiza significativamente tais atividades, que outros "mais letrados" poderiam realizar e que, por outros motivos, não realizam. A escrita, nessas situações, decorre das funções que as pessoas exercem nesses grupos. Há habilidades, a exemplo da comunicabilidade, da liderança - que precedem especificidades do saber ler e escrever.

Em terceiro lugar, o uso do material escrito nos contextos religiosos, assim como em outros, constitui-se, também e apesar de outros usos, numa prática ritualística. Não há necessariamente uma leitura pormenorizada do texto. É como se houvesse um acordo tácito no sentido de que é preciso possuir o texto, mas não obrigatoriamente lê-lo. Entretanto, a impossibilidade de leitura, no caso de analfabetos, cria significados importantes. Um deles é o sentimento de vergonha, de depreciação da auto-imagem diante do outro - indivíduo ou grupo - sentimento que não pode ser interpretado como mera fantasia, mas que se articula numa relação de reciprocidade, quando o indivíduo se vê estigmatizado e à margem, por exemplo, da participação da igreja local.

Biscateiros: lápis e livros?



PESSOAL DE 4 LETRAS:

A DECISÃO É AMANHÃ!

É isto mesmo, amanhã dia 24/02 a Mannesmann deverá comunicar oficialmente ao Sindicato se apresenta uma escala de trabalho com oito horas diárias e com folga maior ou não. Evidentemente se isto não ocorrer as negociações entre Mannesmann e Sindicato sobre escala de trabalho se encerram.

O QUE PASSA NA EMPRESA ?

Temos recebido várias informações do interior da MANNESMANN de que a diretoria já tem uma posição definida, querendo enfilar "goela abaixo" e de forma intransigente e contra a vontade dos empregados que trabalham em 4 letras, a escala 4 x 1.

O QUE DEVEMOS FAZER ?

Como já dizíamos em vários boletins, somente a nossa união e mobilização poderia garantir a implantação de uma escala que viesse ao encontro de nossos anseios e não penalizasse as nossas conquistas.

Pois bem camaradas, estamos diante de ver mais uma vez a arrogância e a intransigência se sobrepondo ao bom senso por parte da empresa. Não vamos aceitar mais essa sacanagem. Chamamos todos companheiros de 3 letras a juntarem com os de 4 porque a nossa luta é a mesma.

- VAMOS ORGANIZAR NOSSA LUTA NO INTERIOR DA EMPRESA.
- CHAMAMOS O CONJUNTO DOS COLEGAS DE OUTRAS LETRAS A SE PREPARAREM PARA A GREVE GERAL DE 14 e 15 DE MARÇO PRÓXIMO.
- ABAIXO OS PACOTES DO GOVERNO E DO PATRÃO.
- PELA REPOSIÇÃO DAS PERDAS SALARIAIS E REAJUSTE MENSAL DOS SALÁRIOS.

ASSEMBLÉIA

TERÇA-FEIRA - 28-02-89

Às 06:00 - 12:30 - 14:30 H.

NA R. JOSÉ BRANDÃO, 83 (BARREIRO)

Do ponto de vista das ocupações, na Vila São Vicente, há uma grande diversidade: ocupações femininas ligadas ao campo doméstico (faxineira, lavadeira, doméstica, costureira, copeira, cozinheira), atendimento comercial (recepcionista, balconista, caixa, datilógrafa, camelô). Ocupações mais maculinas: polícia, bicheiro, carpinteiro, pedreiro, borracheiro e serviços de oficina em geral, operador de máquina, motorista, trocador, camelô, comerciante, vendedor, reformador de estofados, contador, etc.

Não são as ocupações que, prioritariamente, determinam a forma de inserção no trabalho. O inverso parece ocorrer com mais frequência, ou seja, o processo de inserção no trabalho faz com que os indivíduos aprendam uma ou várias ocupações. E a ocupação que vem acompanhada de uma experiência de trabalho contribui para facilitar o acesso a empregos melhores.

É nesse espaço de aprendizagem de novas ocupações que se pode pensar a valorização e a busca constante de cursos rápidos e profissionalizantes que permitem maior flexibilidade de trabalho, segundo as circunstâncias de mercado e de oportunidade.

Chico fala do caráter traicoeiro da tecnologia que ameaça a estabilidade dos trabalhadores. Quando fez, há mais tempo, um curso de rolamento de motores, sua profissão era muito valorizada e dava uma nota. Contudo, quando descobriram o rolamento a alumínio, sua profissão foi pra água abaixo. Daí ele teve que se especializar em outra área, escolhendo a de torneiro de produção que é hoje uma

profissão razoavelmente valorizada. Chico aprendeu na prática do trabalho em empresas e em dois cursos rápidos que fez na Escola Técnica. Lá ele fez curso de eletricista enrolador, de torneiro e de desenho mecânico:

Fui muito bem sucedido, muito bem sucedido... nessa companhia eu tive a oportunidade de fazer curso de eletricista enrolador, tive oportunidade de fazer curso de eletricista de manutenção, tive oportunidade de aprender muita coisa lá mesmo. Eu aprendi muita coisa na firma. De lá, ela abriu falência. Eu sabia fazer muita coisa. Ela abriu falência. Eu trabalhei por conta própria. (Chico, M, 50)

Além de ter uma função prática, do ponto de vista de uma certa capacitação e flexibilidade profissional, os cursinhos cumprem uma função de aproximação com o status de letrado, de um saber acadêmico, principalmente retratado por um diploma, símbolo de graus e degraus a serem escalados:

Eu não tinha condição de enfrentar uma aula, mas toda vida eu tinha uma vontade de ser alguém. Então eu fiz cursinho. E graças a Deus, graças a esses cursinhos eu me sinto, em se tratando de um cara de pouca leitura, muito bem. (Chico, M, 50)

A minha mãe eu acho sim ela semi-analfabeta, assim como meu pai; o nível deles é o mesmo. Apesar do seguinte: meu pai ter feito vários cursos. (J.B., M, 25)

O Chico é privilegiado porque ele fez só até a 4ª série, mas ele estudou muito matemática pra fazer os cursos na Escola Técnica. (Martinha, F, 48)

As três falas acima são de pai, filho e mãe, respectivamente, refletindo uma posição de superioridade do

pai, no que se refere a um conhecimento letrado, em relação ao da mãe, pelo fato de ele ter feito cursinhos.

Tem muita gente que não tem diploma, mas diploma é bom, no caso de um problema de saúde.. Eu tenho datilografia, mas não tenho diploma. (Carmem, F, 38)

Eu tenho 7 profissões: manicure, cabelereira, massagista, maquilage, limpeza de pele, florista. Se for contar os diplomas todos, porque de cabelereira tem muito de aperfeiçoamento, tem uns vinte e tantos ou mais, que só de flores eu tenho dois. E ainda cubro botão. (Alaíde, F, 42)

A flexibilidade se dá não só para aqueles que não são formados, mas também para aqueles que têm um diploma de escolarização regular, mas que não conseguem emprego.

Minha filha estudou até o 2º grau-magistério - mas não conseguiu emprego. Agora ela apelou para um curso de esteticista, depiladora e cabelereira. (Martinha, F, 48)

Meu namorado acabou de ser mandado embora porque não tinha o curso de computação... foi mandado embora porque o serviço dele botou no computador, maldito computador. Então, assim, ele estava dentro da firma. (Cristiane, F, 18)

O que se vê é a necessidade constante de se reciclarem profissionalmente para acompanhar as demandas de mercado. Isso se reforça numa visão de determinadas profissões que, para eles, apresentam maior solidez e não são desvalorizadas, com o passar do tempo. Percebe-se, na fala de todos, jovens e velhos, uma recorrente valorização das profissões de médico e advogado, principalmente de médico. Ao lado da consciência das transformações, em vista

de um avanço tecnológico do mercado, e de uma multiplicidade de profissões, sabe-se relativizar as hierarquias criadas por essa diversidade: Cada macaco no seu galho é a expressão que bem explica a necessidade de cada um ocupar-se de sua especialidade.

No entanto, é uma especialidade relativa, que combina traços de uma versatilidade nos limites do que significa ser biscateiro, esta a melhor categoria com que eles se definem, profissionalmente.

Alguns indícios de escrita relacionada ao trabalho foram observados, já que a predominância de atividades de trabalho encontra-se na área de prestação de serviços, e poucos têm estabilidade e registro em firmas. Desses poucos, um deles é operário da Mannesmann e atua como supervisor na área de operação de máquinas. A faixa etária de seus colegas de trabalho é de 25 a 50 anos e o nível de instrução médio corresponde à 4ª série do primeiro grau. Para ser admitido na empresa foi necessário que ele se submetesse a uma entrevista, quando o entrevistador preencheu um formulário a partir de informações orais fornecidas pelo operário.

No seu trabalho, Chico admite ser importante o conhecimento letrado, embora suas tarefas de leitura e escrita sejam mínimas. Ou seja, ao final do turno, ele deve preencher um relatório que se resume em um formulário restrito basicamente a dados numéricos. Assim mesmo, só ele que atua como mestre é que realiza tal atividade, já que os outros colegas, operadores de máquina, não têm atribuição alguma que necessite de lápis e papel. É ele mesmo que

explica o fato de que para algumas funções a empresa prefere pessoas com um baixo nível de escolarização. São atividades consideradas pesadas com algum nível de risco e insalubridade. Supõem os gestores da empresa que indivíduos escolarizados têm maior poder de reivindicação.

Para esse operário, a leitura e a escrita aumentam a capacidade de aprendizagem do indivíduo na área de prática tecnológica. Entretanto, o treino na fábrica se dá pelo estágio prático nas máquinas.

Esse mesmo senhor tem dois filhos do sexo masculino, um de 27 anos e outro de 30, que apresentam concepções distintas em relação à escrita/trabalho. Um deles, o mais velho, é técnico em contabilidade e encontrava-se, na época, desempregado. Para seus pais, o fato de o filho ter estudado dificultava a possibilidade de que ele assumisse um outro trabalho tido como mais pesado e braçal. Por sua vez, o estudo não lhe garantia chance de emprego nem um salário melhor do que o correspondente a atividades que não exigiam estudo.

Seu irmão mais novo, que possui diploma de 1º grau, adquirido em curso supletivo, tinha, na época, um emprego artesanal (trabalhava na fabricação de peças em acrílico), o qual lhe rendia um salário considerável. Além do mais esse rapaz acreditava que a leitura e a escrita não tinham contribuído em nada para a aquisição dos empregos e salários que até então conseguira.

Nesse cenário, com quem se partilha a cena?

**VIII CAMPEONATO
OFICIAL DE FUTEBOL DE
SALÃO DE ITABIRITO / 88**
1.º TURNO
JUVENIL: 9 Horas — ADULTO: 10 Horas

Dia	Quadra	Jogo
08-05	Carioca Populares Esmeril	Esparta x Huracan
		Rio Verde x Itamínas
		Bela Vista x Granada
15-05	Carioca Esmeril Populares	Rio Verde x Huracan
		Bela Vista x Itamínas
		Carcarás x Granada
22-05	Esmeril Carioca Populares	Esparta x Itamínas
		Rio Verde x Granada
		Bela Vista x Carcarás
29-05	Populares Esmeril Carioca	Bela Vista x Esparta
		Carcarás x Huracan
		Granada x Itamínas
05-06	Esmeril Populares Carioca	Huracan x Granada
		Esparta x Carcarás
		Rio Verde x Bela Vista
12-06	Esmeril Carioca Populares	Carcarás x Rio Verde
		Granada x Esparta
		Itamínas x Huracan
19-06	Carioca Populares Esmeril	Itamínas x Carcarás
		Huracan x Bela Vista
		Esparta x Rio Verde

Campeão 1.º Turno Juvenil: Adulto:



(LEAL, 1986)

A idéia de que as atividades de leitura e de escrita sempre tiveram concorrentes com os quais as pessoas dividem seu tempo enfatizou, pelas características desses parceiros, funções e significados da escrita para seus usuários na Vila. Ou seja, a contraposição da escrita a outras produções culturais de um campo recorrente de significado revelou-se como uma forma de fazer emergir especificidades da mesma¹⁴.

Os meios de comunicação - rádio e televisão - são tidos como elementos que compartilham com o texto escrito a função de ensinar, de divertir, ao mesmo tempo que roubam ao leitor a possibilidade da leitura. A televisão, principalmente, pode ser vista pelos sujeitos desta pesquisa como algo positivo ou negativo, na medida que veicula conteúdos e comportamentos indesejáveis à concepção de pessoa proposta por eles; sua capacidade de facilitar a disseminação da informação cria uma contradição, no momento em que reforça um isolamento exigido pelo livro. Ler é, em certa medida, fugir do convívio social. Partilhar um conhecimento ou sentimentos de uma leitura exige mecanismos diferentes do partilhamento de conteúdos da televisão.

HEATH (1982) faz referência a uma das comunidades de sua pesquisa, onde o hábito de ler solitariamente era considerado anti-social e estranho aos hábitos do grupo. Entretanto, na Vila São Vicente, como já foi dito anteriormente, o momento da leitura é muitas vezes solitário, mas há uma

¹⁴. MAGNANI, José Guilherme Cantor, numa discussão deste trabalho, sugeriu a importância de estabelecer esses parceiros da escrita, no universo social pesquisado.

troca de significados e de objetos escritos que se faz posteriormente. Observo, porém, que a televisão permite um envolvimento, em maior escala, de telespectadores partilhando, no momento de recepção, um mesmo conteúdo cultural. Outra especificidade do livro é que ele demanda maior tempo de leitura e, ainda, exige formas diferentes e renovadas de aquisição.

A visão destrutiva da televisão pode ser também apreendida pelo discurso da Igreja, que se vê presente tanto nas pregações dos padres e seminaristas como nos seus folhetos e boletins:

A TV hoje forma a opinião pública. É, porém, uma espada de dois gumes: pode construir como também demolir. Tudo depende de quem dirige e manobra esses meios. Por isso o Concílio urge que sejam formados sacerdotes, religiosos e leigos, aptos a evangelizar, com perícia profissional, através desses meios. O documento ainda faz um apelo para que os jornalistas se empenhem em usá-los para o bem comum da sociedade humana, cuja sorte depende mais e mais do reto uso dos instrumentos de comunicação.

Mas, se forem utilizados para o *bem comum*, os meios de comunicação de massa poderão *ampliar, quase até ao infinito, o anúncio da Palavra de Deus.*

A Igreja não pode perder a oportunidade de "gritar de cima dos telhados" (Lc 12,3) a Boa Nova, através dos poderosos meios modernos de comunicação.

Colocados a serviço da evangelização são capazes de ampliar, quase até ao infinito, o anúncio da Palavra de Deus e fazer com que o Evangelho chegue a milhões de pessoas.

(O mensageiro do Coração Eucarístico, 1988, p.54)

troca de significados e de objetos escritos que se faz posteriormente. Observo, porém, que a televisão permite um envolvimento, em maior escala, de telespectadores partilhando, no momento de recepção, um mesmo conteúdo cultural. Outra especificidade do livro é que ele demanda maior tempo de leitura e, ainda, exige formas diferentes e renovadas de aquisição.

A visão destrutiva da televisão pode ser também apreendida pelo discurso da Igreja, que se vê presente tanto nas pregações dos padres e seminaristas como nos seus folhetos e boletins:

A TV hoje forma a opinião pública. É, porém, uma espada de dois gumes: pode construir como também demolir. Tudo depende de quem dirige e manobra esses meios. Por isso o Concílio urge que sejam formados sacerdotes, religiosos e leigos, aptos a evangelizar, com perícia profissional, através desses meios. O documento ainda faz um apelo para que os jornalistas se empenhem em usá-los para o bem comum da sociedade humana, cuja sorte depende mais e mais do reto uso dos instrumentos de comunicação.

Mas, se forem utilizados para o *bem comum*, os meios de comunicação de massa poderão *ampliar, quase até ao infinito, o anúncio da Palavra de Deus.*

A Igreja não pode perder a oportunidade de "gritar de cima dos telhados" (Lc 12,3) a Boa Nova, através dos poderosos meios modernos de comunicação.

Colocados a serviço da evangelização são capazes de ampliar, quase até ao infinito, o anúncio da Palavra de Deus e fazer com que o Evangelho chegue a milhões de pessoas.

(O mensageiro do Coração Eucarístico, 1988, p.54)

Na fala dos moradores também se vê a relativização da força negativa dos meios de comunicação, especialmente da televisão:

Mas tem gente que fala que não gosta de televisão, não, porque tem muita coisa ruim. Eu sou adulta, eu gosto. A hora que eu não vou na igreja eu assisto à missa na televisão. (D. Laura, F, 61)

A televisão tem seu lado negativo que está aí demais, mas também tem seu lado positivo. A gente vê nas novelas, o pessoal sempre batalhando, na luta. Quer dizer, tudo é fantástico, aquela coisa maravilhosa. É super difícil... (Cristiane, F, 20)

Se a televisão pode cumprir um papel na evangelização, a leitura pode também ser o canal para uma dinamização da Igreja, como atesta outra passagem do boletim já citado anteriormente.

110

Despertar as pessoas para o hábito de leituras que digam respeito à Igreja. Boletins de informação, folhetos bíblicos e catequéticos, revistas e livros católicos — tudo colocado ao alcance dos fiéis, dos grupos, dos jovens. Seremos então um povo mais forte, mais esclarecido na fé.

Pais introduzindo em suas casas leituras sadias, já que o mundo nada oferece em termos de crescimento espiritual.

As paróquias contribuiriam para isso se mantivessem pequenos centros de venda de publicações religiosas.

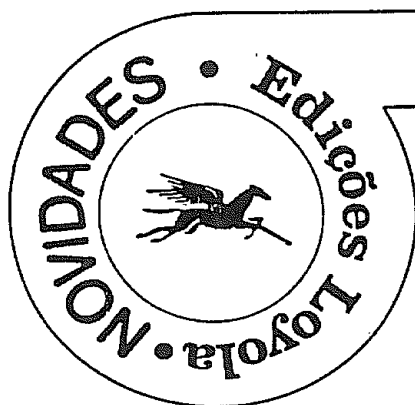
Há revistas católicas de grande valor, cuja leitura deveria ser habitual entre o povo e que, no entanto, são pouco conhecidas.

Temos de acionar meios eficazes para transformar a situação atual que é de imoralidade e violência.

E o boletim aponta a leitura como um meio eficaz para transformar a situação atual que é de "imoralidade" e "violência".

A necessidade da leitura como meio de catequese e de inserção no universo religioso se vê também nos apelos, feitos nos boletins, para a aquisição de livros religiosos, como nos exemplos a seguir. É preciso saciar a fome de boas leituras.

Vocês, queridos leitores do *Mensageiro*, estão com fome de boas leituras. Recebemos numerosas cartas aplaudindo o serviço de apresentar-lhes bons livros nas capas de nossa revista. São realmente muitos os pedidos que recebemos. Apresentamos mais alguns excelentes títulos, que acabam de ser lançados por Edições Loyola.

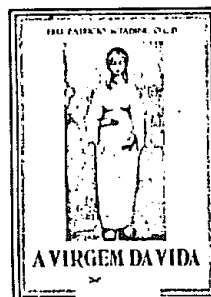


A VIRGEM DA VIDA
Frel. Patrício Sciadini

1

Ainda dentro do Ano Mariano sai este livro com uma série de celebrações para as festas marianas de cada mês, com vários salmos aplicados a Maria, várias ladainhas e breve comentário do rosário.

(Cz\$ 650,00)



2

VIDA DE SANTA TERESA DE JESUS ESCRITA POR ELA PROPRIA

PRÁTICAS DE AUTOCURA INTERIOR
Pe. Alípio José Pedrini

3



Santa Teresa de Jesus foi obrigada, por obediência, a escrever as suas experiências espirituais. Graças a isso temos esse livro maravilhoso, que realizou tantas conversões. A conhecida escritora Rachel de Queiroz fez uma tradução impecável.

(Cz\$ 585,00)

Este livro oferece exercícios práticos, concretos para que o leitor possa assumir um trabalho pessoal na solução de seus problemas de ordem psicológica e emocional.

(Cz\$ 430,00)



4

ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL
Pe. J. Ramón F. de la Cigoña

REZE, REFLITA SOBRE O EVANGELHO
Pe. Fernando M. A. de Miranda

5

A música, o futebol, o namoro, o passeio, o brincar aparecem reforçando, nas atividades que envolvem uma produção escrita, o seu papel duplo de lazer e trabalho. Além dessa dicotomia lazer/trabalho, a escrita, pelo que foi descrito anteriormente, ultrapassa os limites de uma visão pragmática dos usos e das funções do letramento no contexto sócio-cultural da Vila São Vicente. A variedade de espaços de produção e de distribuição do material, escrito, assim como as múltiplas formas do ler e do escrever são, ao mesmo tempo, causa e consequência dessas múltiplas funções e sentidos atribuídos a esse conhecimento ou objeto cultural.

Uma relação tensa se estabelece entre televisão e escrita à proporção que os dois instrumentos enquanto canais de reprodução de valores, e de comportamento, não compatibilizam interesses daqueles que produzem e que recebem as mensagens. Assim, o livro, o folheto, o panfleto ainda são, no nosso contexto social, o meio do qual a Igreja pode lançar mão para interagir com os fiéis. E, como cada instituição trabalha com os recursos que lhe são destinados, a escola daquele segmento social se vê restrita ao mimeógrafo a álcool e a alguns poucos livros de sua biblioteca e/ou do programa FAE.

Conclusão

Esta parte apresenta, num primeiro momento, uma síntese de algumas questões recorrentes e fundamentais para a compreensão do objeto em estudo. Num outro momento são feitas algumas projeções para o campo de pesquisa da escrita, numa perspectiva das suas funções sociais, e são apresentadas algumas considerações endereçadas a um interlocutor de origem deste texto: o professor.

A Vila São Vicente é uma comunidade letrada no sentido de que seus moradores lêem e escrevem quando tais habilidades são requisitadas no cotidiano. Há, no entanto, níveis diferenciados de domínio das habilidades de leitura e de escrita, num universo de indivíduos que vai desde aqueles que não decifram nada do código escrito, não assinam o nome, até um nível mais especializado de utilização da língua escrita, a exemplo de professores de nível médio de ensino. Esses dois extremos de uma possível escala de habilidades e de práticas de uso da leitura e da escrita são raros, na Vila. Assim, num universo de mais ou menos cem famílias, foram identificados quatro casos de analfabetismo total e

dois casos de professores de curso médio, com nível de graduação, na universidade.

O fato de a Vila situar-se numa grande metrópole impõe a esses moradores uma demanda de relacionamento com uma burocracia institucionalizada complexa, exigindo que criem formas de se relacionarem com essas instituições, assim como levando-os a concepções de mundo permeadas por um valor da escrita típico desse espaço urbano. Entendo, assim, que a sociedade impõe a esses indivíduos padrões de letramento que extrapolam a necessidade de decifração do texto escrito. Ou seja, a própria fala sofre mudanças advindas da língua escrita e atua em segmentos sociais distintos, letrados ou não. O que se explica, por exemplo, pelo contato com uma linguagem dos meios de comunicação eletrônicos que utilizam códigos mistos. Acompanhar e entender um telejornal é estar em contato, de forma especial, com o código escrito.

Ainda no mesmo raciocínio das diferenças, no interior desse grupo, vemos os materiais escritos, os seus espaços de utilização, assim como os comportamentos, falas e formas instituídas de relacionamento com a escrita. Os traços específicos e recorrentes de uma lógica de comportamento e de estilo de vida não nos permitem uma generalização de significados e traços universais da escrita, para o conjunto de uma sociedade complexa.

Não foi possível - e não era intenção - qualificar ou quantificar os usos da escrita, na Vila, segundo parâmetros de um grupo social intelectualizado. Foi essa emergência específica de um significado que reforçou um pressuposto

explicitado no início deste trabalho o qual afirma ser a escrita representada, por instituições sociais, como um valor em si mesmo. Embora haja, nas representações dos sujeitos desta pesquisa, manifestações com este conteúdo simbólico, emergiu, por outro lado, uma relativização do saber letrado, compondo um conjunto de valores que se revezam, como numa imagem de um caleidoscópio. Pude observar, também, nesse ambiente social, uma diferença significativa entre representações voltadas para os pares, entre iguais, e aquelas que se referiam ao outro. É nesse limite da diferença em relação ao outro que se encontra a importância de se desvelarem os sentidos políticos numa análise ideológica desse grupo; ideologia enquanto compreensão de

qual a importância das idéias na preservação de uma ordem social injusta e como, ao contrário, [podem] servir de instrumentos na transformação consciente da sociedade em direção a uma ordem social justa. (DURHAM, 1984, p. 78.)

Dessa forma é que, guardadas as discontinuidades e contradições da produção discursiva desses sujeitos, é possível visualizar uma certeza generalizada desses indivíduos de que socialmente há uma diferença nitidamente demarcada entre ricos e pobres, dominantes e dominados, diferença esta que passa a funcionar como paradigma para a construção de outras diferenças, a nível político ideológico. Esse paradigma faz com que eles, mesmo relativizando estigmas e diferenças de valores culturais, não assumam um comportamento de transformar o estigma em emblema, em valor positivo

por si mesmo. Pelo contrário, a tentativa e o esforço se fazem por parte deles ao buscarem formas de mediações que compatibilizem valores e, ao mesmo tempo, permitam encontrar saídas para os problemas mais imediatos de sua existência.

Nessa perspectiva, BOURDIEU (1991) analisa a dificuldade que pode conter um trabalho de interpretação dos comportamentos de grupos sociais desprivilegiados. Ele aponta o risco de se entender a transformação do estigma em emblema como forma de resistência ou, pelo contrário, o interesse em modificar comportamentos, em buscar parâmetros das elites, como forma de submissão.

As pessoas, na Vila São Vicente, lêem mais do que escrevem. Essa afirmação pode se desdobrar num significado da relação com a escrita. Os níveis do letramento ou a ampla alfabetização de uma sociedade estão atrelados à possibilidade concreta não só de ler mas também de escrever. Neste ponto, encontra-se uma marca das relações estratificadas dessa sociedade. Os moradores da Vila, quando escrevem, escrevem para os parceiros, em suportes e com recursos gráficos que o seu meio social lhes impõe. Entretanto, quando lêem, são abordados por vários tipos de produtos que lhes vêm de outros emissores, em outros suportes, com recursos e conteúdos específicos.

Outra marca específica da leitura nesse universo é a de que lêem muito, mas isso não significa uma posse ampla do livro. Lêem, então, em abundância, folhetos, almanaques, revistas, materiais escolares, principalmente produzidos pela Igreja e pela indústria cultural. Os livros existem em

pouca quantidade, havendo por isso um sistema de empréstimo e de troca.

Esses dois dados - poucos livros e a origem pouco diversificada dos outros materiais - permitem uma hipótese de que há uma pluralidade de usos de impressos mas uma necessidade de retomar sempre os mesmos livros, os mesmos folhetos ou de buscar temas, assuntos que mostram a repetição de um conteúdo privilegiado por eles. Há os textos preferidos, na Bíblia, as passagens que a maioria dos indivíduos já decorou, a repetição de livros de uma coleção ou de autores de *best-sellers*.

Constatei, assim, que a leitura tem uma relação intrínseca com o real, não no seu caráter pragmático, mas no seu funcionamento como um prisma que reflete pistas de compreensão e de ordenação de suas atividades, desejos, fantasias, sonhos. O texto escrito diversifica não tanto em conteúdo, mas em gênero: alguns romances, revistas e livros eróticos, picantes, os textos religiosos e os jornais e revistas, que ali circulam.

As formas de leitura - oral/silenciosa, privada/coletiva, para si mesmos/para os outros - nesse universo social é um dado que leva a uma reflexão sobre a convivência de gestos, atitudes e comportamentos que convergem para criação de formas e níveis de privatização e de sociabilidade que remontam a processos passados da história social dos povos¹⁵.

¹⁵-----
Além de SAENGER (1987) que descreve formas de viabilidade e de privatização da devoção religiosa na Idade Média, v. CHARTIER (1991) que também faz uma análise histórica dos usos da escrita, na vida privada.

Vale ressaltar que, ampliando o que se viu na Vila, as mudanças de atitudes, as novas descobertas no âmbito da leitura e da escrita produzem diferenças não só nos níveis sociais de classe, mas também no interior das próprias classes. Há quem lê desde folhetos mais simples, bilhetes, até livros mais complexos, filosóficos, religiosos, assim como há quem não lê nada e quem, segundo eles, lida com o máximo da sofisticação: o computador. Assim ocorre com os tipos de leitura. Ler silenciosamente é privilégio de quem domina essa habilidade e isso constitui distinção; ou ler com maior ou menor fluência.

Ali se vêem também as diferenças do ponto de vista da produção da escrita. Há desde quem nem assina o nome, quem apenas aprendeu a assinar e quem guarda a assinatura, como único resquício de ter aprendido a ler e a escrever; quem escreve carta legível, não legível, com erros, sem erros, quem escreve histórias de vida, atas, enfim, uma gama de distinções que merecem também um estudo mais detalhado futuramente. Há um domínio desigual das habilidades de leitura entre os indivíduos e, no plano individual, geralmente há desigualdades quanto ao ler e ao escrever.

GRAFF (1990) propõe que para estudar o *alfabetismo* é necessário, entre outras tarefas, *uma definição consistente que sirva comparativamente ao longo do tempo e através do espaço*. (p. 34). Para esse autor,

níveis básicos ou primários de leitura e escrita constituem os únicos sinais ou indicações razoáveis que satisfazem este critério essencial. (p. 34).

Avançando na sua proposta, o autor constrói uma tabela de fontes para o estudo histórico do alfabetismo na América do Norte e Europa, onde toma como categorias: fonte, medida de alfabetismo, população, país, época e variáveis.

Além da importância em termos de determinar possibilidades concretas para a pesquisa histórica, o que sobressai em seu pressuposto e em sua proposta é a ineficácia com que têm sido estruturadas as definições no campo do letramento ou do alfabetismo. As fontes que esse autor utiliza são aquelas originadas em instituições (censo, testamentos, escrituras, inventários, registros de casamento etc.). Um estudo por essa via é de grande importância, mas não se pode deixar de apontar o viés restrito com que se vê a função do letramento. A importância de buscar os espaços da intimidade, do nível do vivido no cotidiano é a de fazer emergir um material a que só se pode ter acesso, com maior vitalidade, no momento histórico presente. Ultrapassando o limite da apreensão em flagrante, há a possibilidade do estudo histórico posterior. No Brasil, particularmente, uma dificuldade em se fazer pesquisa se deve à falta do hábito e/ou de condições de construir uma memória social, de manter arquivos da produção escrita, principalmente dos grupos de baixo poder aquisitivo. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta um material significativo para futuras pesquisas.

No decorrer das análises aqui apresentadas, em alguns momentos, fiz referência à necessidade e à possibilidade de um maior aprofundamento de questões que envolvam a escrita numa abordagem dos usos sociais, ou numa concepção

antropológica. Uma conclusão a que cheguei, ao final desta investigação, é a de que é preciso articular projetos de pesquisa, desse teor, com mais pesquisadores e melhor infraestrutura; outrossim, há problemáticas que podem ser recortadas num limite menor o que permitirá, num conjunto maior de pesquisas, uma visão mais ampla e mais consistente. Algumas perspectivas:

1º) Trabalhar com recortes específicos de categorias: sexo, idade, religião, nível de escolarização e outras.

2º) Acompanhar crianças na sua relação com a escrita na escola e no seu ambiente de cultura.

3º) Fazer uma etnografia da leitura, buscando a construção social de leituras, por parte de leitores que se diferenciam por múltiplos fatores.

4º) Buscar as especificidades do processo de construção das diferenças em torno da relação com a leitura, por um lado, e com a escrita, por outro, comparando com os dados históricos, a exemplo da precedência da aprendizagem da leitura em relação à escrita.

5º) Trabalhar o material escrito que permeia o cotidiano de grupos sociais, de forma a explicitar conteúdo e forma, para melhor conhecimento desses grupos e de temáticas referentes à linguagem.

6º) Buscar o estudo comparativo dos significados sociais da escrita entre camadas sociais e/ou grupos sociais minoritários.

Os limites desta dissertação não permitem extrapolar possibilidades de utilização desta pesquisa num trabalho

escolarizado de alfabetização. Seria, por exemplo, possível inferir que a escola deveria utilizar o material com o qual as crianças se relacionam no dia-a-dia? Ou seja, o texto catequético, por exemplo, ou o conteúdo religioso constituiria uma alternativa da qual o professor lançaria mão para a alfabetização das crianças? Ou o fato de as crianças não terem um contato freqüente com o texto de ficção apontaria exatamente para a necessidade de uma maior utilização desse gênero na escola? Enfim, quaisquer perguntas de um campo de possibilidade de aplicação metodológica de uma pesquisa deste porte carece da análise de um conjunto de outros fatores que compõem o processo pedagógico.

Entretanto, há elementos que podem servir de pistas importantes para quem trabalha no âmbito da aquisição da leitura e da escrita, na escola.

1º) Os dados deste trabalho, somados aos de outros, a exemplo de CASTANHEIRA (1991), sugerem considerar que as crianças das camadas populares, em zona urbana, quando chegam à escola, levam consigo um conhecimento e uma prática de relação com a escrita que têm sido, por razões diversas, desconsideradas pela escola. Se as concepções que a criança constrói sobre a escrita no seu ambiente de cultura interferem no seu processo de aprendizagem, somente com o conhecimento dessas concepções é que o professor poderá observar em que níveis e de que forma elas atuam.

Apesar dessas considerações anteriores, o mais importante e viável, nesse momento, é ouvir daqueles que leram e lerão este trabalho quais analogias e perspectivas eles

poderão fazer para suas atividades. Outro caminho, como já foi dito, é o de ampliar a pesquisa etnográfica que incorpore a escola, numa visão integrada com os espaços do cotidiano.

2º) Assim como nessa pesquisa me propus a colocar em xeque minhas visões pré-concebidas sobre os usos da escrita, a escola, a sala de aula podem constituir-se em espaços que permitam a continuidade de uma relação de interlocução e de interpretação de universos culturais: o do aluno e o do professor, o do adulto e da criança. Esse comportamento de colocar em dúvida pressupostos arraigados sobre visões poderá contribuir para a relativização de posturas e visões etnocêntricas que os mediadores da cultura dominante, a exemplo do professor, têm sobre as camadas populares. Nesse sentido, "o partir da realidade do educando" transforma-se em entender a sua lógica de pensamento, atitudes e crenças. Ao mesmo tempo é, também, o momento de se refletir a realidade do educador, como num espelho: através do outro pensamos a nós mesmos.

3º) A constatação de que a escola é responsável pela construção de concepções sobre o ler e o escrever é indicativo de que ela tem que constantemente se perguntar sobre quais concepções, atitudes e comportamentos ela tem levado à sua clientela e em que medida essas concepções têm contribuído, no quadro de uma produção ideológica mais ampla e de utilizações da leitura e da escrita, para os indivíduos. Mais explicitamente, a escola não é simplesmente reprodutora de um universo maior da sociedade, mas é ela também local de

construção de significados culturais. BOURDIEU (1990), para problematizar a tendência em tornar o discurso popular como autêntico, denuncia nesses discursos a presença *dos clichês repisados das redações de escola primária...* (p.185)

Também é a escola responsável por uma visão da linguagem que particularmente os sujeitos desta pesquisa manifestaram: a idéia de que a língua é um sistema de conceitos e regras acabadas que todo indivíduo pode aprender, desde que passe pela escola.

Se de um lado essa pesquisa vê a escola, como um dado importante na produção de visões sobre a escrita, por outro, uma valorização excessiva do seu papel pode diminuir em alguns aspectos. Por exemplo, percebe-se que indivíduos das camadas populares não atribuem a ela a construção do analfabetismo, em decorrência da visão multifacetada que esse conceito apresenta para eles e mesmo porque muitos deles aprenderam a ler e a escrever fora da escola. Dessa forma, a escola tem outros significados educativos que remetem a uma visão mais específica dessa instituição, o que não constitui objeto desta dissertação.

Referências Bibliográficas

- ADOREMOS - Revista Vicentina. Belo Horizonte, n. 73, março/abril. 1987.
- ARROYO, Miguel. Educação e exclusão da cidadania. In: --- et alii. Educação e cidadania: quem educa o cidadão? São Paulo: Cortez, p. 31-80, 1987.
- A SENTINELA - Anunciando o reino de Jeová, São Paulo, n. 24, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. Cultura popular na Idade Média e no Renascimento - o contexto de Françoise Rabelais. São Paulo: UCITEC, 1987.
- BARTHES, Roland. Cozinha ornamental. In: ---. Mitologias. São Paulo: Difel, p. 77-78, 1985.
- BERGER, P.L., LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BLIKNSTEIN, Izidoro. Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BOLLÈME, Geneviève. O povo por escrito. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato (org) Pierre Bourdieu - sociologia. São Paulo: Ática, p. 156-183, 1983.

----- . Os usos do povo. In: ---. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, p. 181-187, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo - um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliensis, 1986.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliensis, 1984.

----- . A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia. Novos Estudos CERRAP. São Paulo: n. 21. p. 133-157, julho, 1988.

CASTANHEIRA, M. L. Entrada na escola, saída da escrita. Belo Horizonte: UFMG, 1991. Tese (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, 1991.

CHARTIER, Roger. A história cultural - entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

----- . As práticas da escrita. In: ---. História da vida privada - da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Schwarcz, p. 114-161, 1991.

DA MATTA, Roberto. Carnaval em múltiplos planos. In: ---. Carnavais, malandros e heróis - Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, p. 67-118, 1983.

-----, Roberto. Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil. In: ---. Carnavais, malandros e heróis - Para uma sociologia

do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, p. 139-193.
1983.

DAUSTER, Tânia. Nome de família: maternidade fora do casamento e o princípio de filiação patrilinear. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1987. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

-----, Tânia. "O cavalo dos outros". Resumo do estudo sobre a categoria social educação e os alunos do programa de alfabetização funcional do MOBRAF. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro: n. 40. p. 16-22, 1981.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A sociedade vista da periferia. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo: n.1, p. 84-99. 1986.

ECO, Umberto. Reflexões sobre a escrita. Cadernos do Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: n. 120. p. 38-41. Março/abril, 1989.

ENCONTROS VOCACIONAIS, Brasília, Centro Pastoral Popular.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, S.A. (org). Uma nova família? o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, p. 11-30, 1987.

- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GELB, I.J. Writing and civilization. In: ---. A Study of writing. Chicago & London: The University of Chicago Press, p. 221-235, 1963.
- GINZBURG, C. O Queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Schwarcz, 1987.
- GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GOODY, Jack. A lógica da escrita e a organização da sociedade. Lisboa: Edições 70, 1987.
- GRAFF, J. Harvey. O mito do alfabetismo. Teoria e Educação. Porto Alegre, n.2, p. 30-64, 1990.
- HEATH, Shirley Brice. Literate traditions. In: ---. Ways with words: language, life, and work in communities and classrooms. Cambridge: Cambridge University Press, p. 190-235, 1983.
- HEATH, Shirley Brice. Protean shapes in literacy events: evershifting oral and literate traditions. In: TANNEN, Deborah. Spoken and written language: exploring orality and literacy. vol. 9. Ablex Publishing Corporation

Norwood, New Jersey, p. 91-117, 1982.

- HOGGART, Richard. As utilizações da cultura - aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Presença, 1973.

LAPLANTINE, Francois. Aprender Antropologia. São Paulo, Brasiliense, 1988.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura, um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

LEAL, Ondina Fachel. A leitura social da novela das oito. Petrópolis: Vozes, 1986.

MACEDO, Carmen Cinira de Andrade. Tempo de gênese - o povo das comunidades eclesiais de base. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAGNANI, José Guilherme Canto. Discurso e representação ou de como os baloma de Kiriwana podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth et alii. A aventura antropológica-teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 127-140, 1986.

MALINOWSKI, B. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, Zaluar Alba (org). Desvendando máscaras sociais et alii. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 39-61, 1980.

MESSAGEIRO do Coração Eucarístico, São Paulo, n. 1062, Loyola-Mensagem, 1988.

MONTES, Patrícia. Amor oculto. Rio de Janeiro: Monterrey Ltda. 1980.

OLIVEN, Ruben Jorge. Por uma antropologia em cidades brasileiras. In: VELHO, Gilberto. O desafio da cidade. Novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus., p. 23-36, 1980.

OXENHAN, John. A human right to literacy? In: ---. Literacy: writing, reading an social organisation. London: Boston an Henley, Routledge Et Kegan Paul, p. 85-107, 1980.

PERROTA, Carmem. O conceito de alfabetização: aspecto histórico. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro: n.14, p. 6-11. 1985.

PINTO, Edith Pimentel. O português popular escrito. São Paulo: Contexto. 1990.

SADER, E. & PAOLI, Maria Célia. Sobre "classes populares" no pensamento sociológico brasileiro (notas de leitura sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, Ruth (org). À aventura antropológica - teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 39-67, 1986.

SAENGER, Paul. Prier de bouche et prier de coeur. Les livres d'heures du manuscrit à l'imprimé. In: CHARTIER, Roger (org). Les usages de l'imprimé. Paris: Fayard, p. 190-227, 1987.

- SALMOS - a oração do povo que luta, São Paulo: n. 20, Paulinas, 1988.
- SCHEWRMANN, Erich. Comentários recolhidos de Tuiávií - O Papalagui. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- SENA, M.G.C. A educação das crianças: representações de pais e mães das camadas populares. São Paulo: USP, 1991. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de São Paulo, 1991.
- SOARES, Magda Becker. Alfabetização: a (des)aprendizagem das funções da escrita. Educação em Revista. Belo Horizonte: n.8. p. 3-4. 1988.
- , Magda Becker. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.
- , Magda Becker. Universidade, cidadania e alfabetização. Caminhos, Publicação da Associação dos Professores Universitários de Belo Horizonte - UFMG, Belo Horizonte. n.1, p. 37-41. 1990.
- TFOUNI, Leda Verdiani. Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.
- VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

Anexos

dia 17 de agosto, momento do puer
industrial - igreja S.

Reuniao geral -
mes da beneficencia

12 - programacao

1. Puericeps
2. puer - P. Maria Immaculada
3. m. de Lopez - P. E. E. E.
4. homenagem a P. Antonio
5. coral
6. homenagem a S. D. D.
7. homenagem
8. homenagem
9. homenagem
10. homenagem

3 quadros P. D. S. S. S.
S. S. S.
O puer nos nos saqueara, musica
man -

Eu disse adios, como pensando bem
ate bruce ou melha ate logo... ate
logo

O corpo e o templo do Esp. Santo

Homenagem. A facia e a familia

Na festa tanto era o normal, os caros
nos momentos com mento pela sua, eu me
deu. meus momentos de felicidade de ser
nao souha dizer a minha. de ser de ser
esperando um pouco de ser.
Tudo da vida um dia de ser de ser
de ser de ser em toda a vida de ser
que de ser de ser.

ordenação. Se a sua ja padroaria

Coste e ~~padre~~ ^{padre} em ^{San - Jo}

Sizes que padre mono!...

M. ~~coste~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

que po padre como o padre

dos padre, ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

dem padre.

E o padre duas, comovida

no ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

de ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

E o ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

para ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

de ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

deito de padre.

A nova regra esta quase pronta,

mas de vez em quando aparece

um antigo padroaria, mais enesduda

no, pede ao padre ja ~~padre~~ ^{padre}

— Padre, foi o padre que batizou os

os outros, batize este tambem.

E o padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

pois do o ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

E o padre que ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

mas ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

em ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

continua, para ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

de ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

E o padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

de ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

primeiro ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}

quando ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}


padre ~~padre~~ ^{padre} ~~padre~~ ^{padre}



distribuído em
 um ônibus por
 uma "aliança de
 pés sujos calçados
 num chinelos barata,
 na, quatro númer-
 os > do que os
 seus pés!" (LALU)

Me dê uma ajuda
 Estou com fome
 nas sou pivete
 Deus lhe pague

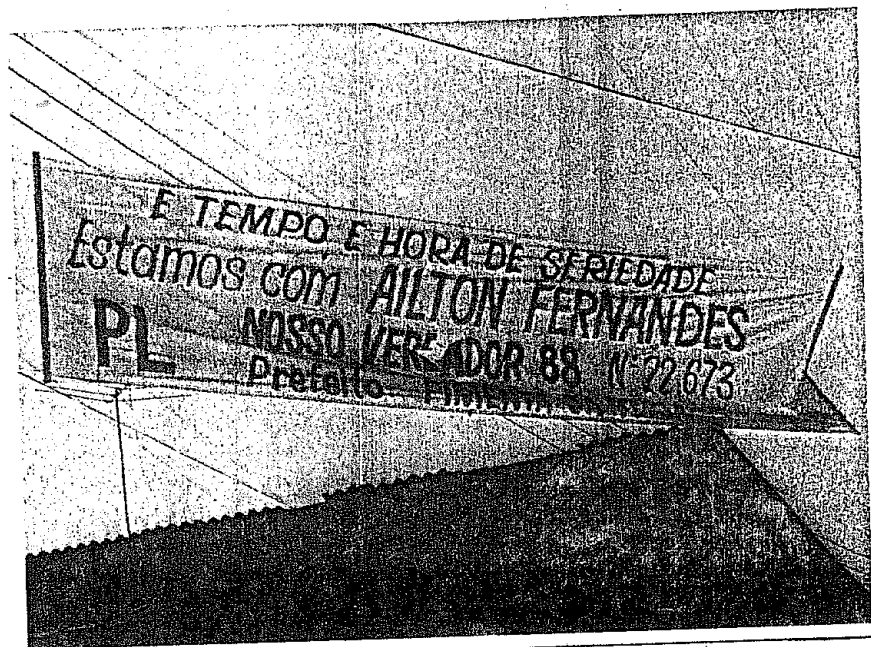
Comunidade de São Judas Tadeu

pensa em a graça impossível e seria alcançada pela Comunidade de São Judas. O dono de um escritório verificou de diversos garçons por outro lado, perdeu seu filho ao quebrar a comunidade após 24 horas quando reabrir de novo após 90 dias. 

Rece milagrosa

Confio em Deus com todas as minhas forças. por isso peço a Deus que ilumine o meu caminho

faço um pedido e distribua 20 cópias e veja o que acontece no quarto dia.



Vai para Louisa

Bela + Iorgole
Próximo Domingo

Pague seu Dízimo

~~Rua Louisa~~

Rua Louisa maná
Casa popular nº 1284

Águas Formosas
M.B.

MATERIAL ESCRITO CATALOGADO EM UMA CASA DA VILA S.VICENTE

I - Infanto-Juvenil

Coleção Joinha

Cinderela
Chapeuzinho Vermelho
Que Horas São? (para ensinar a ver as horas)
Os Três Ursos
A Bela Adormecida
João e Maria
Os Três Gatinhos
O Coelho Pedrinho

Coleção Círculo do Livro: Jane Carruth

Aventura no Escuro
Dois Irmãos e um Papagaio
A Nova Professora
Um Montão de Amigos

Indicados na Escola

Tati - A Garota e Outros Contos - Aníbal Machado
Um Cadáver Ouve Rádio - Marcos Rey
O Homem Que Queria Ser Rei e Outras Histórias -
Rudyard Kipling

II - Filosóficos

O Valor das Pequenas Coisas - Roque Schneider
Taras Bulba - Nikolas Gógol - (Círculo do Livro)
O Muro - Sartre

III- Religiosos

Bíblia
Imitação de Cristo - Tomás Kempis
O Mais Importante é o Amor- Novo Testamento
Shalom
Catecismo Infantil
O Papa do Povo (Livro do Papa)

IV - Didáticos

Português, História, OSPB, Ciências, Geografia, Cartilha

- Mobral - Educação Integrada - MEC
- Coleção de Inglês - "Como é Que se Diz? - Walt Disney
- Coleção Aprendendo - Currículo Básico da Secretaria de Educação: Ciências Físicas e Biológicas-ecologia-na temática; Estudos Sociais (História e Geografia); Comunicação e Expressão-Artes

V - Enciclopédias e Dicionários

Nova Enciclopédia Ilustrada para Educação Básica (globalizada) - Ensino Fundamental - 13 volumes
Enciclopédia Básica de Pesquisa Escolar - 3 volumes
Dicionário Português-Espanhol-Português
Dicionário Enciclopédico Ilustrado - TUDO - 3 volumes

VI - Prendas Domésticas

Tricô e Crochê - bordado, tapeçaria e costura
Decoração - O livro da casa bonita - com as idéias da revista Wohen
As Cem Receitas Mais Famosas do Mundo
Guia Internacional do Bar - drinques, coquetéis, vinhos e cervejas
Quitutes da Tia Marilu - 3 volumes
Coleção Plantas e Flores - guia completo para jardinagem dentro e fora de casa - 4 volumes
Jardim em Casa - guia prático para cultivo das mais belas plantas dentro e fora de casa, com mais de 500 fotos e ilustrações em cores

VII - Revistas

Pais e Filhos
Menino ou Menina
Cláudia
Moda Moldes

VIII - Cadernos

Escolares
Catecismo
Escotismo
O Jeitinho
Pensamentos, Poemas e Brincadeiras de Amor
Diário Pessoal (da mãe)

VIDRAÇAS BRILHANTES

Para limpar vidros, use papel de jornal embebido numa mistura de água e algumas gotas de vinagre. Depois, enxugue com uma folha seca. Não use álcool porque deixa marcas nas vidraças.

A COUVE E SUAS UTILIDADES

Se você esfregar algumas folhas de couve sobre o tapete, sua cor reavivará. Outra utilidade da couve: o chá de suas folhas, misturado a um pouco de sabão em pó, é um excelente xampu para cabelos oleosos.

CUIDE DAS UNHAS

Não existe nada pior do que unhas com esmalte descascado, que sempre dá uma impressão de desleixo. E retocar as unhas todas as vezes que for preciso não vai tomar mais de alguns minutos de seu tempo.

DA NATUREZA

Aprenda com a vovó a tirar os remédios da natureza. A erva-cidreira, por exemplo, é tiro-e-queda contra resfriados. O chá de cascas de canela resolve os problemas de gases, estômago e intestinos. As flores de tilia são excelente calmante e a raiz de alcaçuz, além de expectorante, alivia as irritações da garganta.

PÓ-DE-ARROZ

A aplicação correta do pó-de-arroz é um dos aspectos mais importantes da maquiagem. A melhor maneira de aplicá-lo é comprimindo a esponja sobre o rosto, e não dando palmadinhas. Quem usa antes uma base, deve empoar o centro do rosto para obter uma aparência mais natural, nunca seguir em direção aos lados. Depois, o excesso deve ser removido com uma esponja limpa, ou uma esconinha própria para pó.

SEDA PRETA

Para renovar as peças de seda preta que estiveram muito tempo fora de uso, passe uma esponja com um pouco de amônia e algumas colheres de álcool.

LAVE AS CORTINAS

Facilite o trabalho de lavar cortinas, colocando-as na máquina, depois de dobrá-las cuidadosamente. Assim, você evitará aquelas rugas feias e difíceis de passar. Se quiser, poderá pendurá-las ainda úmidas na janela, evitando ter que passá-las.

FLORES SECAS

Para conservar por mais tempo as flores secas, experimente borrifar um pouco de laqué, deixar secar e tornar a borrifar.



O Leite Condensado Açucarado Moça é ideal para o preparo das mais diversas sobremesas e doces como: pudins, doces de leite, bolos, tortas, pavês, docinhos, sorvetes, etc.

NOTA: Se houver cozimento da lata, deixar sempre esfriar antes de abrir.



Preparado pela Companhia Nestlé
 Fábrica de Laticínios: Calciolândia-MG Município de Arcos (SIF 260)
 CGCMF 60.409.075/0065-17 - Rótulo Registrado na SIPA
 Sob nº 200.734-7 - Indústria Brasileira - Société des Produits
 Nestlé S.A. Vevey, Suíça, proprietária das marcas.

EMILY APPLE

Ingredientes: 1 lata de Leite Moça, uma vez a mesma medida de vinho do Porto (300 ml), 1/2 maçã lavada e com cascas (50 g), 8 pedras de gelo picado, duas vezes a mesma medida de champagne (600 ml).

Modo de preparo:
 Bata no liquidificador o Leite Moça, o vinho do Porto, a maçã e o gelo. Passe a bebida para uma jarra e acrescente a champagne. Sirva a seguir.

Rendimento: 1 1/2 litro

PLUMA

Ingredientes: 1 lata de Leite Moça, 1/2 xícara (chá) de rum, 1 xícara (chá) de martini doce ou seco, 1 garrafa de guaraná.

Modo de preparo:
 Bata todos os ingredientes no liquidificador. Acrescente gelo picado a gosto e sirva a seguir.

Rendimento: 1 litro

Obs.: conforme o tempo passa, as bebidas se tornam bastante espessas, daí a recomendação fundamental para servir a seguir.

Para obter mais receitas ou informações, escreva para o Centro Nestlé de Informação ao Consumidor, Caixa Postal 8118, São Paulo, SP



O Leite Condensado Açucarado Moça é ideal para o preparo das mais diversas sobremesas e doces como: pudins, doces de leite, bolos, tortas, pavês, docinhos, sorvetes, etc.

NOTA: Se houver cozimento da lata, deixar sempre esfriar antes de abrir.



Preparado pela Companhia Nestlé
 Fábrica de Laticínios: Calciolândia-MG Município de Arcos (SIF 260)
 CGCMF 60.409.075/0065-17 - Rótulo Registrado na SIPA
 Sob nº 200.734-7 - Indústria Brasileira - Société des Produits
 Nestlé S.A. Vevey, Suíça, proprietária das marcas.

Torta de galinha

1 galinha 1 lt petit-pois 100 gr. azeitonas
verdes 4 tomates - 250 gr. manteiga,
300 gr. farinha 1 cl. chá royal 100
gr. queijo ralado 1/2 l. leite 1 cebola,
3 ovos.

Massa:

300 gr. farinha 1 cl. chá royal 1 cl.
café ~~1 cl. chá~~ farinha finíssima e ad. en-
nar 1 cl. sopa manteiga e 1 ac. chá
de água e 2 ovos Amassar
com a ponta dos dedos 300 gr.
de farinha em amassar como
pastel sovando sem.

Abriu com o do e selar.

listinar 100 gr. de manteiga com
50 gr. farinha de trigo e dividir em
3 partes

Colocar uma das partes na
massa, dobrar em 4 e levar 30 min.

Reflexo Academia de Yoga - Ballet
Ginástica - Tae-Kwondo - Jazz
3. e SABADO
PROFESSORES ESPECIALIZADOS
Direção Zêda
Rua Jacutinga, 646 - Fone: 464-4618 - P. Eustáquio
(Ao lado da Feira Coberta) - Belo Horizonte - MG

Goões P.
DU,
CAPO

Neste cartão - frente e verso - uma reutilização segun
do um costume letrado, nas relações interpessoais.

FIA NÃO TENHO
 NADA DE NOVO
 PARA CONTAR,
 A NÃO SER QUE
 AGORA TEM MAIS
 BUNDA DE MUE
 PARA EU OLHAR,
 DA UM BORAÇO
 NO TIO ZÉ E
 NA TIA ZUZIA...

OBRA-CADO PELO
 CARTÃO.

UM BORAÇO
 COM SAUDADE
 EU

114-Marcador de Páginas
 LITOARTE - Curitiba do Sul
 Fone: (054) 221.42.01

CF. 19/01/88



A amizade é uma
 das mais fortes
 necessidades da alma.

Este cartão - frente e verso - aprisiona a ambivalên-
 cia de um imaginário social: a pureza e o bucolismo da gra-
 vura e o "grotesco" e pornográfico da mensagem escrita, pe-
 lo seu emissor.